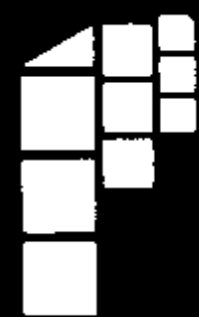


ANDRÉ LEROI-GOURHAN
AS RELIGIÕES
DA PRÉ-HISTÓRIA



PERSPECTIVAS DO HOMEM / edições 70



PERSPECTIVAS DO HOMEM
(AS CULTURAS. AS SOCIEDADES)

AS RELIGIÕES DA PRÉ-HISTÓRIA

Publicado pela primeira vez em 1964, numa prestigiada colecção dirigida por Georges Dumézil, este pequeno grande livro do autor de *O Gesto e a Palavra* continua a ser a obra de consulta indispensável para todos os estudiosos da Pré-História e da Antropologia

Esta colecção visa essencialmente
o estudo da evolução do homem
sob os aspectos mais genericamente antropológicos
— isto é, a visão do homem como um ser
que se destacou do conjunto da natureza,
que soube modelar-se a si próprio,
que foi capaz de criar técnicas e artes,
sociedades e culturas



PERSPECTIVAS DO HOMEM

(AS CULTURAS, AS SOCIEDADES)

TÍTULOS PUBLICADOS:

1. A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, dir. *Marc Augé*
2. OS DOMÍNIOS DO PARENTESCO, dir. *Marc Augé*
3. ANTROPOLOGIA SOCIAL, de *E. E. Evans-Pritchard*
4. A ANTROPOLOGIA ECONÓMICA, dir. *François Pouillon*
5. O MITO DO ETERNO RETORNO, de *Mircea Eliade*
6. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ETNO-ANTROPOLÓGICOS, de *Bernardo Bernardi*
7. TRISTES TRÓPICOS, de *Claude Lévi-Strauss*
8. MITO E SIGNIFICADO, de *Claude Lévi-Strauss*
9. A IDEIA DE RAÇA, de *Michel Banton*
10. O HOMEM E O SAGRADO, de *Roger Caillois*
11. GUERRA, RELIGIÃO, PODER, de *Pierre Clastres, Alfred Adler e outros*
12. O MITO E O HOMEM, de *Roger Caillois*
13. ANTROPOLOGIA: CIÊNCIA DAS SOCIEDADES PRIMITIVAS?, de *J. Copans, S. Tornay, M. Godelier e C. Buckés-Clément*
14. HORIZONTES DA ANTROPOLOGIA, de *Maurice Godelier*
15. CRÍTICAS E POLÍTICAS DA ANTROPOLOGIA, de *Jean Copans*
16. O GESTO E A PALAVRA — I TÉCNICA E LINGUAGEM, de *André Leroi-Gourhan*
17. AS RELIGIÕES DA PRÉ-HISTÓRIA, de *André Leroi-Gourhan*
18. O GESTO E A PALAVRA — II A MEMÓRIA E OS RITMOS, de *André Leroi-Gourhan*
19. ASPECTOS DO MITO, de *Mircea Eliade*
20. EVOLUÇÃO E TÉCNICAS — I O HOMEM E A MATÉRIA, de *André Leroi-Gourhan*
21. EVOLUÇÃO E TÉCNICAS — II O MEIO E AS TÉCNICAS, de *André Leroi-Gourhan*
22. OS CAÇADORES DA PRÉ-HISTÓRIA, de *André Leroi-Gourhan*
23. AS EPIDEMIAS NA HISTÓRIA DO HOMEM, de *Jacques Ruffié e Jean Charle Sournia*
24. O OLHAR DISTANCIADO, de *Claude Lévi-Strauss*
25. MAGIA, CIÊNCIA E CIVILIZAÇÃO, de *J. Bronowski*
26. O TOTETISMO, HOJE, de *Claude Lévi-Strauss*
27. A OLEIRA CIUMENTA, de *Claude Lévi-Strauss*
28. A LÓGICA DA ESCRITA E A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE, de *Jack Goody*
29. ENSAIO SOBRE A DÁDIVA, de *Marcel Mauss*
30. MAGIA, CIÊNCIA E RELIGIÃO, de *Bronislaw Malinowski*
31. INDIVÍDUO E PODER, de *Paul Veyne, Jean-Pierre Vernant, Louis Dumont, Paul Ricoeur, Françoise Dolto e outros*
32. MITOS, SONHOS E MISTÉRIOS, de *Mircea Eliade*
33. HISTÓRIA DO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO, de *E. E. Evans-Pritchard*
34. ORIGENS, de *Mircea Eliade*
35. A DIVERSIDADE DA ANTROPOLOGIA, de *Edmund Leach*
36. ESTRUTURA E FUNÇÃO NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS, de *A. R. Radcliffe-Brown*
37. CANIBAIS E REIS, de *Marvin Harris*
38. HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, de *Maurilio Adriani*
39. PUREZA E PERIGO, de *Mary Douglas*
40. MITO E MITOLOGIA, de *Walter Burkert*
41. O SAGRADO, de *Rudolf Otto*
42. CULTURA E COMUNICAÇÃO, de *Edmund Leach*
43. O SABER DOS ANTROPÓLOGOS, de *Dan Sperber*
44. A NATUREZA DA CULTURA, de *A. L. Kroeber*
45. A IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA, de *Gilbert Durand*

AS RELIGIÕES DA PRÉ-HISTÓRIA

AS RELIGIÕES DA PRÉ-HISTÓRIA

PALEOLÍTICO

ANDRÉ LEROI-GOURHAN

O MITO, O RITO E O RESTO

Introdução à edição portuguesa por:

Victor Gonçalves

Título original: *Les religions de la préhistoire*

© Presses Universitaires de France, 1964

Tradução de Maria Inês de Franca Sousa Ferro

Revisão de Victor Gonçalves

Capa de Edições 70

Depósito legal n.º 129615/98

ISBN 972-44-0604-0

Todos os direitos reservados para língua portuguesa por
Edições 70, Lda.

EDIÇÕES 70, LDA.

Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Esq.º - 1069-157 LISBOA / Portugal

Telefs: (01) 3158752 - 3158753

Fax: (01) 3158429

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos do Autor será passível de
procedimento judicial.



edições 70

O MITO, O RITO E O RESTO

Victor Gonçalves *

1. Dificuldades de um percurso

Um episódio do Canto IX da Iliada desde muito cedo reteve a minha atenção. E não tanto pela sua indiscutível importância no contexto (trata-se da reconciliação entre Aquiles e o Atrida) como pelo potencial exemplificativo que encerra. O texto é pormenorizado e justifica que o relembremos: Taltíbios, segurando um porco reprodutor, coloca-se perante Agamemnon. Este desembainha o punhal que costuma trazer junto à espada e corta ao animal alguns pêlos, como primícias. Levanta as mãos ao céu, dirigindo-se a Zeus. Sentados, os Argivos mantêm-se em silêncio. Terminada a oração, o pastor de povos degola o porco. Taltíbios lança então o corpo ao mar, fazendo-o voitar.

Que restaria, em termos arqueológicos, desta cerimónia, tenha-se ela realmente passado no tempo do cerco de Tróia ou nesse outro, aliás próximo, em que foi registada de forma escrita?

De Taltíbios, o apreciado arauto, de Agamemnon, rei de reis, do anax. Aquiles, apenas alguns ossos cuja identificação tem fraco índice de probabilidade. Do porco, nem isso, uma vez atirado ao mar...

Os gestos e o percurso do rito perder-se-iam integralmente. E o único possível sobrevivente, o punhal, apenas naquele curto instante foi protagonista de uma acção não prevista necessariamente entre as suas múltiplas funções de origem.

Mas se a cerimónia não seria recuperável sem registo escrito, não faltaria certamente quem, a partir de um

* Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa (INIC).

qualquer punhal, recriasse toda uma complexa série de gestos e, quem sabe, todo um contexto a revestir a magreza dos factos. Imaginação bem patente nos filmes «históricos» americanos ou, de forma ainda mais descarada, nos filmes italianos dos anos 50 sobre temas da antiguidade clássica. Ou numa certa literatura pré-histórica que proliferou e deixou herdeiros.

Não se quer dizer que todos os estudiosos de grutas pré-históricas sejam assimiláveis aos imaginativos realizadores de filmes históricos. Só que, em muitos casos, devemos reconhecer não terem andado longe.

Feiticeiros cornudos proferindo encantamentos no fundo da gruta. Adolescentes aterrorizados num qualquer rito de passagem. Caçadas mágicas pintadas ou gravadas em recantos obscuros. Machos com cio e fêmeas grávidas. Todo o folclore gerado desde 1878 e que ainda pesa sobre um dos mais extraordinários testemunhos da emergência da mentalidade simbólica.

Arte mágica, arte pela arte, o recurso sistemático ao comparativismo etnográfico, o totemismo, a magia da fecundidade, outras tantas interpretações sugestivas mas, infelizmente, quase totalmente divorciadas da frágil teia dos factos recuperados.

Autores entusiasmados pelo campo de especulação que lhes aparecia aberto, encorajados pela fraca resistência que o homem pré-histórico lhes podia opor, projectaram os seus próprios fantasmas, tema sedutor para teses de doutoramento em psicanálise, nos pobres e indefesos cavernícolas. Tal como, mais tarde, certos autores, sem escrúpulos, por ingenuidade ou estrita obediência, lançariam a luta de classes em plena Pré-História mais recente, assim o paleantropo ou o sapiens surgiram como obcecados sexuais ou pios adoradores de uma divindade qualquer. Visões de amadores ou de arqueólogos-de-horas-vagas, dir-se-á, mas, também, o que é mais grave, de investigadores com outras responsabilidades.

E assim foi surgindo uma imagem, ainda hoje divulgada, cuja grosseria espanta e cuja aceitação não crítica é, no mínimo, anedótica.

Em 1964, na sequência de uma série de estudos pioneiros, André Leroi-Gourhan publica a primeira edição deste pequeno ensaio, desmistificador como poucos. Reduzindo os factos a eles próprios, vemos tombar ou recuar consideravelmente construções que faziam carreira. O culto dos ursos, o culto das ossadas, o caniba-

lismo mágico, os xamans-artistas, são cuidadosamente revistos à luz crua da realidade disponível.

E o que resta não é muito.

2. Leituras

A construção de um texto como este traduz, quase sempre, na sua ossatura, a própria seriação de categorias, constituindo aqui um autêntico esqueleto da «religião» do homem pré-histórico.

A. L.-G. entende como quatro as categorias amplas a que nos podemos referir (1) culto das ossadas (2) práticas mortuárias (3) objectos e ritos (4) a arte religiosa.

E se, nos casos 1 e 2, poderíamos eventualmente (e porque não?) falar de ritos (quando os houve), se no terceiro caso as dúvidas persistem, qualquer hesitação é posta de lado quando se encaram as «manifestações artísticas» do Paleolítico Superior, indiscutivelmente ligadas a um vasto complexo mitológico, solidamente estruturado e coerente nos seus contextos múltiplos.

Num sentido, As Religiões da Pré-História pode ser lido de uma dupla maneira ou num duplo percurso: o seu autor coloca-se numa posição deliberadamente crítica, hiper-crítica dir-se-ia, e decompõe severamente as efabulações correntes, não as negando nos factos que mobilizam mas na fragilidade das explicações sobre eles construídas e na inexistência ou escassez de argumentos apoiados em observações específicas e contextuais rigorosamente registadas. Mas, por outro lado, este pequeno livro ultrapassa os efeitos do seu aparentemente excessivo criticismo e acaba por nos trazer mais perto do homem pré-histórico provável. Nivelando as informações disponíveis, comprimindo as teorias ao nível permitido pela natureza altamente truncada dos factos, acaba por nos sugerir uma imagem menos heróica mas certamente mais genuína, ou, se quisermos, menos carregada por preconceitos ou deformações gerados pela nossa própria cultura.

Com efeito, não basta dizer que vivemos qualquer coisa como 30 000 anos após as primeiras pinturas rupestres ou 9000 depois das últimas manifestações artísticas do homem paleolítico. Na verdade, nós vivemos sob enorme carga cultural, homogeneizada pela expansão imperial romana e pasteurizada por dois mil anos de cristianismo e alguns menos de «civilização ocidental».

Conceitos como o de deus (único ou múltiplo ou inexistente), religião (popular ou elaborada), culpa, pecado, interdito ou tabu, têm, como tantos outros, significações diversas segundo os contextos (e, muitas vezes, não têm nenhuma).

Daqui será possível partir para algum lado?

Seria optimismo ou imprudência pensarmos que sim e A. L.-G., noutros lados como agora severo crítico dos excessos do comparativismo etnográfico e das alegres extrapolações dos seus partidários, não deixa de se assumir como o que é: um investigador da segunda metade do século XX perante ossadas, pinturas, gravuras ou estatuetas alguns bons milhares de anos anteriores. Neste sentido, a chave não reside em se fazer tábua-rasa do que se é (aliás impossível) mas em filtrar todas as informações não directamente recolhidas (a quase totalidade) por crivos sucessivos de malha cada vez mais apertada. Crivos que pressupõem prescrições rigorosas e severos controlos de passagem: (1) serão os factos em análise unívocos? (2) partem de correctos registos de escavação? (3) quais os contextos verificados?

Sedutoras podem parecer as hipóteses mas, na quase totalidade dos casos, se as interrogações supra enunciadas não forem seguidas por respostas firmes, A. L.-G. recusa sistematicamente os raciocínios mais ou menos hábeis que as permitiram.

E numa perspectiva, se nos esquecêssemos de um Capítulo (o IV, A arte religiosa), este seria um livro que bem se poderia intitular Da não existência provada da religião pré-histórica.

Claro que tudo, ou quase, começa pela própria palavra religião e pela natureza peculiar do facto religioso.

3. Religião e comportamento religioso

E sobre religião A. L.-G. é bem explícito e logo à partida: — «É impossível — aqui — separar religião de magia, na ausência de uma fundamentação segura. E 'religião', no que se refere ao Paleolítico, terá obrigatoriamente de se limitar às manifestações [que ultrapassem as operações simplesmente técnicas e a essas outras] de natureza exterior às necessidades da vida material» (p. 5).

Esta afirmação é sobretudo um indicativo ou demarcação prévia de área e é precedida ou antecede toda uma

série de exemplos analógicos muito ao gosto de A. L.-G., centrados nos possíveis problemas de leitura que encontraria um extra-terrestre ao tentar uma interpretação razoável dos símbolos exteriores do cristianismo ou de qualquer outra religião.

Se a ambiguidade, a polivalência significativa do objecto, escondem quase sempre o seu verdadeiro simbolismo (uma vez que este só é recuperável se as estruturas contextuais forem igualmente recuperadas) o arqueólogo e o pré-historiador não poderão vez alguma deixar de o ter em conta ao procurarem interpretar traços, ainda por cima necessariamente ténues, de um comportamento desaparecido.

Outro ponto importante reside nas ligações formais entre o comportamento técnico e o comportamento religioso. Talvez seja a altura de dizer que um certo biolismo (no entanto bem longínquo daquele outro de Morin), particularmente nítido no Geste et la Parole, na interpretação da emergência do artefacto numa perspectiva mais natural que cultural, é reactivado sob uma nova cobertura mas num processo obviamente paralelo àquele: o comportamento religioso é um comportamento tão prático como o comportamento técnico.

Esta funcionalidade não é apenas subjacente mas existe no próprio tecido do comportamento religioso e, de certo modo, desmitifica-o. Com efeito, ele torna-se, nesta perspectiva, algo de necessário, não por emanência ou telecomando de um qualquer princípio extra-humano mas pela verificação de um impasse explicativo em determinadas condições de crescimento técnico e teórico. O mito substitui aqui o gesto técnico, tornado insuficiente para domar uma certa realidade inexplicada e o rito surge agindo de forma idêntica à lascagem de um bloco de sílex ou ao retoque de um artefacto. Acção ou acções que tornam algo anónimo em inteligível e útil.

Um discurso como o que se tece em torno ao comportamento religioso do homem pré-histórico será necessariamente um discurso sincopado. E descontínuo (pelas lacunas evidentes da informação).

Religião é, no Paleolítico, um sistema de gestos operatórios, codificados, adoptados colectivamente e articulados provavelmente numa série de histórias. Histórias que — enquanto traduções do mito e mito elas próprias — irão organizar a gruta e criar nela um espaço de ligação do mundo imediato dos homens a um outro, eminentemente explicativo, e por isso mesmo altamente útil.

As palavras, os gestos, as técnicas, diluem-se assim num outro ambiente, em que ganham outros significados e onde acabam por funcionar como cimento de homens e comunidades.

4. Os componentes do mito construído, a crítica do culto das ossadas

Ossos, humanos e outros, isolados ou em conexão anatómica, permitiram a criação de teorias curiosas e deram azo a explicações azougadas.

Num capítulo metodologicamente de grande importância, A. L.-G. decompõe, após enumeração prévia, as situações-chave deste primeiro grande componente da religião pré-histórica: (1) o culto dos crânios (2) amontoados intencionais de ossos (3) círculos de crânios (4) ossos incorporados em montes de pedras (5) ossos decorados (6) os troféus (7) o culto do urso.

E, a todas as «explicações» clássicas, A. L.-G. contrapõe uma série coerente de objecções. Objecções que todas elas pressupõem a convicção de que «a Pré-História é uma espécie de colosso-de-cabeça-de-barro, tanto mais frágil quanto nos afastamos da terra rumo ao cérebro. Os seus pés, feitos com testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, são bastante firmes; já as mãos são mais friáveis porque o estudo das técnicas pré-históricas está assinalado por uma grande aura de conjecturas. A cabeça, desgraçadamente, explode ao menor choque e, muito frequentemente houve quem se contentasse substituindo a cabeça do colosso decapitado pela do pré-historiador. E é assim que, através das publicações, o homem pré-histórico muda de personalidade religiosa, umas vezes mago sanguinário ou pio coleccionador de crânios de antepassados, outras dançarino libidinoso ou filósofo desiludido, segundo os autores; o seu comportamento deveria ser estudado não através dos factos, que, como veremos mais adiante, são por vezes bem pouco consistentes, mas através das biografias dos pré-historiadores.» (pp. 2-3).

Julgamento porventura duro mas que qualquer um automaticamente recordaria ao rever no Pallazzo dell'Arte a exposição 'I Camuni', promovida pela cidade de Milão e pelo irrequieto Centro Camuno di Studi Preistorici...

Com efeito, a solução mais fácil para revestir de subtis efeitos uma mesa de pedra é chamar-lhe altar, a maneira óptima de valorizar (leia-se rentabilizar) uma gravura de cães é chamar-lhe 'o culto do cão'. Processo mental idêntico ao sistemático esquecimento da desigual resistência dos ossos aos agentes físico-químicos, quando se invoca o culto de certos ossos, privilegiados. Ou à interpretação de Stellmoor como um sábio e denso ritual, as decorações geométricas como traduzindo elevado e específico simbolismo da matéria-suporte. Ou falar de culto do urso, ignorando voluntariamente os efeitos da hibernação e a actividade dos plantigrados nas grutas-refúgio.

Que resta, então, após a triagem?

Do culto das ossadas, não muito. Mas ainda assim alguns factos significativos, em El Guettar, na Gruta da Hiena (Arcy), a reforçarem a convicção de que não é impossível que um certo significado tenha sido concedido aos ossos de alguns animais, por uma ou outra razão (todas desconhecidas, convenhamos). Ir mais além torna-se arriscado. Ou, por outras palavras, exigiria que puséssemos de lado a imaginação científica e a trocássemos por essa atitude bem mais cómoda e (aparentemente) mais proveitosa que se pode rotular simplesmente de... imaginação.

5. O além-túmulo

Quatro grandes categorias de hominídeos se sucedem no tempo, todas elas evoluindo durante o Paleolítico. Dos Australantropos restam-nos alguns restos ósseos, por vezes suficientes para deles termos uma imagem física nítida, e alguns seixos afeiçãoados uni e bifacialmente. Os Arcantropos, dominando técnicas de talhe mais evoluídas, enxamearam África, Ásia e Europa. De ambos os grupos nem um traço referente a um cuidado particular em relação aos mortos. O que não é dizer que ele não tenha existido: significa apenas que nenhum traço permite actualmente supor que ele existiu.

A questão do culto dos mortos parece, portanto, colocar-se hoje no processo global da neantropização, correspondendo a duas etapas técnicas da maior importância, o estereótipo levalloiso-musteriense e o complexo de indústrias designado geralmente por Paleolítico superior.

Dirá respeito aos *paleantropos* (*neanderthalenses* e outros) e aos recém-chegados *neantropos* (o que é dizer o *sapiens* nas suas primeiras formas).

Não parece haver dúvida da atenção concedida por alguns *neanderthalenses* aos seus mortos: *La Chapelle-aux-Saints*, *La Ferrassie*, *Qafseh* e, sobretudo, *Shanidar* e *Techik-Tach* constituem, entre outros, sólidos argumentos em apoio desta proposição. Outro tanto não poderá, no entanto, dizer-se a propósito de outras práticas que ultrapassem a simples deposição intencional dos mortos.

O canibalismo não é certamente contestável, há factos concretos e indesmentíveis a prová-lo. Mas chamar-lhe ritual é um autêntico passo no escuro. Poderá eventualmente ter acontecido que um nosso antepassado devorasse um próximo-importante, ou a comunidade decidisse assimilar, em sentido estrito, um chefe respeitado, mas que pode ter restado dessa «decisão»?

E não é certamente por acaso que se centra aqui parte importante da polémica. A morte, com todas as suas implicações, não está no quotidiano do não-humano. Mas obceca de tal modo a nossa espécie que permitiu ou conduziu directamente à elaboração de mitos e ritos específicos, destinados concretamente a minimizar o pavor pelo momento em que somos desligados e em que a fugaz coerência do pensamento consciente se dispersa irremediavelmente.

Nos mais antigos ciclos míticos registados, em *Ziusudra* e *Gilgamesh*, essa obsessão é evidente.

No Egipto, a gestão da morte está indissoluvelmente ligada ao poder político. Na Grécia antiga, o belíssimo mito de *Sísifo* recorda que o retorno ao convívio dos humanos bem justifica o desafio aos deuses.

Vê-se mal o recolector nómada, vagueando num amplo espaço, sempre em busca de alimento, com tempo suficiente para se deter sobre esta questão, por fundamental que ela seja. Mas o aumento da coesão do grupo, a complexidade crescente das relações pessoa-a-pessoa, a semi-sedentarização garantida pelo nomadismo bi-polar, não devem ser estranhos ao aparecimento das primeiras provas indesmentíveis de uma deposição intencional do morto em lugar protegido.

Resta-nos saber que ritos acompanhariam esta deposição do companheiro morto em caçada, combate ou de forma natural.

O ocre e os corantes em geral são frequentemente invocados, a par de objectos ou artefactos considerados

votivos. Fósseis e conchas, minerais com formas bizarras, lâminas associadas a corantes, ossos e restos de talhe. Só que, na verdade, «ce qui en ressort est effroyablement pauvre» (p. 76).

E o balanço, até agora decepcionante para os aficionados das grandes explicações, ficaria em níveis insuficientes, consideradas as limitações das fontes, se a emergência da mentalidade simbólica não tivesse sido testemunhada por um fenómeno de alcance extraordinário, a figuração gráfica em matérias-suporte duráveis.

E André Leroi-Gourhan, resumindo alguns notáveis estudos anteriores, propõe então um projecto explicativo que pelo seu rigor e ineditismo justifica uma leitura repetida.

6. A arte religiosa

Quer falemos de arte móvel ou de santuários de gruta/ar livre, várias questões se levantam à partida. A primeira diz sem dúvida respeito ao próprio artista pré-histórico, a segunda ao conteúdo da simbologia gráfica por ele utilizada. A terceira, indissolúvel das restantes, refere-se ao enquadramento social de ambos.

Houve tempo em que André Leroi-Gourhan chamou a atenção dos pré-historiadores para um aspecto até então pouco focado: a função necessariamente social do acto criativo e a automática aceitação colectiva (ou melhor: exigência colectiva) do papel do pintor ou gravador das grutas paleolíticas. E, de novo, o aspecto iminentemente prático do rito se evidencia e a compensação (em comida, tempo livre) inevitavelmente concedida ao artista paleolítico esclarece a natureza da sua função e transforma-o num autêntico mandatário do grupo em actos de ligação e organização do espaço. Espaço natural, espaço extra-natural, espaço humano: haveria consciência específica destas três categorias? Ou da necessidade de as ligar, de forma a tornar o todo compreensível?

Para que uma certeza nos fosse permitida seria importante que estivessem ao nosso dispor informações seguras, interpretativas dos conjuntos parietais e móveis.

Ora, na abertura do seu livro fundamental sobre a arte pré-histórica (*La Préhistoire de l'art occidental*, Paris, Mazenod, 1965), A. L.-G. afirma explicitamente: «Assimilada toda a bibliografia, voltei em 1957 a ver as

grutas, esperando recolher as indispensáveis exemplificações. Nelas não encontrei nada do que procurava, isto é: esse universo caótico, essas obras desordenadamente lançadas sobre as paredes por gerações sucessivas de caçadores, caos no qual bastaria observar as sobreposições, e triar, para reencontrar fatias de cronologia. Lascaux ou Altamira não me chocaram pelo pulular das épocas mas pela unidade de cada um dos conjuntos: desde os primeiros meses que a gruta, como um todo, me interessou mais que a busca de cortes no tempo.» (p. 19).

É portanto este o começo do itinerário de A. L.-G. Perante os registos incompletos, incorrectos, parciais, confusos, que sobrevalorizaram figuras consideradas na conjuntura mais impressionantes, os nacos mais saborosos das grutas decoradas, haverá que substituir essa ilusória realidade, esse patchwork de loja de esquina, pelo registo integral e sistemático. Falando chãmente, dir-se-ia que o A. compreendeu em primeiro lugar que a vaca não se reduz aos bifés e que, mesmo para além dos tecidos e do esqueleto, há outra coisa que a individualiza. E, para além do bife, há o entrecosto, o osso-buco e o aproveitamento integral do bicho, uma vez impossível saber por que pastagens gostava ele de vaguear.

Que é dizer: exterior mas intrínseca a cavalos, bisontes, auroques, rinocerontes e homens, existe a totalidade que é a sua e a rede das associações próprias que lhes confere um novo sentido. Partindo de uma imagem clássica, de caos e primarismo interpretativo, A. L.-G. vai encontrar no posicionamento das figuras e nos seus emparelhamentos umas das possíveis chaves de descrição. Sabendo, todavia, e abertamente o confessando, que o próprio homem de Cro-Magnon, se pudesse ler a sua explicação muito provavelmente encolheria os ombros, [com um sorriso céptico] (p. 83).

Mas também não é verdade que somos sempre os menos indicados para confirmar os juízos sobre nós por outrem emitidos?

Voltando ao texto, e no que se refere em particular à leitura da arte paleolítica, algumas novas contribuições penso de sublinhar: (1) afirmação da profunda coerência da mensagem transmitida (2) utilização de dois métodos que se podem considerar inéditos: o levantamento integral e a topografia estatística das situações, permitindo separar as dominantes dos casos minoritários (3) redistribuição do valor dos temas, consequência da utilização dos métodos referidos atrás (4) re-interpretação dos sig-

nos e sua distribuição por um sistema binário (5) definição de uma atitude crítica fundamentada na indispensabilidade de um registo arqueológico exaustivo. A solidez das interpretações é directamente proporcional à qualidade do trabalho de campo.

Se começarmos pelo primeiro ponto, observa-se sem dificuldade a progressiva carga das hipóteses ou afirmações avançadas por A. L.-G. no que respeita à coerência da mensagem consubstanciada na arte paleolítica. Começando por ridicularizar o fragmentário dos juízos baseados em comparativismos etnográficos e na incompreensão que eles patenteiam do aspecto globalizante e coerente do mundo do 'primitivo actual' (p. 81), A. L.-G. fala da «extraordinária unidade do conteúdo figurativo» (p. 85), que não só não varia de — 30 000 a — 9 000 como permanece idêntico das Astúrias ao Don (id.). Fala de 'unidades regionais' considerando-as 'sólidas e estáveis' no espaço-tempo, de uma arte que «segue uma curva evolutiva coerente, comparável à de outras artes conhecidas ao longo de períodos extensos» (p. 90). Observa que muitas grutas foram decoradas 'de uma só vez' e não mais visitadas (p. 92) e termina por as considerar como a qualquer outro monumento: «não são agregados anárquicos de figuras de todas as épocas, lançadas ao acaso sobre as paredes, mas, tal como os monumentos de outras culturas, conjuntos de testemunhos estilísticos, ajustados de modo mais ou menos estreito, mas coerentes no tempo» (pp. 92-93). Mas — o que não é pouco importante — «salvo raríssimas excepções, as imagens tardias não sobrecarregam as precedentes, foram feitas nas superfícies disponíveis e a maior parte das sobreposições são contemporâneas e intencionais (...) Em Lascaux, não apenas se não degradaram os grandes conjuntos como eles foram restaurados, e pelo menos duas vezes, nos casos da ábside» (p. 143).

Ou ainda — e a terminar — a afirmação que é a verdadeira cúpula deste crescendo: é a «constância extraordinária do dispositivo simbólico» que lhe permite falar ainda de um conteúdo mitológico precoce mas coeso e progressivamente enriquecido (p. 151).

Quanto ao levantamento integral e ao emprego da topografia estatística, é a primeira consequência da sua utilização que sobressai no isolamento dos conjuntos significantes e nas associações de conjuntos distribuídos por áreas específicas.

Se isto se aplica em relação a figurações de homens e animais, restituindo-lhes a devida proporcionalidade, no que respeita aos signos (15% das representações), uma outra operação divide-os em α e β e associações $\alpha + \beta$ ou emparelhamentos. Esta operação terá sequências importantes e, de algum modo, prolonga a análise da dominância e distribuição dos temas animais: 39% dos casos abrangem o cavalo (24%) e o bisonte (15%). Os temas humanos reduzem-se a 6,5% (4% de representações de homens e 2,5% de mulheres).

Como explicar esta proporção? Para o A., das duas possibilidades abertas (significado económico imediato do cavalo e do bisonte ou tratar-se de um tema mitológico principal em que ambos desempenhem um papel central), a segunda é francamente mais plausível. E prosseguindo, passando destes números (gerais para toda a arte paleolítica) a outros, específicos das situações parietais, os animais vão surgir noutras proporções, porventura mais significativas.

Nos casos parietais, os animais surgem em quatro classes estatísticas: A, cavalo; B1, bisonte, B2, auroque; C1, veado, C2, mamute, C3, cabrito-montês, C4, rena; D1, urso, D2, felino, D3, rinoceronte. As classes alfa e beta dos signos junta-se agora uma terceira classe, gama, que inclui os que assinalam o fim e o início dos conjuntos e que o A. assimila aos alfa.

A estas situações estatísticas acrescentam-se situações topográficas de três tipos latos, subdivididos ainda numa malha topográfica mais apertada.

A. L.-G. constatou esta distribuição em 72 grutas particularmente bem conservadas num total de 125, registando 2500 figuras traduzindo mais de 1200 situações. Sete pontos são avançados, após este impressionante esforço, e, pelo menos em meu entender, constituem o fecho da construção teórica a que temos vindo a fazer referência: (1) o bisonte e o auroque desempenham o papel principal no jogo figurativo (2) o cavalo aparece sempre associado aos bovídeos (3) estes três animais constituem o centro do dispositivo figurativo, num sistema binário, o que é confirmado pela própria distribuição dos signos (4) a relação/oposição das figuras B + A (bisonte + cavalo) tem correspondência na relação/oposição dos signos $\alpha + \beta$ (5) estamos perante pares-de-pares e não de pares-simples, o que reposiciona as figuras numa outra óptica (6) esta relação/oposição é a 'chave da simbólica paleolítica' (p. 104), em dois núcleos simbó-

licos assimiláveis aos princípios masculino/feminino (7) a própria elaboração conceptual que preside a esta organização do espaço é de tal forma complexa que torna absurdas as interpretações simplistas do pensamento do homem paleolítico e que o reduzem a grosseiros esquemas mágico-religiosos.

Não se resume aqui e a isto o contributo de André Leroi-Gourhan mas teria sido errado não particularizar alguns aspectos da sua leitura da arte religiosa, aspectos responsáveis por uma verdadeira revolução nos processos de análise da religião pré-histórica.

Critique-se o seu criticismo, aponte-se um certo exagero na dissecação do 'feiticeiro' dos Trois-Frères, ou pretenda-se haver mais, para além da oposição dos dois princípios, nada anula a importância desta original proposta.

7. O símbolo, o mito, o rito e o resto

Vimos ao longo destas páginas como o símbolo e o mito, recuperados de forma controversa mas bem mais sólida que em aproximações anteriores, ganham uma nitidez diferente e se rodeiam de contextos mais precisos. Para A. L.-G., a complexa simbólica que o paleolítico empregou ao decorar as grutas-santuário constitui o argumento central da recusa de todo o folclore interpretativo que, a ser exacto, o colocaria bem abaixo de Fueginos e Australianos. A própria dualidade do dispositivo simbólico, na oposição dos dois princípios, masculino e feminino, está muito longe dos grafitti dos bairros degradados (o que não quer dizer que estes também não traduzam, na sua elementaridade, outra coisa que o simplesmente óbvio) e refere-se a um processo cultural que não seria abusivo considerar extremamente sofisticado.

Símbolos que se organizam num conjunto mitológico funcional, interpretado por um artista que recolhe a aprovação de todo um grupo, carregado de sentido, organizador de espaço, esqueleto cujos tecidos delicados o tempo fez irremediavelmente desaparecer.

Ritos houve, certamente, e se as pégadas nas grutas não são deles necessariamente prova, restam testemunhos de deposições intencionais de objectos e artefactos, o urso sem cabeça de Montespan e os ursos feridos de Trois-Frères. Fracos e incompletos vestígios de actos cujo

sentido perdemos com o fim da tradição oral que os deve ter explicado ao longo de milénios.

Magia, totemismo, chamanismo, empilham-se ainda hoje as chaves e as gazuas, as teorias esforçadas que forçam o que poderá ter sido a realidade, não poucas vezes em paródia boçal. Ou, como dizemos, o resto.

Lisboa/Milão, Inverno de 1982

Victor Gonçalves

NOTA: As citações foram feitas por tradução directa sobre a 3.ª edição francesa, de 1976, pelo que as páginas indicadas no texto se lhe referem. Sem qualquer pretensão de actualizar a bibliografia em fim de volume, cito, no entanto, e pelo seu particular significado, dois textos recentes: Arlette Leroi-Gourhan et Jacques Allain, *Lascaux inconnu*, CNRS, Paris, 1979; André Leroi-Gourhan, *I piú antichi artisti d'Europa — Introduzione all'arte parietale paleolitica*, Jaca Book, Milano, 1980.

INTRODUÇÃO

Abordar o problema da religião pré-histórica sem prevenir de antemão o leitor de que se embrenha no mais denso nevoeiro, por terreno escorregadio e semeado de barrancos, seria falta de caridade. *Pré-história* é um termo vago que designa em bloco tudo o que se passou desde o aparecimento do primeiro ser de estação erecta até ao momento em que a escrita projecta uma vaga clareza sobre o pensamento humano, facto que, para os últimos índios das florestas amazónicas, só intervém no século XX. É tão justificável falar-se de religião pré-histórica como *da* religião histórica. Para podermos compreender a situação do pré-historiador perante o facto religioso basta imaginarmos um ser inteligente (ignorando que o homem é religioso), desembarcando de um outro sistema sideral perante um cálice sem decoração e uma taça de champanhe ou uma faca de carnicheiro e outra utilizada por um sacrificante. De que forma poderia ele, ainda que vagamente, reconstituir o sentido do sacrifício? Para as épocas pré-históricas mais antigas nem sequer este ponto atingimos ainda. Numa pré-história mais recente, a arte intervém, fornecendo elementos de uma actividade psíquica de conteúdo seguramente religioso, mas, mais uma vez, a comparação permite-nos avaliar a medida exacta das nossas possibilidades. Suponhamos que o mesmo ser inteligente, mas privado do processo de comunicar connosco, estude a religiosidade europeia visitando igrejas. Aí poderia observar cordeiros, um burro e uma vaca, numerosos personagens torturados, flagelados, feridos, agonizantes ou jazendo sobre túmulos; que imagem restituiria ele do pensamento cristão? Como passaria da superfície decepcionante das representações à profundidade mística dos conceitos?

Para nós Lascaux não é diferente. Como é que o visitante planetário faria a separação ideológica entre o cordeiro cristão trespassado por um gládio e o bisonte atingido por uma lança? É quase impossível pensar o homem pré-histórico sem lhe acrescentar juízos de valor e sem fazer dele o herdeiro póstumo do nosso pensamento do século XX. A pré-história é uma espécie de colosso-com-cabeça-de-barro que se vai tornando mais frágil à medida que se eleva da terra ao cérebro. Os pés, feitos de testemunhos geológicos, botânicos ou zoológicos, estão bastante firmes; as mãos são já mais friáveis, uma vez que o estudo das técnicas pré-históricas está assinalado por uma larga auréola conjectural. A cabeça, essa, desfaz-se ao menor embate e frequentemente contentaram-se em substituir o pensamento do gigante decapitado pelo do pré-historiador. De maneira que, através das suas diferentes obras, o homem pré-histórico muda de personalidade religiosa e tanto é um mágico sanguinário como um pio colecionador de crânios de antepassados, bailarino lascivo ou filósofo desiludido, segundo os autores; o seu comportamento deveria ser estudado não em função dos factos que, como veremos mais adiante, são por vezes muito escassos, mas através das biografias dos pré-historiadores.

O homem pré-histórico só nos deixou mensagens truncadas. Pode ter depositado no solo uma qualquer pedra, na sequência de um longo ritual em que oferecia um fígado de bisonte grelhado, num prato de casca de árvore pintado a ocre. Os gestos, as palavras, o fígado e o prato desapareceram; quanto ao seixo, exceptuando um milagre, não o distinguiremos dos outros seixos das proximidades. Deve acrescentar-se que os testemunhos cronológicos são fáceis de estudar através de pesquisas conscienciosas, ainda que rápidas: basta recolher cuidadosamente amostras minerais, pequenas quantidades de terra para a investigação de pólenes fossilizados, restos de fauna e até mesmo utensílios considerados como simples «fósseis directores». Por outro lado, recolher todos os vestígios possíveis do comportamento técnico e do pensamento, implica métodos de escavação extenuantes pela sua precisão. Quando o leitor souber que em mais de vinte imunações confirmadas de homens de Neanderthal não existe mais que uma única que foi registada em planta detalhada, poderá medir a diferença entre a aquisição sumária mas sólida no campo da cronologia pré-histórica e os fragmentos dispersos recolhidos no que

respeita ao pensamento do homem fóssil. Mal se fez ainda sentir a necessidade de procurar materiais, uma vez ser frequentemente mais fácil substituir pensamento por pensamento do que retomar o longo caminho dos factos.

A interpretação mais natural, e aparentemente mais científica, dos «testemunhos» foi feita através da comparação com a actualidade. Determinado objecto lembrando um objecto esquimó, determinado indício supostamente pertencente a um rito conhecido entre os Índios, determinado uso dos Boximanes ou dos Pigmeus, permitem dar uma certa consistência ao homem pré-histórico. Podemos admitir que no século XIX houvesse alguma urgência científica em demonstrar, por todos os meios então acessíveis, que o homem pré-histórico pensava, mas, hoje, tentar demonstrar através de homens «selvagens» que o homem pré-histórico era humano, e sem dúvida também primitivo, não tem mais valor que uma evidência tola.

Parece pois indispensável fazer um inventário rigoroso daquilo que se sabe e daquilo que nos foi emprestado pelos Australianos ou pelos Fueginos. Importa descoser a manta de retalhos dos cultos das mandíbulas, das armadilhas para espíritos, dos antepassados fecundadores, do feitiço mágico, das danças de iniciação e do totemismo para verificar se, desfeita a manta, ainda resta um homem pensante e vivo ou apenas algumas ossadas dispersas. A censura mais grave que se pode fazer a um comparativismo sumário é a de ter paralizado a imaginação científica, precisamente aquela que não tenta explicar tudo pela analogia, mas pretende inventar os processos de pôr em realce e de controlar os factos.

O início dos tempos humanos situa-se pelos confins da era terciária, há vários milhões de anos. Os primeiros seres verticais possuíam um cérebro muito pequeno, uma indústria limitada a um único utensílio de bordo cortante, e deles não se conhece absolutamente nada do domínio intelectual nem, como é óbvio, do domínio religioso. Há cerca de 500 000 anos deviam existir seres mais evoluídos, os Arcantropídeos (Pitecantropos, Sinantropos e Atlantropos), que possuíam várias formas de utensílios e cuja vida intelectual, apesar de totalmente desconhecida, foi explorada por hipótese (Sinantropos, culto dos crânios). Mais próximos de nós, há cerca de 100 000 anos, viviam os Paleantropídeos e em particular o homem de Neanderthal, que está perto de nós e cuja existência se conhece melhor; foi ele o autor das primeiras inumações conhecidas até à data. Finalmente, há cerca de 30 000 anos, ou mais tarde, (fig. 6) aparece o homem actual, o *homo sapiens*, em relação ao qual pululam, através da arte, provas de um pensamento de carácter religioso. O Paleolítico termina aproximadamente há 10 000 anos e a humanidade prepara-se para passar da economia primitiva da caça, pesca e recollecção à

economia agrícola e à criação de animais que conduzem directamente à civilização. A pré-história aqui tratada é a do Paleolítico.

Será talvez útil definir igualmente aquilo que se entende por «religião» e esclarecer em primeiro lugar que, por falta de materiais realmente fundamentados para estabelecer uma separação, não se fará nenhuma distinção entre religião e magia. O próprio sentido da palavra «religião» terá um emprego muito restrito; baseia-se simplesmente em manifestações de preocupações que parecem ultrapassar a ordem material. Até ao Paleolítico superior não existe outra definição possível: a presença do ocre no *habitat* do homem de Neanderthal é considerada um facto religioso, porque não é explicável por necessidades de sobrevivência material.

Esta extrema prudência impõe-se por duas razões: a primeira é a dificuldade que existe, mesmo nas sociedades vivas, em definir o fenómeno religioso através de simples testemunhos materiais; a segunda razão diz respeito à natureza das fontes, tão modestas e fragmentadas que têm, na sua maioria, diversas explicações possíveis.

Feitas estas reservas, não há nenhuma razão válida para recusar aos Antropídeos paleolíticos preocupações de carácter misterioso, quanto mais não fosse porque a sua inteligência, da mesma natureza, senão do mesmo nível, da do *homo sapiens*, implica a mesma reacção em face do anormal e do inexplicável. O homem, desde as primeiras formas até à nossa, inaugurou e desenvolveu a reflexão, ou seja, a capacidade para traduzir em símbolos a realidade material do mundo que o envolvia. A propriedade elementar da linguagem consiste em criar, paralelamente ao mundo exterior, um mundo todo-poderoso de símbolos sem os quais a inteligência se revelaria ineficaz. A medida que se passa dos Pitecantropos ao homem de Neanderthal e depois a nós, os testemunhos fornecidos pela utensilagem denotam o amadurecimento progressivo da inteligência técnica (provavelmente paralelo ao da linguagem). A apreensão daquilo que consideramos como religioso deve ter seguido a mesma via; os símbolos formularam nas palavras e nas operações o duplo sentimento de temor e de domínio que marca a consciência religiosa. O comportamento religioso, num outro plano, é tão prático como o comportamento técnico, assegurando como este a integração do homem num mundo que o transcende e com o qual ele negocia física ou metafisicamente. A cada etapa desta integração deve

ter correspondido um estágio do comportamento religioso. Melhor dizendo, talvez, enquanto os estádios antigos se prolongaram até ao homem actual, a cada etapa foi-se juntando um estágio novo, ultrapassando todos os outros.

A natureza das fontes

O leitor poderia estranhar o facto de se restringir a pesquisa do pensamento religioso a rubricas derivadas da zoologia (culto das ossadas), da antropologia (práticas mortuárias), das técnicas e da arte. Isto tem a sua explicação tão somente no facto de a terra apenas ter conservado ossos, utensílios de pedra e, muito tardiamente, obras figurativas. Se o Pitecantropo começava o seu dia com um hino ao sol nascente, nada resta que o possa provar. Em condições ideais os vestígios ósseos das suas caçadas e o seu próprio esqueleto terão podido sobreviver e, eliminadas todas as outras hipóteses, é possível que se tenha conservado uma fina auréola, susceptível de ser explorada pela história das religiões.

Sabe-se que, infelizmente, ainda hoje, as melhores escavações são antes de mais conduzidas com o fim de recuperar cronologicamente a utensilagem e os esqueletos. Desta forma, e salvo raras excepções, somos privados das observações minuciosas que permitiriam interpretar a posição dos vestígios. A principal diferença entre as fontes do pré-historiador e as fontes do historiador é o facto do primeiro destruir o seu documento ao escavá-lo. Existiria uma equivalência se se fizesse sempre um registo integral, camada a camada, de tudo o que tivesse sido observado. Este método laborioso exige um número considerável de planos e de fotografias para a mais pequena escavação. De uma maneira geral, o pré-historiador, em vez de dispor do documento original como o historiador, apenas possui, para exercer a sua crítica, impressões, por vezes muito vagas e rápidas, do escavador. Quando este menciona uma «deposição ritual», o documento tem que ser aceite sem verificação possível e se, por exemplo, relata que o esqueleto repousava deitado de lado numa fossa, terá que admitir-se que existia aí uma sepultura, apesar da inacreditável imprecisão desta notação de aparência científica. Tendo em conta estas reservas, que valem para todo o Paleolítico, os homens de Neanderthal deixaram em muitas centenas de sítios, alguns deles escavados com bastante rigor, um pequeno lote de factos que se prestam pobremente à interpretação da sua vida religiosa.

Em relação a Paleolítico superior impõem-se as mesmas reservas quanto à validade das fontes. As grutas e abrigos que foram simplesmente esvaziados para «recuperação estratigráfica» contam-se ainda aqui na ordem das centenas; e é somente na ordem das unidades que se contam as descobertas de conjuntos significativos

correctamente registados. O que salva em certa medida o Paleolítico superior é a existência de milhares de documentos de arte, que podem ser tratados estatisticamente, revelando a sua organização de conjunto; e é também sobretudo a existência de paredes das cavernas decoradas com pinturas ou gravuras, tal como o homem do Paleolítico superior as cobriu, susceptíveis de serem observadas como documentos de arquivo.

Por muito que nos custe reconhecê-lo, podemos considerar que a ciência pré-histórica, mais que centenária, ainda permanece na infância. A nível das escavações amadureceu naqueles domínios em que a observação era fácil, restando-lhe ainda praticamente tudo a aprender nos outros. Tememos que o leitor fique decepcionado com a magreza das conclusões, sobretudo nos capítulos I e III, que, mais do que um estudo de factos religiosos, são um inventário de mal-entendidos. De preferência a fazer pela vigésima vez o inventário daquilo que o homem pré-histórico *poderia ter tido* de comum com o selvagem mais genuíno, limitámo-nos aqui a deixá-lo oferecer aquilo que ele mesmo nos quis legar de si próprio.

Capítulo I

O CULTO DAS OSSADAS

Neste capítulo estão reunidos factos podendo relacionar-se com actos de carácter religioso, que tenham deixado como vestígios, ossadas de animais dispostas ou agrupadas intencionalmente. Conhecem-se através da etnografia numerosos exemplos de crânios ou de ossadas de animais conservados ou utilizados com fins religiosos. Crânios de ursos ou de veados enfiados em varas dos Aïnous do Japão, amontoados de restos de renas dos Tchouktchis da Sibéria oriental, crânios de macacos do Daomé, fixos em tambores ou incorporados nos acessórios do curandeiro, ou as cabeças de pássaros da Amazônia, são alguns exemplos de entre a legião de casos em que dentes, garras, ossos longos ou caudas foram conservados com uma finalidade cujos motivos nem sempre são muito claros. Com efeito, a decoração corporal, as virtudes assimiladas por simpatia e o simbolismo metafísico sobrepõem-se de forma muitas vezes inextricável. Estes casos são preciosos porque mostram que o Paleolítico também deles apresentou testemunhos, o que não autoriza no entanto a que se busque uma identidade a qualquer preço.

A arqueologia fornece numerosos factos comparáveis: a descoberta de alguns ossos de ovelha num prato acompanhando uma sepultura, a cabeça e as patas de um carneiro colocados à entrada de um *tumulus*, os crânios de um porco, de um carneiro e de um touro nos depósitos de fundação de um monumento romano, implicam actos religiosos dos quais o único testemunho chegado até nós consiste nalguns restos de esqueletos; podemos pois supor que, da arqueologia histórica e proto-histórica à arqueologia pré-histórica, os testemunhos continuam-se. Infelizmente os sítios pré-históricos,

mesmo quando correctamente explorados, só muito raramente fornecem testemunhos tão eloquentes. O seu estado de conservação é frequentemente mau e, na maioria dos casos, não são estruturas enterradas na altura mas sim superfícies de solo frequentadas, por vezes durante séculos, por homens e animais e recobertas muito lentamente. Os restos mudaram de sítio ou, mais frequentemente, foram dissolvidos pelos agentes químicos. Por vezes ainda, os vestígios ósseos são tão numerosos que se torna impossível distinguir os restos de uma refeição humana ou animal, de uma autêntica deposição cultural.

Perante um facto insólito adoptou-se, por vezes com demasiada facilidade, a hipótese «religiosa». Desta forma houve quem pretendesse constatar que os Musterienses gostavam de trazer para as grutas as cabeças dos animais caçados, uma vez que as vértebras mais frequentemente conservadas são as duas primeiras, a atlas e a axis, que normalmente permanente aderentes ao crânio quando se decapita um animal. Pode portanto imaginar-se que os Paleolíticos levavam a cabeça e os grandes quartos do animal, abandonando a carcassa no local. Daí a acreditar-se numa atenção especial concedida à cabeça do animal foi apenas um passo. Ora o exame da totalidade dos materiais recolhidos demonstra que se é um facto que o tempo apenas respeita os ossos mais compactos (e as vértebras cervicais estão neste grupo) também é verdade que acidentalmente se podem encontrar fragmentos de ossos frágeis. Desta forma é possível encontrar-se todo um esqueleto bem representado, mas dentro de um processo de degradação físico-química e não no espírito de uma selecção intencional. Os ossos maiores eram quebrados para deles se extrair o tutano e os ossos esponjosos queimados para o aproveitamento das gorduras combustíveis; se juntarmos a estes factores o papel dos agentes físico-químicos, constataremos que apenas subsistiram bocados de mandíbulas, astrágalos, vértebras do pescoço, dentes e uma multidão de esquirolas esmagadas. Apreciado sob este ângulo, o «culto dos crânios» não passa de um simples acidente de corrosão.

Torna-se difícil introduzir uma ordem sistemática nos casos de deposições supostamente religiosas de ossadas de animais ou de peças de carne contendo osso, porque se trata normalmente de casos isolados, cujo único traço comum consiste no facto de apenas se ter encontrado para eles uma explicação «ritual».

a) *Depósito de ossadas em conexão anatómica.* — É raro encontrarem-se, no decurso de uma escavação, partes de esqueleto de animais em conexão anatómica. Isto pressuporia ou que eles tivessem sido depositados numa passagem estreita ou num recanto onde não tornassem a ser incomodados com o decorrer do tempo, ou que tivessem sido imediatamente enterrados, ou ainda que, limpos de carnes, tivessem sido conservados um certo

tempo, presos pelos ligamentos secos. Na prática, os fragmentos que se encontram mais frequentemente em conexão são membros ou porções de coluna vertebral encontrados na periferia das zonas de *habitat*, ao longo das paredes, ou em fendas. É praticamente impossível dizer se a sua posição é devida a uma intenção de oferenda ou simplesmente ao facto dos despojos alimentares em quantidade se encontrarem mais junto às paredes do que no centro da zona de *habitat*. O Dr. Allain, a quem se devem as escavações muito rigorosas da gruta de Saint-Marcel, no Indre, pensa que foram razões de ordem prática que permitiram a descoberta de caudas de cavalo inteiras, que devem ter sido conservadas pelas crinas, ou de calcanhares de rena ou de cabrito-montês. Estes calcanhares deviam permanecer aderentes ao tendão de Aquiles e constituir, quando secos, verdadeiras meadas de fio de reserva para liames e costura. O facto de terem sido descobertos dentro de um nicho, perto de uma lareira, não implica que tivessem tido forçosamente um valor religioso.

O caso mais explorado pela literatura é o das renas de Stellmoor, na Alemanha do Norte, onde numerosos esqueletos de renas, com a caixa torácica e o abdómen cheios de grandes pedras, foram descobertos nas margens de um antigo lago. Não se conhece exactamente a razão por que tão belo achado entrou para a literatura religiosa sob a forma de um sacrifício de renas, que teriam sido mergulhadas no lago depois de lhes terem previamente substituído as vísceras por pedras. O facto de os animais serem fêmeas enriquece ainda mais o quadro com a tonalidade, um pouco inquietante, de um rito de fecundidade. Sabe-se, no entanto, que, no que diz respeito à rena selvagem, as fêmeas emigram separadas dos machos, e que uma caçada em que apenas se matam fêmeas nada tem de extraordinário. Por outro lado, imergir completamente os animais revela-se meio cómodo de preservar dos dentes dos carnívoros, durante alguns dias, o produto supérfluo de uma caçada; para o fazer não existia outro processo que não fosse, uma vez esvaziados, carregá-los com grandes pedras, para impedir que inchassem. Não se trata aqui de afirmar que todo e qualquer comportamento religioso tenha sido excluído duma operação semelhante, mas em vão se procurariam detalhes objectivos conducentes à comprovação de um comportamento tão complicado como o da oferenda de fêmeas cujos ventres tivessem sido recheados de pedras com um fim metafísico.

b) *Deposição das ossadas em montes ou em cavidades.* — Seria particularmente reconfortante dispor de elementos positivos neste domínio, uma vez que se verificou que entre os Esquimós do Alasca e entre numerosos índios, se evitava quebrar os ossos da caça, agrupando-os em montes a fim de se assegurar a perpetuação das espécies vivas.

Um certo número de condições tornam a elucidação difícil. A primeira é de ordem física: as condições de conservação dos ossos abandonados nas grutas são muito

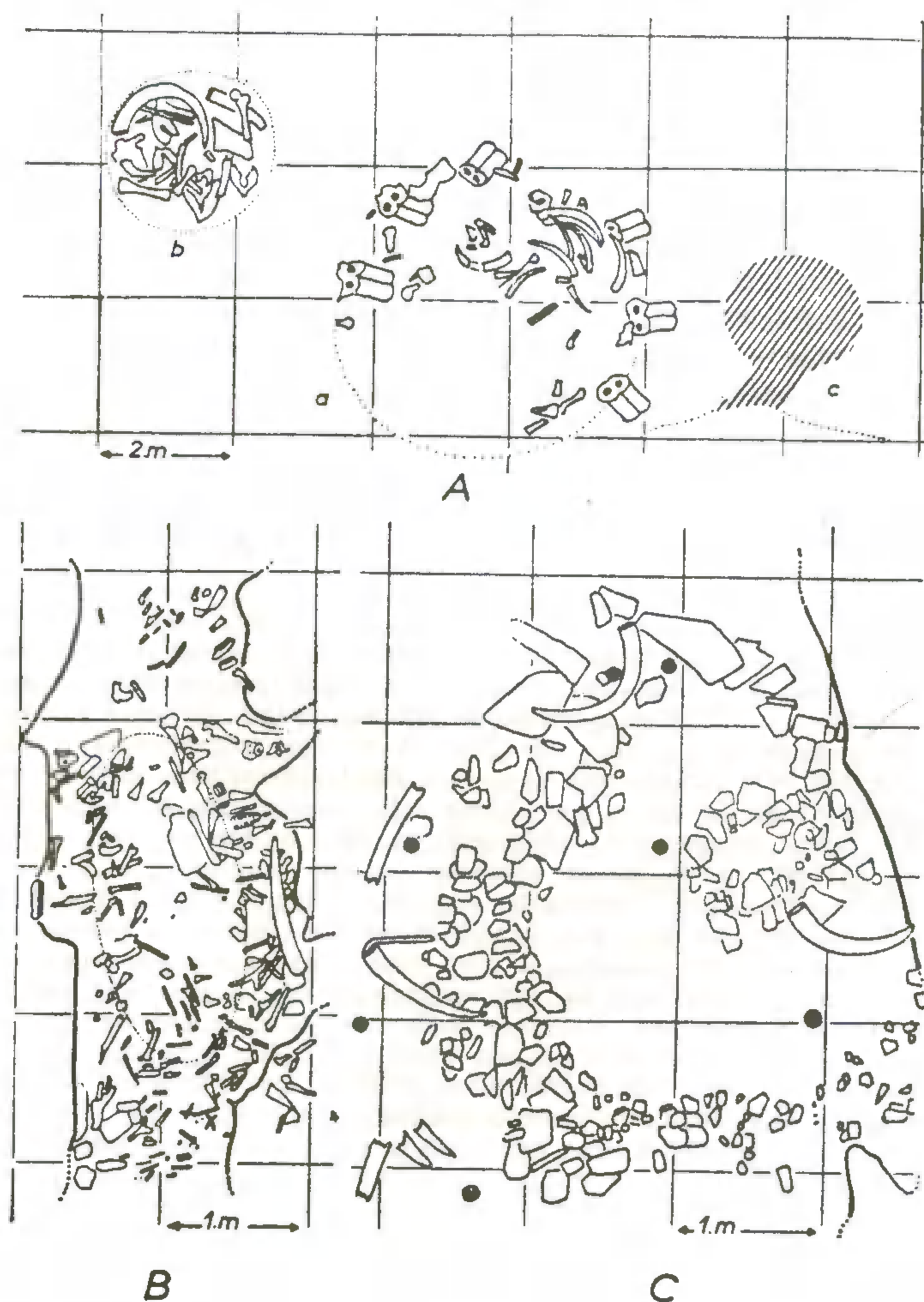


Fig. 1

- A — Dobranitchevki (U. R. S. S.): a) Círculo de restos de crânios de mamutes b) Fossa com ossadas; c) Lareira.
 B — Arcy-sur-cure (Yonne): Solo da galeria musteriense.
 C — Arcy-sur-Cure (Yonne): Solo de tenda chatelperronense. Zona central pisada, lareira e contorno orlado de lajes achatadas, buracos de poste e restos de carcassa com defesas de mamute.

más quando os vestígios não foram imediatamente enterados; desta forma, só excepcionalmente se poderiam achar amontoados de ossos. Nos *habitats* de ar livre, pelo contrário, pode-se esperar encontrá-los se o enterramento, tal como nos *loess*, tiver podido ser suficientemente rápido. Uma outra dificuldade reside no facto dos Musterienses, como os homens do Paleolítico superior, esmagarem os ossos ocós para lhes tirar o tutano queimando-o ainda, na sua maioria, como combustível. Todas estas circunstâncias bastariam para rejeitar qualquer ideia de deposição intencionalmente religiosa, se alguns factos, não escapassem entretanto à regra geral.

Os *loess* da Morávia, da Ucrânia, da Rússia e da Sibéria, forneceram vastas zonas de *habitat*, com fundos de cabanas rodeados de uma multidão de ossadas, especialmente de mamute. Nos casos mais significativos respeitantes ao Paleolítico superior, os vestígios de cabanas de forma alongada ou circular (Fig. 1, A), estão acompanhados de fossas mais pequenas, preenchidas com grandes ossos e por vezes com partes de membros em conexão anatómica. Consideradas como lixeiras pela maioria dos pré-historiadores da Europa oriental, foram por vezes interpretadas, por comparação com os amontoados de ossos feitos por certos Esquimós, como deposições «rituais». Estes depósitos de ossos levantam problemas, mesmo quando se adopta uma atitude prudente. Não se trata manifestamente de esconderijos para carne, pelo menos semelhantes àqueles que se têm encontrado: aqui os restos foram lançados já descarnados. Todavia, nada na disposição, na selecção das partes do esqueleto ou na sua posição deixa entrever um dispositivo intencional. Dada a enorme massa de ossos jazendo à superfície por toda a parte, podemos supor que se trate de esconderijos para carne, ou de fossas de carácter indefinido, posteriormente cheias com detritos. Contudo, nos raros casos em que foi possível isolar uma tenda, verifica-se que os ossos de animais estão agrupados numa única fossa (fig. 1, A). É portanto conveniente, ainda que a bem-dizer sem provas, reservar uma possibilidade para a explicação não material.

A experiência das escavações de Arcy-sur-Cure, de onde, durante dezassete anos, nem um único fragmento de osso foi retirado sem ser localizado topograficamente, chama a atenção para a dificuldade de uma demonstração positiva. A exploração permitiu estudar em porme-

nor dois *habitats* musterienses de gruta (Gruta da Hiena e Gruta da Rena) e numerosos recintos de tendas do Paleolítico superior, em frente da entrada da Gruta da Rena. Nos *habitats* musterienses, uma quantidade considerável de ossos foi empurrada para as paredes a fim de desimpedir uma área central onde se encontram sobretudo sílices usados. Na Gruta da Hiena estes ossos formavam, sobre numerosas camadas de espessura, uma verdadeira coroa periférica, na qual se encontravam grandes ossos misturados com seixos e utensílios de sílex afastados. Apercebia-se um certo alinhamento em relação aos ossos longos, tendo as aplanagens sucessivas tendido a torná-los paralelos às paredes. Absolutamente nada, na disposição do material ósseo apontava para uma preocupação de preservação particular, a menos que se admitisse, sem mais argumentos, que o facto de se viver dentro de um círculo de ossos num processo mais ou menos avançado de descarnamento, provinha da preocupação religiosa de não dispersar os despojos.

O *habitat* musteriense do fundo da Gruta da Rena (fig. 1, B) é, juntamente com a gruta do Circeo, o único exemplo conhecido de um solo desta época que permaneceu intacto e exposto ao ar. Quando, em 1954 aí penetrámos, as centenas de ossos e de utensílios deste refúgio, localizado a 30 metros da luz do dia, tinham conservado a sua posição original.

O *habitat* é uma galeria de 6 metros de comprimento e 2 metros de largura, com expansões laterais, criando a Este uma comprida alcôva. A galeria central encontrava-se relativamente desobstruída para a circulação dos habitantes e conservava ainda numerosos seixos que tinham servido para quebrar os ossos. Ao longo das paredes, ossos de cavalo, de rena, de bovídeo, e de lobo formavam um manto de grandes restos, sobre o qual sobressaíam alguns maxilares de cavalo e armações de rena. O seu posicionamento explica-se pelas movimentações, dentro do *habitat*, à semelhança de numerosos ossos de perna de cavalo, orientados paralelamente à parede, sendo difícil ver-se nisso uma intenção formal de arrumação: qualquer superfície de achas de lenha na qual quiséssemos arranjar um lugar para nos instalarmos ofereceria disposições análogas. A comprida alcôva situada a Este, estava invadida pela coroa de ossos e de seixos misturados com sílices; notava-se, no entanto, à superfície um curto dente de mamute, ali depositado de forma manifestamente intencional. Os restos de mamute são praticamente inexistentes neste *habitat* sendo esta presa o único testemunho substancial da presença do grande proboscídeo. Existem portanto razões suficientes para acreditar que ela aí foi colocada voluntariamente, não sendo no entanto possível esclarecer com que intenção: os Neanderthalenses que frequentavam o local, podem ter simplesmente pousado o dente, que servia de massa ou de pau para cavar, no sítio que lhes pareceu mais cómodo, fora da zona de passagem.

A questão da «arrumação dos ossos» ao longo das paredes será novamente abordada a propósito do «culto do urso». Um dos exemplos mais clássicos é o da deposição de ossos de auroques e de veados, arrumados ao longo da parede da gruta Guattari, no monte Circeo, em Itália. O solo desta gruta foi respeitado pela sedimentação. Tal como em Arcy-sur-Cure permaneceu ao ar livre, mas a água depôs nele uma crosta de calcite que concrecionou uma grande parte dos ossos espalhados por entre as pedras. Foi sobre este solo, no meio das pedras que parecem ter sido afastadas para o colocar, que foi encontrado o célebre crânio neanderthalense de Circeo. O «depósito» de ossos alinhados não foi concrecionado. Os ossos que o constituem não parecem ter sofrido um arranjo mais intencional que aqueles que ladeiam as paredes da galeria musteriense da Gruta da Rena. Que estes foram remexidos pelo homem ou pelos animais que passaram ao longo da parede, é um facto, que o seu alinhamento seja a expressão de uma oferenda intencional, já entra no domínio do possível.

As camadas da Gruta da Rena forneceram, em vários horizontes, restos de tendas circulares, instalados à entrada da gruta pelos homens do Paleolítico superior. Os diferentes *habitats* referem-se ao período de Chatelperron (c. — 35 000), ao Aurinhacense (c. — 30 000) e ao Gravetense (c. — 25 000). Relativamente ao problema dos ossos dispostos em montes ou em cavidades, o conjunto fornece um certo número de dados, que estão de acordo com os obtidos em numerosos recintos de tendas descobertos nos *loess* da Morávia, da Ucrânia e da Rússia. Os recintos das tendas, de forma circular, apresentam-se libertos de todos os restos importantes, existindo no entanto zonas de desperdícios entre o círculo da tenda e a parede da gruta. A análise destas lixeiras mostra que se trata de produtos provenientes da limpeza das habitações, encontrando-se ossos misturados com cinzas, lascas provenientes do trabalho do sílex e utensílios usados. Alguns elementos, como uma pata de mamute, a coluna vertebral de uma raposa polar ou bobinas para tendão constituídas pelos ossos de tarso de rena, foram encontrados misturados com os desperdícios, sem que pareça conveniente separá-los ideologicamente do resto das lixeiras. Foi assim que em Pavlov, na Morávia, as escavações de um recinto de tenda trouxeram para a luz do dia, na zona de despejo vizinha da habitação, as carcassas em desordem de vários lobos. Facilmente se é

levado a pensar que razões religiosas tenham estado na origem de um tal aglomerado de carnívoros; é possível que isso tenha acontecido, mas, apesar do carácter meticoloso da escavação, é impossível dizer se se trata de algo mais do que carcassas de feras simplesmente abandonadas depois de previamente despojadas.

Num dos níveis gravettenses da Gruta da Rena, encontrou-se um nicho com cerca de 30 centímetros de abertura e 50 centímetros de fundo, repleto de lascas de ossos, na sua maioria de rena. Facilmente se veria nele uma reserva de combustível se não faltassem precisamente os ossos esponjosos, que são os que ardem mais facilmente, e se um bom número destes fragmentos não apresentasse marcas de incisões e de choques, revelando a sua eventual utilidade como objectos técnicos. Torna-se impossível captar as intenções daqueles que assim encheram este nicho: veremos no entanto, mais adiante, como foi encontrado num solo chatelperrense um fragmento de osso de rena cravado, numa bola de ocre vermelho. Em Pincevent, no vasto acampamento madalenense, as estruturas de ossadas em amontoados ou em arcos de círculo, correspondem a lixeiras ou a cordões de detritos acumulados ao longo das paredes das tendas. Deve realçar-se, no entanto, que os ossos de caça grossa, nomeadamente cavalo, parece terem sido cuidadosamente eliminados para fora do perímetro habitacional, por razões que podem não ter sido de simples comodidade.

O balanço «religioso» permanece até agora muito pobre e compreende-se mal como é que, dispondo de tais materiais, certos autores puderam considerar os depósitos de ossadas como uma prova de práticas religiosas. A impressão que constantemente se retira dos ensaios sobre a religião pré-histórica é a de um emprego forçado de documentos que nada têm a dizer de positivo sobre o ponto particular da religião. No caso das carcassas de lobo de Morávia, é verosímil que os homens do Paleolítico tivessem ideias concretas sobre o lobo, é mesmo possível que os amontoados de carcassas da lixeira tivessem sido encarados com respeito ou com o sentimento de ter vencido forças maléficas, mas que dizer em relação a isto? O respeito não é uma matéria fossilizável e nada se assemelha mais a uma lixeira que uma pilha de feras carregadas de potencial mágico. A religião dos homens do Paleolítico, à semelhança da religião dos Australianos, não padece de dúvidas, revelan-

do-se, no entanto, de pouca utilidade atulhar a cultura geral do homem moderno com provas que o não são.

Os círculos de ossos

Da descoberta de um círculo de crânios de mamute pôde ser extraído um argumento impressionante, ainda recentemente explorado num trabalho de síntese. As descobertas de círculos de crânios de mamute são numerosas na Ucrânia e na Rússia, sabendo-se com segurança, através de múltiplas observações, que nos *loess*, onde as pedras rareiam, as cabeças de proboscídeos serviam para fixar a base das tendas circulares construídas pelos caçadores. Embora incorrectamente é evidentemente fácil tentar ver um «ritual» num círculo de ossos dispostos em volta de uma lareira central e, com pouco esforço, poderemos mesmo imaginar os homens do Paleolítico dançando em círculo e soltando gritos agudos em redor dos crânios dos gigantes dizimados.

Os círculos de ossadas são normalmente constituídos por restos de refeições. A mais antiga habitação que se conhece é um recinto de tenda musteriense, descoberta em Molodova, sobre o Dniester, e é constituída por um círculo de ossadas de 8 metros de diâmetro, englobando os vestígios de várias lareiras. Multiplicar os exemplos seria inútil; conhecem-se, no Paleolítico superior, recintos de cabanas marcados por um círculo de pedras, estruturas de dentes de mamute caídas por terra, em que as defesas parecem cruzar-se em estrela, ou omoplatas de mamute dispostas intencionalmente sobre a cobertura de uma tenda para a tornar mais pesada e que, uma vez a tenda desaparecida, parecem sugerir alguma coisa de misterioso. Em Mal'ta, na Sibéria conhece-se até um círculo de pedras cujo interior foi preenchido com dezenas de armações de rena que, na realidade, faziam peso sobre a cobertura de pele de uma grande tenda cónica que pôde ser reconstituída com precisão.

Ossos incluídos em grandes amontoados ou em pilhas

Ao escavar a estação musteriense de El Guettar, na Tunísia, o Dr. Gruet descobriu, em 1940, um amontoado de várias centenas de seixos esferóides. Este monte de bolas estava coberto por mais de 3000 sílices, 236 dentes de mamíferos e um certo número de ossos, na sua maioria quebrados. O carácter intencional da deposição

é absolutamente seguro, tendo as observações científicas decorrido dentro da maior honestidade. Fizemos, em 1950 na Gruta da Hiena, em Arcy-sur-Cure, um achado quase idêntico, apesar de mais modesto. Num nível musteriense recente, (o mesmo que forneceu os grandes fósseis trazidos para a gruta pelos Musterienses), aproximadamente no fundo da área de *habitat*, encontrava-se reunida uma dezena de esferóides de calcário, misturados com grandes fragmentos de ossos de mamute lascados a percutor. Em 1958, num horizonte mais recente da Gruta da Rena, entre as bolas de ocre vermelho amassadas com lascas de sílex de que falaremos mais adiante, encontrou-se uma que apenas continha um fragmento de metatarso de rena, cravado verticalmente.

Parece portanto terem existido depósitos intencionais de ossos quebrados e disporíamos certamente de outros exemplos se as escavações fossem menos apressadas e se os escavadores registassem e publicassem detalhadamente as suas descobertas.

Ossos «decorados»

As descobertas, no Paleolítico superior, de fragmentos de osso registando figuras humanas ou animais, são muito numerosas, contando-se por vários milhares. O osso apenas desempenha um papel de suporte, encontrando-se as mesmas representações gravadas ou pintadas em placas de pedra ou sobre as paredes das cavernas. Existe no entanto um certo número de casos em que o osso pode ter sido o objecto principal de um interesse de carácter não material.

Em Mézine e em Méjiritch, na Ucrânia, em sítios correspondendo ao nosso Madalenense, foram descobertas, em habitações, mandíbulas e omoplatas de mamute, decoradas com bandas e com ziguezagues de ocre vermelho (fig. 2, A e B). No sítio de Avdevo, na bacia do Seim, encontraram-se presas e grandes ossos de mamute, decorados com incisões agrupadas ou alinhadas de um modo que não parece corresponder aos resultados de uma operação técnica. Em Arcy-sur-Cure, no horizonte gravettense, descobrimos vários fêmures, húmeros ou cúbitos de mamute com incisões semelhantes (fig. 2, C) e uma metade de bacia do mesmo animal, em que a cavidade pélvica apresentava vestígios de riscos de ocre, infelizmente quase apagados. Num nível mais antigo, Chatelperronense, foi igualmente encontrado um fémur

de mamute serrado nas duas extremidades e coberto de incisões paralelas.

Os documentos deste tipo têm uma interpretação difícil e prestam-se com demasiada facilidade a exercícios de imaginação. Os grandes ossos pintados ou grava-

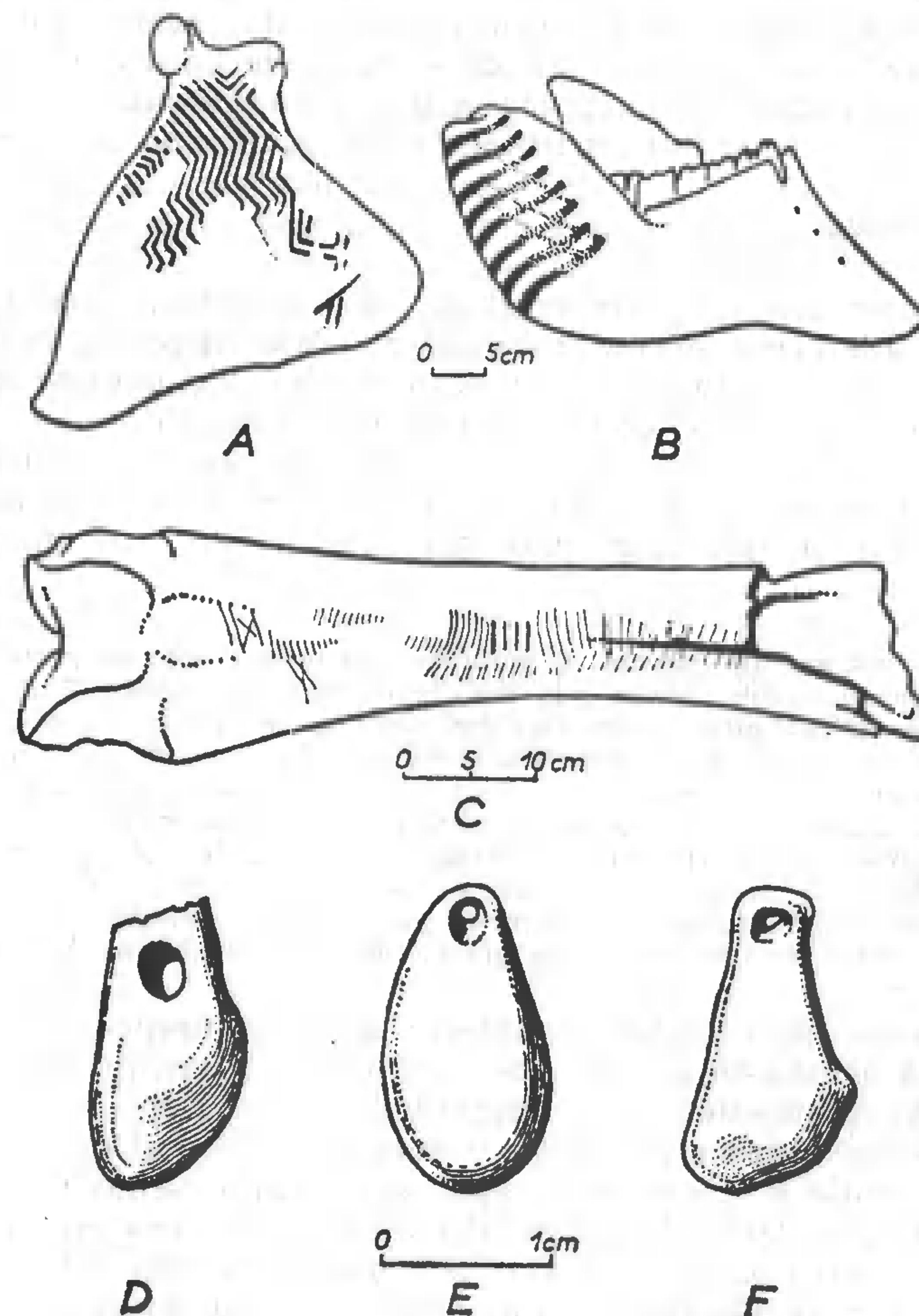


Fig. 2

- A-B — Mézine (U. R. S. S.): Omoplata e mandíbula de mamute pintadas.
 C — Arcy-sur-Cure (Yonne): Fémur de mamute inciso, gravettense.
 D — Canino de veado
 E — Pequeno calhau rolado em forma de canino de veado.
 F — Metacarpo lateral de rena, imitando a forma de um canino de veado.

dos podem ter constituído simples elementos de mobiliário; uma omoplata de mamute representa uma superfície plana de um quarto de metro quadrado e pode ter sido incorporada no equipamento doméstico, tal como os fémures, que oferecem sólidas superfícies de trabalho. A sua decoração pode nada ter a ver com a sua natureza de ossos, sendo usada eventualmente da mesma forma em postes de madeira ou cortinados de couro. Permanece no entanto uma porta entreaberta quanto à possibilidade de se tratar de troféus com significado religioso.

Os troféus

Certas partes características dos despojos dos animais aparecem desde o início do Paleolítico superior, sendo muito numerosos os testemunhos de dentes perfurados, utilizados como pingentes. Vários autores mencionaram também a descoberta de cabeças de ruminantes, em geral de auroques, encontrados em condições que levam a pensar que não desempenhavam um papel técnico.

Os vestígios de cabeças de auroques juncavam o solo da gruta de Saint-Marcel (Indre), tendo sido descobertas pelo Dr. Allain. É difícil dizer se tinham estado suspensas das paredes, apesar da sua posição parecer indicar que foram precipitadas no solo. Os restos de uma cabeça de bisonte ou de auroque foram descobertos nas mesmas condições em Arcy-sur-Cure, na Gruta da Rena, sobre o mesmo solo gravettense que os grandes ossos de mamute; em Kostienki, na Rússia, foi encontrado um crânio de boi almiscarado, numa posição que parece indicar que ele se encontrava suspenso no topo de uma tenda. Finalmente, diversos investigadores mencionaram, sem grande detalhe, achados semelhantes.

Parece pois poder considerar-se como ponto assente que as armações de grandes ruminantes estavam presentes nas habitações. A sua densidade não é tão considerável como a dos crânios ou presas de mamute, que, nos locais onde se encontram, aparecem como elementos de construção das habitações. Há falta de provas em contrário, não podemos afastar a hipótese de um emprego técnico, mas não parece impossível que um sentido especificamente religioso se tenha associado a estes troféus, dado o papel primordial desempenhado pelo bisonte e pelo auroque na arte da mesma época.

Por outro lado, também não é impossível que esta prática tenha tido origem em épocas ainda anteriores ao Paleolítico superior. Com efeito, o esqueleto de criança neanderthalense descoberto na gruta de Techik Tach, no

Turquestão, jazia entre cinco cabeças de cabrito-montês, mais ou menos arrumadas em círculo (fig. 3, D). A relação entre as cabeças e o esqueleto da criança, apesar de bastante verosímil, tem sido contestada, mas a presença de uma cabeça de gamo numa sepultura da Gruta de Qafseh, em Israel, constitui uma confirmação total.

Os dentes preparados para suspensão por um estrangulamento ou uma perfuração na extremidade da raiz são inúmeros e incontestáveis. O seu emprego como utensílio parece improvável, podendo apenas invocar-se o adorno, o que não exclui que se associe a estes despojos um sentido religioso. Uma sondagem sobre 300 dentes preparados para suspensão, provenientes de diversas estações do Paleolítico superior de Espanha, França, Alemanha, Morávia e U. R. S. S., oferece o seguinte quadro de repartição:

Caninos raposa	31%
Caninos veado	25%
Incisivos ruminantes	16%
Incisivos carnívoros	14%
Incisivos cavalo	6%
Pré-molares carnívoros	2%
Caninos urso	1,5%
Caninos lobo	1,5%
Caninos hiena	0,7%
Incisivos marmota	0,7%

Este quadro é bastante desconcertante. Uma verificação detalhada sobre várias centenas de exemplos apresentaria talvez diferenças segundo as épocas e as regiões. Todavia, na medida em que a verificação é possível, a estatística parece válida: as séries espanholas e soviéticas, por exemplo, não diferem sensivelmente nas proporções, e por toda a parte têm prioridade os caninos de raposa e de veado. Os incisivos de ruminantes têm um bom lugar, ao contrário dos caninos dos grandes carnívoros, muito raros, apesar do sucesso que era de imaginar que tivessem. Uma primeira correcção intervém no facto de os dentes de raposa ou os incisivos de ruminante deverem ser mais facilmente obtidos que os caninos de urso. Se considerarmos a função «adorno» como importante, a diferença estatística entre dentes correntes e dentes raros mantém-se. Se os motivos fossem unicamente religiosos, as proporções poderiam ser diferentes.

O caso dos caninos de veado, pelo contrário, é perfeitamente claro. O veado nunca é abundante ao longo de todo o Paleolítico superior: à excepção da Espanha, ele

é mesmo um animal cujos ossos rareiam nas lixeiras. Por outro lado, os caninos de veado não são particularmente artísticos (fig. 2, D, E, F).

Aparecem contudo desde o Chatelperronense e encontram-se por toda a parte até ao Madalenense, prolongando-se de resto a sua utilização até aos nossos dias, em que ainda constituem um troféu muito apreciado. Parece terem sido de tal forma preciosos que se encontram, desde a origem, numerosas cópias, talhadas em osso ou marfim, ou evocadas por pequenos calhaus rolados com a mesma forma. Parece pois, que em relação a este troféu se devem ter em conta outros motivos. Admite-se geralmente, fazendo fé em comparações etnográficas, que o veado é um símbolo de virilidade e isto é válido tanto para os Chineses como para a nossa própria cultura. O mesmo parece ter-se passado no Paleolítico superior, e veremos mais adiante que, nas cavernas ornamentadas, ele é colocado entre os animais assimilados aos símbolos masculinos.

As garras, ou, mais exactamente, a falange que continha a garra, são bastante numerosas nas estações do Paleolítico médio e superior. Podemos perguntar-nos se as garras não seriam também utilizadas como troféus. A questão apenas poderia ser clarificada com a descoberta de garras num colar que ainda se conservasse na sua posição original; com efeito, se a suspensão de um dente exige que se prepare a raiz, a suspensão de uma garra faz-se furando a unha. Esta decompõe-se rapidamente no solo, deixando apenas subsistir a falange óssea, sobre a qual não existe qualquer vestígio de preparação. Encontram-se também garras de grandes rapaces que fazem ansiar por documentos mais numerosos e mais precisos, uma vez que o argumento técnico das peles conservando garras na extremidade das patas não pode ser aplicado em relação ao espólio dos pássaros.

Em resumo, os factos positivos relativos ao culto das ossadas são muito raros; à excepção de alguns ossos decorados e dos dentes preparados para suspensão, apenas dispomos de vagas conjecturas. Esta insuficiência dos materiais não diz forçosamente respeito à falta de sentimento religioso, mas sim à falta de práticas que tenham deixado vestígios sensíveis, o que leva o pré-historiador quer ao silêncio, quer à invenção gratuita.

O culto do urso

O culto do urso é o terreno predilecto das construções de acaso onde o verdadeiro se confunde com o falso com tanta facilidade que ao fim de três quartos de século

de trabalhos e de dezenas de escavações, a discussão permanece aberta, e continuará provavelmente ainda por muito tempo.

A trama do discurso científico fundamenta-se na presença de crânios e de ossadas de urso das cavernas nas grutas profundas da Europa ocidental e central, sugerindo uma disposição intencional. Foram bastante numerosos os investigadores que encontraram vários crânios de urso empilhados dentro de caixões de pedra (Bächler na Suíça), outros ossos arrumados ao longo das paredes (numerosos investigadores), um crânio colocado dentro de um nicho (Zotz na Silésia), alguns sílices tocando num crânio (Ehrenberg na Áustria), crânios em cujas narinas ou arcadas zigomáticas teriam sido enfiados ossos (Bächler, Ehrenberg), crânios cobertos com um montículo de argila (cónego Lemozi); mais recentemente, uma sepultura de urso (Bonifay na Dordonha), e crânios parecendo dispostos intencionalmente sobre o solo (Malez na Jugoslávia). Em 1946, nós próprios descobrimos em Saône-et-Loire um «círculo» de crânios que ocupou um lugar demasiadamente honroso no *dossier* do urso das cavernas apesar da clarificação que depois fizemos. Em face desta avalanche de provas aparentes e do lugar considerável que ocupa o urso no sentimento religioso de todo o mundo euro-asiático e norte-americano, estabeleceu-se a sólida convicção de um culto do urso. Este movimento foi atacado por um pesquisador de Basileia, F. Koby, que demonstrou que muitas das «provas» eram devidas a caprichos do acaso e dos próprios ursos, ao circularem entre as carcaças dos seus predecessores.

Com efeito, as provas invocadas dizem respeito ao alinhamento de conjuntos de ossadas, à deposição de crânios e de ossos em fendas ou em caixões, a lajeamentos cobrindo crânios ou ossadas, ou a montículos de sedimentos móveis cobrindo os vestígios. Todas estas estruturas são explicáveis pelo comportamento dos próprios ursos, apesar de, nalguns casos, serem prováveis arranjos feitos pelo próprio homem.

O urso das cavernas, individual ou colectivamente, hibernava nas grutas, para lá da área iluminada, na zona onde a temperatura se estabiliza sensivelmente. Circulava ao longo das paredes, onde afiava as unhas, e cavava um ninho em forma de cratera. Aí hibernava e aí as fêmeas davam à luz e criavam os ursinhos pequenos. Ursos de todas as idades morriam durante a hibernação, e milhares de esqueletos atpetaram o solo dos melhores abrigos. Consoante as condições físico-

-químicas assim se conservou uma grande parte, ou pelo contrário a quase totalidade, desapareceu. Por exemplo na gruta de Rouffignac, na Dordonha, para centenas de ninhos de ursos conservados e uma longa faixa de sulcos feito pelas suas garras, ao longo de quilómetros não se encontra praticamente nenhuma ossada.

Milhares de ursos circulando e esgaravando por entre as ossadas dispersas, provocaram sérias modificações na disposição dos esqueletos. Salvo excepção, os ossos nunca se encontram seguidos, mas, sobre uma determinada superfície é possível relacionar uma parte dos ossos longos com um certo número de indivíduos desconectados.

É curioso que ninguém se tenha lembrado de atribuir ao homem a desordem dos esqueletos, não hesitando no entanto de acusar o Neanderthal de tériolatria logo que se encontram quatro fémures entalados numa mesma fenda.

É preciso ter escavado pessoalmente a extraordinária confusão que é um belo ossário de urso, para se compreender, e talvez até desculpar, a impressão de arrumação consciente que se apodera do pré-historiador. Numa sondagem por vezes muito estreita, ele vai eliminando pouco a pouco os ossos mais fáceis de libertar até se encontrar finalmente junto das paredes, face a um nicho onde se encontram empilhados três ou quatro crânios, normalmente privados de mandíbula, juntamente com alguns ossos longos que resistiram aos seus esforços de desobstrução.

Os ursos circulavam por toda a parte e esmagavam uma grande parte dos ossos, já atacados por fermentações e pela corrosão. Com as patas empurravam progressivamente os ossos, juntamente com pedras, para debaixo das reentrâncias das paredes ou para as zonas entre os blocos. Os crânios assim deslocados e enterrados tinham assegurada a sua sobrevivência geológica, ocupavam os interstícios e alinhavam-se nas fendas. A concentração dos crânios nestes locais é absolutamente natural e se algumas falanges escorregaram pelos orifícios das narinas, não se pode para isso evocar nenhuma vontade consciente. Passa-se o mesmo com os ossos longos. Os lajeamentos e os muros de pedra têm sido por diversas vezes evocados. Quase todos os ossários de urso são lajeados, ou seja, cada camada de ossos está separada da seguinte por um período em que a sedimentação móvel foi fraca e em que o depósito de pequenas placas secas domina o das argilas. É um facto geológico suficientemente fre-

quente, mesmo fora das cavernas de urso, para que lhe possa ser dada qualquer outra significação. Junto às paredes reentrantes, a massa das pequenas placas tende a escorregar sob a pressão dos materiais provindo do exterior e são lentamente encaminhadas para as paredes. Daqui resulta que uma parte delas segue as orientações tendentes no sentido vertical, criando falsos pequenos «caixões», forçosamente cobertos pelas outras placas que permanecem mais ou menos horizontais. O facto dos sedimentos móveis serem muito finos ou até frequentemente inexistentes junto às paredes, faz com que possamos deparar com conjuntos de ossadas e de crânios maravilhosamente conservados, orientados e presos numa rede de pequenas lajes, tendendo elas próprias para a horizontal e para a vertical, ou empilhadas em três ou quatro fiadas de espessura.

Ao escavar o seu ninho, o urso triava de uma maneira considerável os ossos e criava uma superfície mais ou menos livre, um género de fossa envolvida por uma coroa de argila e de montículos. Esta coroa envolvia os crânios e os ossos longos por ele empurrados, contendo quase seguramente cada montículo restos de esqueletos. Infelizmente nunca foi feito o inventário rigoroso do conteúdo destes «tumulus». Aqueles que escavámos, não só continham um ou mais crânios, como todo um pequeno material ósseo discordante, que fazia com que os crânios nada mais fossem do que um acidente, espectacular é certo, mas definitivamente pouco significativo.

A reputação de duplicidade do urso não foi ainda demasiadamente exagerada, e a nossa primeira experiência de um ossário saldou-se por uma miragem bastante sedutora. Tratava-se de uma pequena sala de paredes reentrantes, mais ou menos circular e de aproximadamente 3 metros de diâmetro. Os ursos tinham aí constituído os seus ninhos sobre várias camadas separadas por pequenas lajes, constituindo, com a cumplicidade das paredes reentrantes, a melhor armadilha imaginável para um pré-historiador. Terminada a decapagem, a pequena sala encontrava-se cercada de um círculo de crânios de urso, orientados em todas as direcções, mas na sua maioria horizontais e jazendo no seu lugar. Entre eles entrepunham-se pequenas placas diferentemente orientadas e muitos repousavam sobre placas semelhantes que lhes serviam de tabuleiro. A acção dos ursos e a eliminação inconsciente de todos os ossos pequenos, tinham sido suficientes para realizar uma estrutura na qual só muito dificilmente se acreditaria que não tivesse havido intervenção humana.

O caso do Regourdou, na Dordonha, é ainda mais impressionante. Existem aí «tumulus» o que talvez não seja surpreendente, e também lajes cobrindo as ossadas,

mas para além disto encontraram-se lado a lado, uma sepultura humana e uma sepultura de urso, disposta entre dois blocos. Não convém rejeitar completamente a interpretação de M. Bonifay, tanto mais que se trata não do urso das cavernas mas do urso castanho, mais raro nas grutas. À primeira vista não falta nada ao quadro clássico: «tumulus», ossadas agrupadas e alinhadas entre os blocos e conjuntos de ossos longos sem conexão anatómica; há ainda no entanto a acrescentar o facto dos Neanderthalenses terem vivido no local, onde se encontram numerosos sílices talhados, e terem mesmo aí deixado um dos seus companheiros. Como sempre acontece quando se enterra um corpo num solo cheio de ossadas, foi necessário arranjar espaço; os coveiros neanderthalenses podem muito bem ter contribuído para o trabalho dos ursos constituindo um verdadeiro depósito de ossadas numa fenda. «Sepultura» de urso, sem dúvida, mas provavelmente desprovida de qualquer pensamento religioso.

Decididamente, o que é que subsiste do culto dos ursos? Nada de consistente, depois de eliminadas todas as causas naturais. Os documentos são muito frágeis, quer pela inexistência de observações sérias, quer pela inexperiência do meio muito especial dos ossários de urso (e este foi o nosso próprio caso). Contudo, se o romance arqueológico do urso não nos ensina nada de novo, ficam ainda alguns pontos por esclarecer.

Antes de mais, é necessário ter em conta que os factos alegados dizem todos respeito ao Musteriense e não ao Paleolítico superior. Isto poderia dever-se ao simples facto de o urso das cavernas, presente por quase toda a parte, ter sido exterminado antes do Madalenense; no entanto, os Madalenenses que frequentavam as grutas profundas sabiam com certeza identificar os crânios dos grandes ursídeos: caçavam o urso castanho e conheciam conseqüentemente o seu esqueleto. Por outro lado, para eles o urso classificava-se no grupo dos animais do ciclo mitológico e veremos mais adiante que, juntamente com o grande felino e o rinoceronte, ele é um dos representantes do grupo mais secreto. Não se exclui portanto a hipótese de que, nos sítios em que as ossadas de urso eram ainda visíveis no Madalenense, eles se tenham por vezes interessado pelo misterioso defunto dos corredores obscuros. Resta ainda acrescentar que os Musterienses viveram frequentemente sobre ossuários de urso e, dada a mistura de ossos existente nos seus *habitats*, é bem

possível que tenham contribuído também para a «arrumação» efectuada por estes animais. Também não se afasta a hipótese de que tivessem manifestado algum respeito pela fera que eles conheciam viva, mas até à data nenhum dos factos evocados sustenta realmente a possibilidade «práticas».

Capítulo II

PRÁTICAS MORTUÁRIAS

Tudo o que toca ao esqueleto humano exerce sobre o pré-historiador uma impressão profunda, sendo este o domínio em que o verdadeiro e o falso se confundem com a mais franca indiferença.

Um belo esqueleto do Paleolítico médio proporciona ao seu descobridor uma verdadeira glória, e compreende-se que a preocupação de assegurar a conservação de um documento desta natureza tenha feito geralmente esquecer a real preservação das condições nas quais ele jazia. Escandalizaríamos os grandes pré-historiadores de há duas gerações atrás se os acusássemos de falta de sangue frio e de consciência científica; no entanto, a verdade é que sobre as condições de sítio da prestigiosa plêiade dos homens do Quaternário, nada mais possuímos do que alguns vagos esboços e algumas raras fotografias, que servem sobretudo para mostrar a pressa com que se desaterravam as preciosas relíquias.

Será legítimo emitir censuras relativamente a investigadores que, na sua maioria, julgavam fazer o melhor que sabiam? Frequentemente anotaram com muita precisão, na memória, detalhes que eles próprios teriam podido exumar em vida, mas não trocavam de boa vontade o raspador pela pena. Além disso uma descoberta é por vezes o fruto de um acaso, recaindo sobre um amador obscuro ou um trabalhador, a quem dificilmente se pode censurar o desconhecimento do desenho de arquitectura e da fotografia.

O culto das «mandíbulas»

É uma hipótese científica, baseada na grande proporção de maxilares inferiores de homens fósseis, em relação ao resto do esqueleto (maxilar de La Naulette, de Mauer, de Ternifine, de Montmaurin, de Arcy-sur-Cure, etc.). Esta frequência insólita levou certos autores a pen-

sar que os Paleolíticos, mesmo os mais antigos (o homem de Mauer era provavelmente uma espécie de Pitecantropo), votavam um respeito cultural a esta parte facilmente transportável dos seus chefes defuntos ou dos inimigos vencidos. A complacência da etnografia (uma vez que não existe nada que não tenha sido feito pelo menos uma vez nalgum lado) permite apoiar esta hipótese que, em si mesma, nada tem de inverosímil. Com efeito, se somarmos as mandíbulas, os crânios e os fémures dos Paleantropos e Neantropos fósseis, os primeiros representam 48% do total, e os crânios 33%, enquanto que os fémures não chegam a atingir 19%.

A estatística revela-se pois uma arma apropriada para realçar o bom funcionamento do culto das mandíbulas. Todavia, foram feitas poucas interrogações no intuito de averiguar em que condições desapareciam as diferentes partes do esqueleto do homem e dos animais no solo dos *habitats* pré-históricos. As condições físicas e químicas variam, consoante se trata de corpos inteiros abandonados à superfície, sem terem sido atacados pelos carnívoros, de corpos devorados pelo homem ou pelos animais, de corpos enterrados, ou de corpos colocados perto da entrada ou nos fundos de uma caverna. Depois de, por razões de etnografia pré-histórica, termos estabelecido estas condições para as diferentes espécies provenientes de locais onde tudo tinha sido recolhido e registado (Gruta da Hiena e Gruta da Rena em Arcy-sur-Cure) escolhemos os restos de lobos e de hienas de dois *habitats* musterienses e restos de raposas recolhidas em tocas modernas. A escolha dos lobos e das hienas impunha-se pelo facto de poderem não ter sido consumidos pelo homem, mas sim desaparecido como um corpo humano abandonado sem sepultura, tendo a escolha das raposas modernas servido para controlo. Em 474 documentos ósseos foram obtidas as seguintes percentagens:

	Lobo	Hiena	Raposa	Lobo +hiena +raposa	Neanderthalenses da Europa
	%	%	%	%	%
Dentes	62	82	35	60	60
Mandíbulas	19	10	15	15	20
Maxilares	10	2	9	7	5,8
Ossos longos	7	4	39	17	13

Exceptuando as diferenças de proporção, constatamos que as relações são muito aproximadas para os três carnívoros. Se suprimirmos as causas de variação específicas das condições do meio e da própria arquitectura craniana de cada espécie, obteremos uma média muito próxima da dos Neanderthalenses.

É pois necessário considerar que os Neanderthalenses seguiram o mesmo processo de desintegração dos carnívoros, ou então atribuir às raposas actuais uma devoção especial dirigida às mandíbulas das suas antepassadas. Resta somente salientar um factor material muito específico, que retomaremos a propósito das sepulturas: a fusibilidade não é a mesma para as diferentes partes do esqueleto e a mandíbula é uma das mais rebeldes à corrosão.

Como primeira conclusão podemos afirmar que se por um lado o culto das mandíbulas é indemonstrável, por outro lado é provável que uma parte da população paleolítica tenha desaparecido sem deixar vestígios visíveis, abandonada no solo das cavernas e provavelmente devorada, quanto mais não seja pelas feras. Em Arcy-sur-Cure são raros os níveis que não forneceram alguns dentes humanos, documentos mínimos da população desaparecida.

Conhecem-se no entanto alguns factos positivos: na gruta dos Trois Frères, no Ariège, foi encontrado um fragmento de mandíbula de criança perfurado com um orifício para suspensão; um molar perfurado com um orifício para suspensão e tendo gravado na raiz um signo barbelado foi encontrado em La Combe, na Dordonha, e um incisivo igualmente perfurado em Dolni — Vestonice, na Morávia: trata-se de documentos do Paleolítico superior.

Os crânios isolados

Torna-se difícil interpretar alguns achados de crânios isolados, sobretudo entre os mais antigos. Tem-se por vezes a impressão de que a razão pela qual o crânio se encontra isolado se deve sobretudo ao facto de, pelas suas características, não ter podido escapar à atenção dos investigadores accidentais. Noutros casos os investigadores foram vítimas de uma impressão de isolamento injustificável. É ainda possível ler-se que os Sinantropos, primos chineses dos Pitecantropos, veneravam e coleccionavam os crânios dos seus semelhantes. Dentro das condições em que foram efectuadas as escavações de Choukoutien, teríamos grande dificuldade em encontrar

um plano pormenorizado do depósito dos crânios, arrancados de uma fenda compacta, e dos quais nem um único está, de longe, completo. Muito fragmentados, entram na categoria geral de restos de fauna, e compreende-se mal como é que o mito dos Sinantropos colecionadores pôde ganhar peso quando se constata que a relação numérica dos dentes isolados, das mandíbulas e dos ossos longos, se encaixa no esquema geral atrás estabelecido para os carnívoros.

São muito diferentes as razões pelas quais um crânio pode ser descoberto isolado: pode tratar-se de um verdadeiro troféu ou relíquia. Disso possuímos ao menos um exemplo indiscutível, no Madalenense; em Mas-d'Azil, no Arège, descobriu-se em 1961 um crânio feminino de uma jovem, privado de mandíbula, em cujas órbitas duas pequenas placas de osso talhado simulavam os olhos (fig. 3, A). O crânio não parece ter sido achado na sua posição original. Jazia desequilibrado para um dos lados em cima de uma coroa de detritos que obstruía uma abóbada em declive. É o único caso indiscutível de crânio preparado que podemos citar para todo o Paleolítico. Antecede de poucos séculos as numerosas cabeças cortadas, enterradas isoladamente, que se encontram no Mesolítico. Seria inútil tentar reconstituir a função exacta deste crânio. O comparativismo etnográfico ofereceria, de um modo demasiado fácil, a banalidade dos seus cultos dos antepassados, dos troféus dos caçadores de cabeças ou dos acessórios dos curandeiros; é preferível restringirmo-nos única e exclusivamente aos documentos. Assinalaram-se no Paleolítico superior fragmentos de abóbada craniana, cortados a silex ou marcados com incisões, em França, Espanha e Europa Central. Apesar do seu carácter positivo, é difícil de destrinçar aquilo que pode ser indício de práticas antropofágicas, do uso de taças cranianas para fins não elucidados, ou, como é o caso da pequena mandíbula dos Trois Frères, do hábito de usar sobre si mesmo fragmentos humanos.

Não longe da célebre estação de Trinil, em Java, local onde foi descoberto o Pitecantropo, as onze caixas cranianas de Ngandong passam também por ser troféus ou restos de refeições canibais. São dois ou três os casos de caixas cranianas completas em que a face parece ter sido arrancada (fig. 3, B). As outras são fragmentos de calotes cranianas. Insistiu-se no facto de que os ossos da face são fracos e, além deles apenas se possuírem duas tíbias. A composição do conjunto é, à primeira

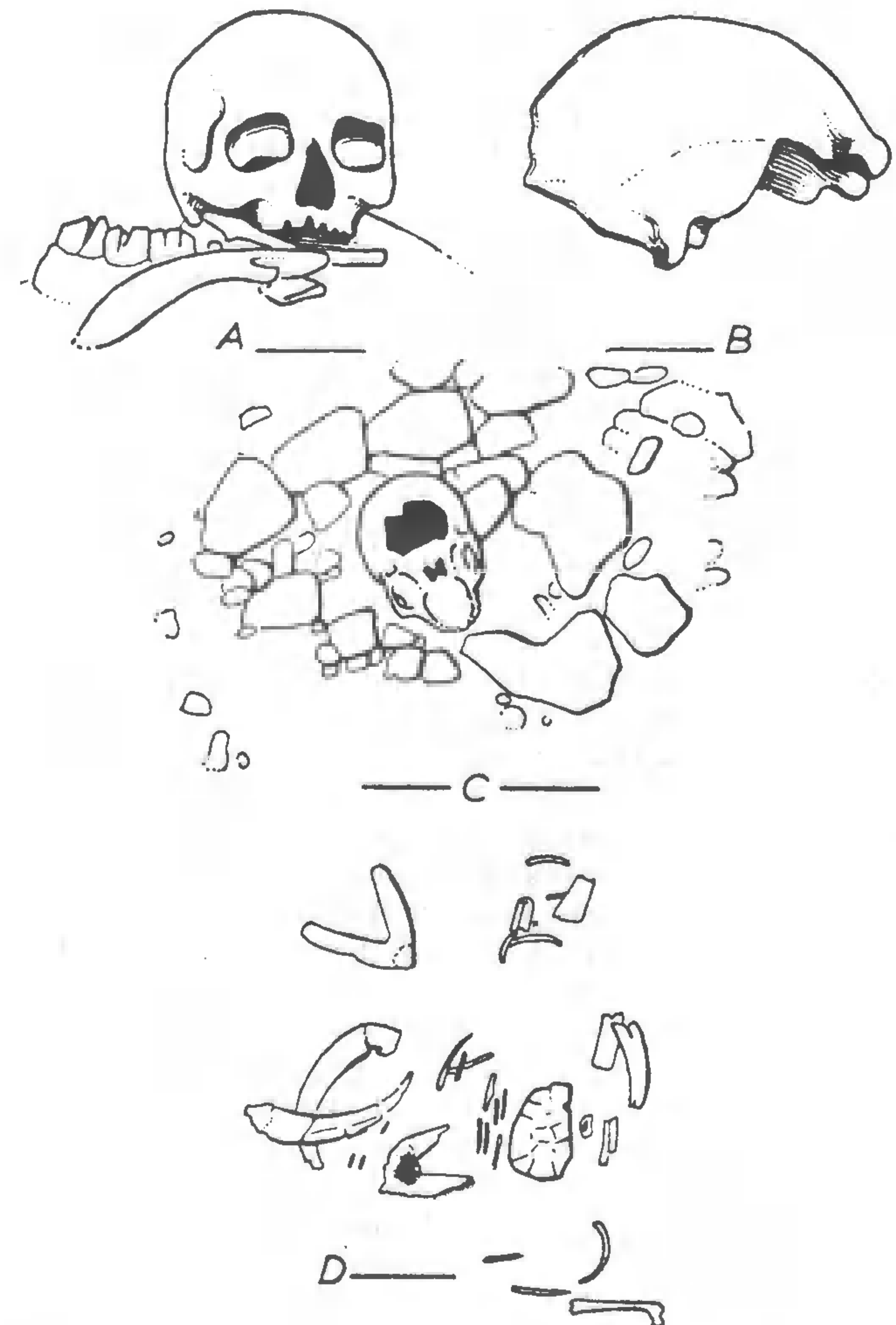


Fig. 3

- A — Mas-d'Azil (Ariège): Crânio feminino cujas órbitas se encontram preenchidas com rodela de osso.
 B — Ngandong (Java): caixa craniana.
 C — Monte Circeo (Itália): crânio assente sobre um círculo de pedras.
 D — Techik Tach (Turquestão): Restos de um esqueleto de criança neanderthalense, jazendo sobre o mesmo nível, que as cabeças de cabrito montês.

vista, bastante estranha: o arrancamento da face do crânio ainda fresco não é de considerar e as caixas cranianas de Ngandong foram isoladas da sua face com o crânio já seco.

A ausência da face é muito frequente nos conjuntos de ossadas enterradas em todas as épocas. É consequência ou da fragilidade dos ossos ou da falta de cuidados na desobstrução. Quando escavadores accidentais trazem um «esqueleto» a um especialista é frequente que ele se encontre reduzido à calote craniana e a alguns pedaços de humero e de tibia. O profissional depara muitas vezes com crânios cuja face se desfaz ao menor contacto, ou se encontra fragmentada em dezenas de pedaços. A recuperação é então muito demorada e delicada. A falta de planos e de fotografias pormenorizadas podemos pois admitir quer que os homens de Ngandong, fisicamente mais primitivos que os Neanderthalenses, coleccionaram efectivamente caixas cranianas cuja face tinha sido arrancada, quer que o estado dos vestígios faciais é tal que, ou não foram encontrados, ou não se deu atenção ao que deles restava.

O mais célebre de todos os crânios isolados é o da gruta Guattari, no monte Circeo. Em Fevereiro de 1939, o barão A.-C. Blanc, um dos grandes pré-historiadores italianos, encontrou na gruta que tinha sido descoberta na véspera pelo estalajadeiro Guattari, um crânio neanderthalense depositado num ninho de pedras, ao fundo de uma das salas (fig. 3, C). O chão estava juncado de ossos de animais cobertos de concreções e o crânio, sem mandíbula nem outras partes do esqueleto, tinha sido manifestamente abandonado ali pelos Neanderthalenses, num estado já ósseo ou pelo menos despojado da maior parte das suas carnes. A órbita direita foi despedaçada antes da deposição, e o buraco occipital encontra-se partido e ampliado. Estas duas mutilações foram interpretadas como sendo os vestígios do golpe que matou o homem de Circeo, servindo o alargamento do buraco occipital para extrair o cérebro e «comê-lo, em obediência às prescrições rituais», segundo a sugestão do autor. Que o crânio foi objecto de deposição é um facto seguro e, por si só, largamente suficiente; que o homem tenha sido morto à pancada e comido é apenas provável. O crânio pode ter servido durante muito tempo antes de ficar bloqueado num recanto mais afastado do *habitat*, como em Mas d'Azil, e pode também ter sofrido choques. Estas reservas não diminuem o interesse que oferece esta extraordinária descoberta: que se trate de uma peça introduzida, seca ou fresca, na caverna, é questão que só interessaria na medida em que uma ou outra situação pudesse ser demonstrada.

Os outros achados de crânios isolados poderiam confirmar o do monte Circeo; infelizmente encontram-se envoltos em tantas incertezas que dificilmente se consegue fazer algo mais do que a sua simples enumeração. Em 1960, espeleólogos gregos levantaram do solo de uma

caverna da Calcídica um crânio de Neanderthalense, intacto mas sem mandíbula, como o de Circeo; não existem sobre ele pormenores realmente científicos. O mesmo acontece com o crânio infantil de Pech-de-l'Aze, na Dordonha, sempre citado e que não está acompanhado por qualquer certeza: os restos muito modestos de um crânio de criança foram encontrados sem que se tivesse reparado em vestígios de outros ossos. Ainda na Dordonha, na região do Bugue, na Ferrassie, foi descoberto um esqueleto de criança sem cabeça, sendo evidente que o contexto arqueológico não foi registado com a clareza suficiente para que se possa sequer tentar encontrar uma explicação para o facto.

Reflexões sobre o culto dos crânios e das mandíbulas

Das deposições de crânios que existem, duas são em definitivo, seguras, uma é do Musteriense (monte Circeo) e a outra é do Madalenense (Mas d'Azil); nem uma, nem outra possuem um contexto susceptível de grande desenvolvimento. No Madalenense, o crânio do Mas-d'Azil e a mandíbula perfurada da gruta dos Trois Frères, demonstram preocupações nitidamente estranhas a qualquer causa de carácter accidental ou técnico. Se os Madalenses não nos oferecem mais nada, os Musterienses ainda nos oferecem menos: entre as causas possíveis da presença de um crânio isolado a deposição pelo homem aparece num escalão privilegiado.

Esforçámo-nos por investigar um meio de consolidar ou de abalar, através da estatística, o pequeníssimo edifício dedicado ao culto dos crânios, estabelecendo, segundo os inventários publicados e as nossas próprias pesquisas, a ordem de frequência das principais partes do esqueleto dos Paleantropos da Eurásia e da África, e dos Neantropos paleolíticos da Europa (fig. 4). O grupo de Krapina, na Croácia, de características muito particulares, foi isolado, para se assegurar uma série considerada como de restos de refeições antropofágicas. Por comparação com o conjunto, fizeram-se os cálculos sobre a totalidade do conjunto esquelético de uma gruta sepulcral artificial do Marne (Le Mesnil-sur-Oger) datando do princípio da idade do cobre. Finalmente, estabeleceram-se uma série de controlos sobre os restos de carnívoros musterenses do *habitat* da gruta da Hiena, em Arcy-sur-Cure; trata-se de ossos de urso das cavernas, de lobo e hiena, jazendo em solos ocupados pelo homem, entre vestígios de herbívoros.

Este quadro demonstra um ponto extremamente interessante: tanto entre os Paleantropos como entre os Neantropos, o tratamento estatístico revela que a mandíbula e a caixa craniana possuem uma taxa

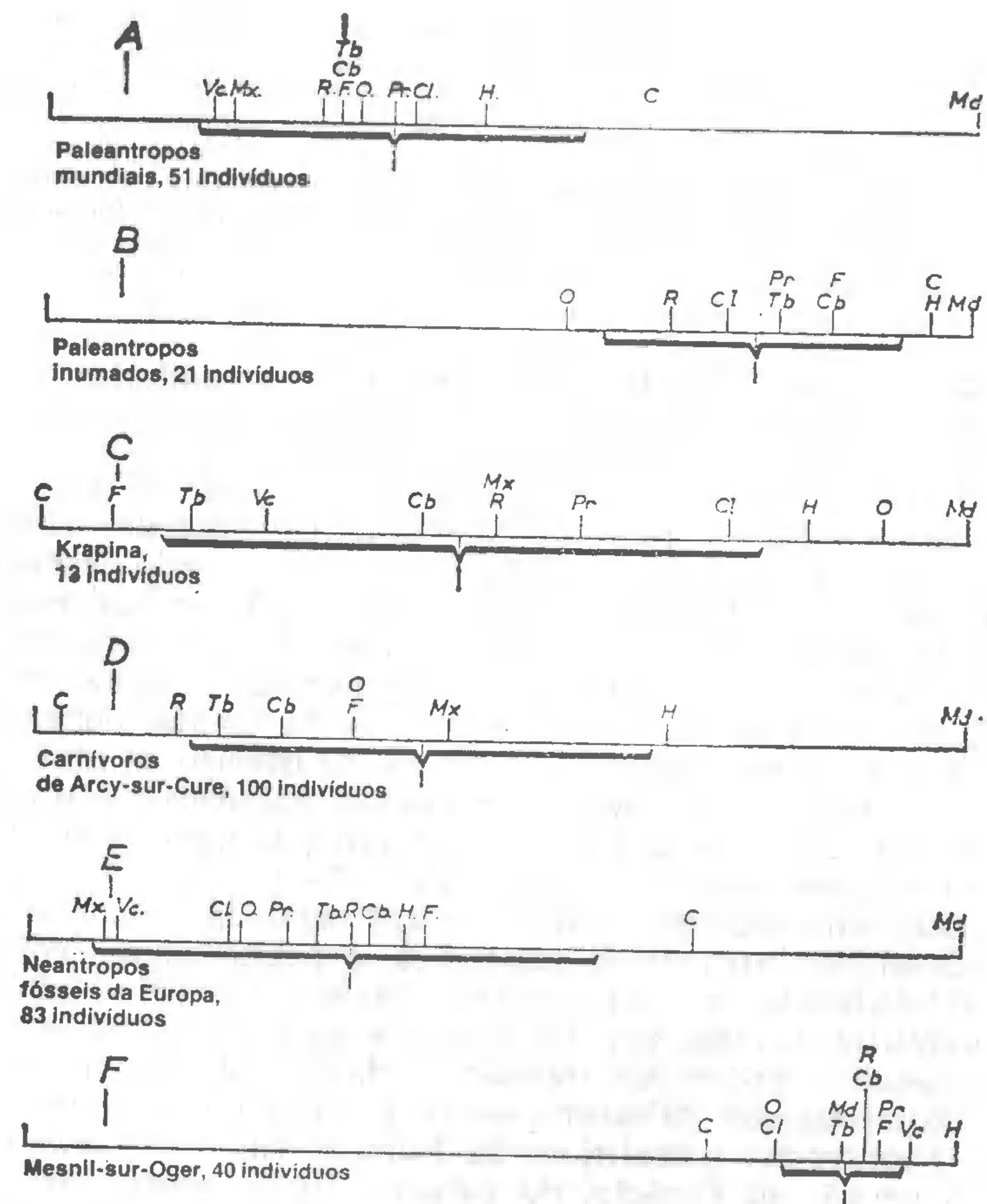


Fig. 4 — Quadro das variações (variação tipo em chaveta) de conservação das diferentes partes do esqueleto.

C — Caixa ou calote craniana

- | | | |
|----------------|----------------|--------------------------|
| Cb — Cúbito | H — Húmero | R — Rádio |
| Cl — Clavícula | Md — Mandíbula | Tb — Tibia |
| F — Fémur | Mx — Maxilar | Vc — Vértebras cervicais |
| | O — Omoplata | |
| | Pr — Peróneo | |

de conservação muito superior à variação-tipo, enquanto que o maxilar isolado tem uma taxa de conservação muito baixa, no limite inferior da variação-tipo. Vimos que a mandíbula é um osso particularmente resistente, ao contrário do maxilar superior que é um osso especialmente frágil. No que diz respeito à caixa cra-

niana, apenas consegue sobreviver em condições especiais de protecção, por enterramento ou isolamento em recanto inacessível; em quaisquer outras condições está condenada a fragilizar-se rapidamente pela perda de matéria orgânica, e a desaparecer por esmagamento e dissolução.

Um facto sobressai: o número de mandíbulas é em grande parte explicável por causas físico-químicas, mas o número do crânios é estatisticamente insólito. Em Mesnil-sur-Oger, após quatro mil anos de completo repouso à superfície do solo, um quarto dos crânios desapareceu completamente (uma parte dos dentes subsistiu e mostra que eles estavam presentes na inumação). Em Krapina, e no caso das ferres de Arcy, 2% subsistiram nos melhores casos, sob forma de restos abandonados à superfície de um *habitat*. Deve pois admitir-se uma conservação preferencial dos crânios humanos nas condições médias do Paleolítico. Esta conservação preferencial é atribuível em grande parte à inumação, como veremos em breve, mas mantém-se uma porta aberta quanto à colocação diferenciada, pelos Paleolíticos, de crânios isolados.

O canibalismo

A existência de um canibalismo religioso no Paleolítico é talvez provável mas totalmente indemonstrável devido ao estado dos materiais. Todavia, à força de exemplos etnográficos, nenhum autor fala da religião paleolítica sem sobre este assunto tomar posição, a favor ou contra. A frequência com que se forçam os factos é verdadeiramente desconcertante; ficamos impressionados com a honestidade com que se pode aumentar a verdade ao invocar simplesmente o exemplo do guerreiro que come o fígado do seu inimigo para adquirir a sua força ou o do pobre esquimó obrigado a comer a mulher e os filhos para salvar o sustentáculo da família. O homem pré-histórico torna-se então sensível, vivo, real, de uma realidade emprestada que dissimula o facto de ele ter vivido um bom milhão de anos, desde o Australopiteco até aos Madalenenses, que já ofereciam sem dúvida as mesmas subtilezas que nós em bastantes domínios e em particular na antropofagia.

A antropofagia, sem mais, sem comentários, é moralmente demonstrável: em Isturitz, nos Baixos-Pirinéus, foi encontrado um pedaço de parede craniana, quebrada,

e com marcas de golpes dados com uma faca de sílex; em Predmost, na Morávia, um dos esqueletos apresentava vestígios de corte; em Tchoulatovo, na Ucrânia, um fragmento de osso frontal apresentava incisões. Pode pensar-se que os dois fragmentos cranianos apresentam simplesmente marcas do levantamento do escalpe, o que não deixa de ser interessante, apesar de não ter relação com o canibalismo. Resta pois o documento único de Predmost, que prova como, pelo menos uma vez, no Paleolítico muito avançado, um homem foi esquartejado com fins que nada impede que consideremos como alimentares. Nisto consiste todo o *dossier*.

Num trabalho sobre a interpretação dos vestígios ósseos, esforçamo-nos por estabelecer as hipóteses de sobrevivência geológica das diferentes partes do esqueleto dos animais, condição fundamental, apesar de desprezada, para qualquer estudo de práticas de caça e de alimentação ou de cálculo demográfico. Ressalta destas observações que os restos ósseos de indivíduos expostos inteiros à decomposição orgânica, têm hipóteses de sobrevivência geológica muito inferiores à dos restos de refeição, cuidadosamente libertos das carnes e do tutano e ainda menos hipóteses que os utensílios de osso, longamente secos e desengordurados com o uso. Os desperdícios de refeição dos canibais teriam assim, entre os restos dos animais consumidos, razoáveis hipóteses de sobrevivência. Infelizmente as condições estatísticas reduzem muito as hipóteses de encontrar aglomerados abundantes de vestígios humanos. *A priori*, mas sem qualquer dúvida, devem ter-se consumido muito menos homens do que renas ou cavalos, já que são necessários muitos animais para totalizar a carne de um carnívoro como o homem. Por outro lado, se partirmos da parte mais bem conservada (os dentes), constataremos que em média, menos de 3% dos ossos do esqueleto de animais chegaram até nós, para além de fragmentos miúdos. Não é possível calcular as hipóteses que um osso de homem devorado teria de subsistir, porque elas são estatisticamente insignificantes. A prática confirma-o largamente; nos diferentes níveis de *habitat* de Arcy-sur-Cure, descobrimos os dentes de uma vintena de indivíduos diferentes e nem um só fragmento de esqueleto.

A presença dos dentes são é uma indicação preciosa, já que estes não caem com o seu proprietário em vida, e o facto de se encontrarem tais documentos pertencentes a indivíduos de todas as idades, mostra que numerosas pessoas jazeram um dia sobre o solo e que o seu corpo foi consumido quer pelo homem, quer pelos carnívoros, quer pelas bactérias, nada mais se podendo acrescentar.

Quando, por acaso, se descobrem restos ósseos, é possível avançar um pouco mais, uma vez que o homem tem uma forma característica de fender os ossos longos para lhes tirar o tutano, enquanto que o lobo e a hiena

procedem de modo um pouco diferente. Infelizmente falou-se mais de hábitos mortuários do que se examinou seriamente os restos ósseos, pelo menos com fins de exame tecnológico. O conjunto mais interessante que existe é o de Krapina, no museu de Zagreb. Encontraram-se os fragmentos de, pelo menos, treze indivíduos neanderthalenses, partidos em pedaços e espalhados. É notória a impressão de trituração alimentar e desde a descoberta que o carácter antropofágico do conjunto tem sido sustentado com a maior verosimilhança. É interessante verificar que a série de Krapina apresenta características de conservação muito diferentes das outras séries (fig. 4, C); enquanto que a mandíbula acusa o coeficiente mais elevado, o crânio inteiro está completamente ausente, apesar de se encontrarem numerosos fragmentos partidos sem ajustamento possível. O humero, muito compacto, ocupa o seu lugar de conservação físico-química normal mas o fémur e a tibia, mais ricos em tutano, apresentam-se esmagados e irreconhecíveis. O rádio e o cúbito, sem grande interesse alimentar, ocupam a sua posição habitual, próxima da média. Aos factores de conservação puramente natural acrescenta-se, conseqüentemente, um outro factor que parece esclarecer-se pela explicação alimentar. A comparação com outros «devorados» é também interessante. Os herbívoros têm um esqueleto cuja taxa de conservação se afasta bastante sensivelmente da do homem, de forma que se escolheram os carnívoros (urso, lobo, hiena) dos quais uma parte apresenta vestígios de refeição humana. As relações de posição da mandíbula, do humero, do maxilar superior, do cúbito, da tibia e do crânio, mostram que estiveram em jogo as mesmas causas.

A questão do canibalismo não está completamente resolvida; alguns factos provam que ele existiu sem dúvida nalguns locais mas a demonstração do seu carácter religioso é illusória, a menos que se descubram um dia documentos verdadeiramente comprovativos. Quanto ao resto o que sabemos (e já não é de desprezar) é que numerosos indivíduos foram devorados pelo homem ou pelos animais, quando não pelos dois sucessivamente, ao longo de todo o Paleolítico.

Descarnamento

A tese do corpo descarnado (com ou sem canibalismo) e depois inumado, foi defendida por alguns autores, ape-

sar de valer sobretudo, e sem demonstração comprovativa, para os ossários dos dólmenes. Em 1894, no auge da querela científica sobre a religiosidade do homem pré-histórico e sobre a existência das suas sepulturas, o abade Tournier descobriu na gruta dos Hoteaux (Ain), uma sepultura de criança, na qual reparou que os fémures tinham sido invertidos. Este facto aparecia como uma prova de que o esqueleto tinha sido enterrado depois de desembaraçado das carnes, e que um erro de anatomia tinha sido cometido durante esta operação. O abade Tournier foi vítima de um engano bastante desculpável: ao proceder à reconstituição da sepultura segundo os documentos por ele deixados, no museu de Bourg-en-Bresse, ficámos persuadidos de que o corpo tinha sido inumado com o busto para cima, mas com a bacia voltada de lado e as pernas meio dobradas, de forma que, com o abatimento, o fémur direito descaiu para o lado esquerdo. Não existe positivamente assegurado nenhum caso de descarnamento mortuário ou de sepultura secundária. Em sentido mais lato, os poucos documentos acima examinados (crânios do Circeo, do Mas-d'Azil, esqueleto de Predmost) implicam que os corpos, ou parte deles, tenham sido efectivamente descarnados, ou abandonados até serem descarnados naturalmente.

A sepultura

A inumação voluntária e, se possível, ritual, foi o grande argumento de batalha a favor ou contra a religião paleolítica. É evidente que o facto de se enterrar um corpo constitui por si só uma forte suspeita a favor da existência de ideias sobre uma vida para além da morte aparente. Certos autores entraram em debates para estabelecer a distinção entre uma sepultura sem ideias religiosas e uma sepultura implicando a ideia de sobrevivência. No estado actual dos documentos esta distinção revela-se puramente formal. Imaginemos que é descoberta, daqui a dez séculos, a sepultura de um anticlerical e ateu inveterado dos fins do século XIX, com restos de uniforme bordado, relógio de ouro com corrente e berloques (e entre eles uma garra de tigre) e, sobre o túmulo, o seu próprio busto docemente reconfortado por duas figuras femininas aladas: a Liberdade de pensamento e a Posteridade. É de temer que o nosso personagem passe para os olhos do futuro como sendo dos fiéis de um culto de divindades femininas pouco

conhecidas, enquanto que o monge, dó qual apenas subsistirá o esqueleto sem qualquer vestígio de mobiliário, permanecerá mudo sobre as suas convicções religiosas. A confusão constante entre manifestações simbólicas, religião e magia, introduziu nas questões da religião paleolítica um emaranhado inextricável. Com efeito, se alguém se dá ao trabalho de escavar uma fossa para aí depor um cadáver, isso prova, apenas e nada mais, uma certa preocupação de ordem não-prática. Se encontramos objectos junto ao morto, podemos admitir que foi no mínimo subentendido que lhes poderia ser dada utilização simbólica, pelo menos enquanto durassem. Se, para além disso, uma decoração especial, um mobiliário rico, uma camada de ocre em pó ou oferendas de alimentos acompanham a sepultura, então já é possível falar-se de práticas religiosas confirmadas; ao invés disto, o abandono puro e simples do corpo nos matagais ou a servir de alimento aos pássaros, o desmembramento ou a fuga precipitada da habitação deixando nela o corpo em questão, não significam forçosamente a ausência de ideias sobre a sobrevivência póstuma.

Ao contrário das ideias correntemente espalhadas sobre as práticas funerárias do Paleolítico, que só em pouca quantidade resistem ao exame crítico, o factor «inumação» encontra-se suficientemente documentado para que o possamos considerar indiscutível. Pretendeu-se que os Paleolíticos enterravam frequentemente os seus mortos em grutas; cem anos de escavações mostraram que acontece precisamente o contrário. As hipóteses de sobrevivência geológica de um cadáver inumado numa gruta, um meio químico a maior parte das vezes neutro, são consideráveis e deveriam encontrar-se milhares de sepulturas em grutas, e não as duas ou três dezenas que conhecemos para o mundo inteiro. Parece pois que os Paleolíticos inumavam fora do seu *habitat*, ao ar livre, acidentalmente numa gruta desocupada na altura. Como as grutas foram muitas vezes respeitadas pela erosão e as suas deposições sobreviveram, isto explica que a maioria das sepulturas conhecidas, se localizem aí. Se, como vimos atrás, os fragmentos de corpos não inumados são bastante numerosos, as sepulturas neste locais são no entanto ocasionais.

Os documentos invocados para apoiar a existência de crenças são muito frágeis. Os corpos encontram-se frequentemente flectidos, facto que foi interpretado por uns como revelando medo pelo morto, que era dobrado e

atado para permanecer inofensivo, e por outros como a prova de que o morto, dobrado em posição fetal, era reintroduzido no seio da terra como que para um novo nascimento. Ao vermos quais os documentos sobre os quais se fundamentaram estas considerações, somos levados a admitir que vinte outras explicações se poderiam arranjar e defender. Existem no Musteriense, duas observações utilizáveis: a de La Ferrassie e a de La Quina. Os corpos, vagamente dobrados, pareciam pertencer a pessoas que estivessem a dormir ou que tivessem sido abandonadas no solo. Para todos os outros casos apenas conhecemos relatórios obscuros que não se apoiam em documentos, excepto a sepultura do Moustier, que sabemos ter sido vergonhosamente falsificada. Em relação ao Paleolítico superior conhecem-se todas as posições, desde o alongamento sobre as costas, até à flexão forçada, com os joelhos no queixo e, apesar de admitirmos a existência de costumes locais, nenhuma explicação de conjunto ressalta dos factos.

Nalguns casos, como na sepultura madalenense de Saint-Germain-la-Rivière (Gironde) parece terem sido dispostas placas de pedra na cabeceira para proteger a cabeça. A mesma constatação foi feita em Solutré, para túmulos «aurinhacenses», mas em condições cheias de incertezas. E que pensar da presença de cinzas ou de uma lareira por cima do túmulo, «para aquecer o cadáver», como diz um autor? Um *habitat* de gruta não é mais do que uma sobreposição de leitos de cinzas, cortada por períodos de abandono: a séculos de distância não teria sido possível que uma lareira coincidissem com uma sepultura esquecida, numa época em que havia lareiras por toda a parte? Que se tenha visto nisso o testemunho de cerimónias comemorativas é muito audacioso e cientificamente pouco honesto.

Da mesma categoria são as oferendas que se supõe serem de alimentos ou de objectos. Os sítios encontram-se atulhados de ossos e de sílices e para se poder afirmar que houve deposição intencional era preciso que cada parcela arqueológica tivesse sido registada num plano e fotografada sobre toda a superfície do sítio. Verificar-se-ia então se, na toalha contínua de ossos e de utensílios misturados, havia ou não características especiais nas proximidades da sepultura. Eliminar-se-iam nessa altura as causas de erros devidas ao próprio escavar da fossa e ao seu aterro, e o que restasse seria então interpretável com as necessárias reservas. Os factos que

actualmente permanecem no *dossier* estão longe de satisfazer este mínimo de exigência e de rigor científico.

A extraordinária descoberta do crânio feminino do Mas-d'Azil foi publicada com uma documentação perfeita: a fotografia do crânio no local, no cimo de uma coroa de detritos, deitado de lado, perto de um chifre de bisonte que dificilmente se diferencia dos outros restos, a não ser pelo tamanho. A legenda do documento está assim redigida: «...a sua face, que não é visível, olhava na direcção do chifre de bisonte.» Fala-se no texto de um crânio de «rapariga»; a qualidade de «rapariga» deixou poucos indícios no crânio, mas cria uma pequena auréola de misteriosa frescura em redor do vestígio. Finalmente uma fotografia alucinante representa o crânio com os seus olhos postiços, tal como deve ter sido na realidade: a legenda diz: «Foi recolocado sobre a mandíbula (de bovívdeo) e o galho de rena sobre os quais repousava.» Nada nestas anotações transcende a observação e o seu autor, um dos pré-historiadores mais qualificados e rigorosos que conhecemos, certamente não teve consciência da porta que abria à imaginação. A verdade é que um crânio de jovem, colocado sobre um maxilar e um galho de rena, e olhando um chifre de bisonte, é inevitavelmente interpretado num sentido fantástico, enquanto que na realidade se trata de um monte de detritos culinários, sobre o qual jazia uma relíquia humana, provavelmente fora do seu contexto inicial e de qualquer forma deslocada.

O problema das sepulturas paleantropianas

Parece estar estabelecido que o homem de Neanderthal inumava, pelo menos algumas vezes, os seus mortos. Na Chapelle-aux-Saints, (Corrèze), o corpo repousava aparentemente numa fossa, de que os autores forneceram um desenho em corte. Em La Ferrassie (Dordonha), teriam sido encontrados vários túmulos em montículo, infelizmente deficientemente publicados. Em Techik-Tach, no Turquestão, tornou-se clássica a sepultura de criança rodeada de cinco cabeças de cabrito-montês; ela própria aliás, está longe de ter sido publicada de maneira irrepreensível, não se sabendo muito bem quais eram as relações entre os cabritos e o esqueleto da criança, que se encontrava em grande desordem. Em Shanidar, no Iraque, R. Solecki forneceu a descrição de uma sepultura particularmente interessante. O esqueleto, escondido sob um amontoado de pedras, repousava sobre uma camada de matéria orgânica vegetal. A análise dos pólenes fossilizados revelou que ela comportava os restos de numerosas flores que devem ter sido colocadas sobre o corpo antes da sua cobertura. A conservação dos pólenes e o seu agrupamento atestavam a introdução de flores e não de pólenes trazidos pelo vento ou pelos animais. Recentemente, em Qafseh, em Israel, foi descoberta uma

sepultura do Paleolítico médio, contendo um indivíduo inumado que conservou sobre as mãos uma armação de gamo. Os trabalhos dos últimos dez anos confirmaram, com regularidade, que os Neanderthalenses, ou os primeiros representantes das formas próximas do *Homo sapiens*, praticaram a sepultura sob formas por vezes complexas. O testemunho das escavações antigas está longe de ser tão preciso. Em La Ferrassie supõe-se que alguns utensílios de sílex, muito belos, encontrados sobre um dos montículos, que eram talvez túmulos de crianças, constituíam uma deposição mortuária. É provável, mas, mais uma vez, impossível de demonstrar através do esboço muito vago que acompanha esta afirmação.

O problema das sepulturas paleantropianas está pois muito incompletamente elucidado; toda a responsabilidade recai sobre os investigadores que não souberam resistir ao impulso de desenterrarem rapidamente o «fóssil da sua vida» e, de uma maneira geral, sobre processos assassinos de escavação estratigráfica que se limitam a recuperar os documentos cronologicamente, marcando encontro com a observação no fundo das gavetas do laboratório.

Este facto é tanto mais lamentável quanto o simples inventário dos restos de paleantropos nos deixa entrever quantas vezes se deve ter passado ao lado da realidade. A estatística geral (fig. 4) mostra que os restos se encontram agrupados dentro dos limites da variação tipo, o que indica uma conservação aproximadamente igual de todas as partes do esqueleto, à excepção da caixa craniana e da mandíbula, particularmente bem conservadas. Este detalhe já foi explorado atrás, e demonstra que, dado o número muito elevado de crânios humanos, eles devem ter sido protegidos de uma forma ou doutra. Ainda mais frisante é o facto de, em meia centena de Paleantropos recolhidos no Mundo Antigo, vinte comportam elementos corporais variados. Por outras palavras, metade dos crânios ou fragmentos cranianos conhecidos, estavam associados à totalidade ou a uma parte dos restos de um esqueleto, circunstância que se desconhece para qualquer outra espécie, mesmo para o urso das cavernas. Nunca ninguém se lembrou de fazer realçar esta constatação, que no entanto concorre de forma impressionante em favor das práticas funerárias. O que se evidencia de forma muito nítida nesta distribuição é a elevada conservação do esqueleto, comparável por exemplo à de um cemitério da Alta Idade

	Deitado c/ os joelhos juntos ao corpo	Estendido	Em flexão forçada	Ocre	Adorno	Mobi- liário	Construção
Arène Candide	x x	x		¹ x ² x x x x	x	x ?	Leito de pedras?
Barma grande (Grimaldi)	x x x	x x		x x x x	x x x x x x x	?	3 placas por cima
Baouso do Torre (Grimaldi)				x x x x	x x x x x x x		
Brno I				x x x x	x x x x x x x		
Brno II				x x x x	x x x x x x x		
Cavillon (Grimaldi)				x x x x	x x x x x x x	?	
Chancelade				x x x x	x x x x x x x		
Dolní vestonice (Morávia)				x x x x	x x x x x x x		
Gruta das crianças (Grimaldi)	x x x	x		x	x x x x		5 lajes ao comprido «Caixão» sobre a cabeça
Entzheim				x x	x		
Hoteaux				x x	x		
Kostienki II (Rússia)				x x	x		
Laugerie basse				x x	x		
Obercassel				x x	x		
Paviland				x x	x		
Pavlov (Morávia)				x x	x		
Predmost (Morávia)				x x	x		
Saint-Germain-la-Rivière				x x	x		Cobertura omoplata mamute Cobertura de placas «Caixão» sobre o corpo dobrado

1. Leito de ocre
2. Unicamente sobre o crânio
3. Ocre depositado num sulco partindo da face sobre uma extensão de 18 cm.
4. Sobre o esqueleto masculino («negróide»).

Média, ou à da gruta funerária de Mesnil-sur-Oger. A comparação com esta última mostra que a conservação das caixas cranianas se relaciona com a protecção através de enterramento. No que diz respeito aos Paleantropos evidenciam-se portanto duas situações mortuárias: a de «devorado» e a de «inunado». A primeira diz respeito a numerosos fragmentos discordantes, dos quais apenas se pode estabelecer a identidade de tratamento com os ossos dos animais devorados pelo homem ou pelas feras. A segunda implica certamente que os corpos encontrados tenham sido protegidos quer por causas naturais como um desabamento quer por inumação ou enterramento sob um monte de terra ou de cascalho. A esta afirmação estatística juntam-se alguns factos positivos, deixando por outro lado os Neanderthalenses entrever preocupações de carácter não técnico (pilhas de esferóides, crânio de Circeo, ocre, objectos curiosos); por todas estas circunstâncias a balança deve tombar positivamente no sentido de verdadeiras práticas funerárias, sobre as quais, no entanto, nada de preciso pode ainda avançar-se.

As sepulturas do Paleolítico

Deparamos aqui com um terreno mais firme, não porque as observações tenham melhorado, mas porque certos pormenores se tornam tão obcecantes com o *homo sapiens* que não poderiam escapar à nossa atenção. Existe um esteriótipo de sepultura para o Paleolítico superior: é escavada em fossa e o morto foi polvilhado de ocre vermelho. Este facto foi constatado da Grã-Bretanha à Rússia, em dezassete sobre vinte e sete casos que foram objecto de observações bastante precisas. Nalguns casos, nomeadamente na Morávia, somente a cabeça tinha vestígios de ocre vermelho. Apesar da persistência deste facto e, creio, do seu valor, não se deve dissimular a circunstância de, em bastantes sítios, o solo se encontrar a tal ponto impregnado de ocre, que todos os restos aí depositados têm vestígios dele. Duma maneira geral, aquilo que chamou a atenção dos autores foi a coloração do fundo da fossa, por sobressair sobre o solo envolvente mas na verdade a comparação deveria fazer-se em relação ao solo em que a fossa foi feita.

Em dezasseis casos, os corpos traziam objectos de adorno pessoal, rede de conchas, pingentes, colares. Os testemunhos de escavação mostram que os objectos de

adorno eram numerosos, não devendo associar-se uma significação especial ao facto de os corpos estarem «ornamentados»: ignoramos se o estavam mais do que na vida corrente. É de realçar o facto de não os desembaraçarem forçosamente das suas jóias, o que pelo menos indica um sentimento de repulsa em despojar o morto.

As outras informações são muito pouco ordenadas. A posição do morto difere de uma sepultura para a outra: em pelo menos seis casos, os mortos encontram-se em flexão forçada, joelhos contra o queixo; num caso, sentado em flexão forçada (Kostienki II), em sete casos com os joelhos chegados ao corpo mais ou menos estreitamente, e em oito casos em decúbito dorsal. É normal que, ao longo de 20 000 anos e em toda a Europa, os hábitos tenham variado. Encontra-se atestada a existência de construções funerárias: em Predmost, os catorze corpos encontrados estavam cobertos de placas de calcário e de omoplatas de mamute; em Grimaldi e Saint-Germain-la-Rivière, os corpos estavam parcial ou totalmente protegidos por uma espécie de «caixão» de blocos ajustados. Não se verificou, em nenhum caso, a existência de uma verdadeira construção subterrânea, mas por vezes uma ou mais lajes foram colocadas horizontalmente.

O problema do mobiliário funerário é importante. Se se estabelecesse que os defuntos foram enterrados com os seus objectos pessoais, isso deixaria pensar que os equipavam para um mundo diferente onde iriam continuar a sua actividade. A simples repulsa poderia ser suficiente para explicar o abandono do mobiliário do defunto sobre a sepultura mas a introdução de objectos na sepultura ultrapassa necessariamente este sentimento. É certo que os autores se apoiaram em objectos colocados perto do esqueleto, mas, enquanto os objectos de adorno pessoal não oferecem qualquer dúvida, os mobiliários funerários são muito discutíveis. Já vimos que o nível no qual está inunado o corpo se encontra repleto de ossos de animais e de utensílios usados. Acontece inevitavelmente que, ao escavar o preenchimento da fossa o pesquisador encontre vestígios; e até aconteceu, desgraçadamente, colocarem-se estes vestígios de lado e recolocarem-se melhor ou pior no fundo da fossa, uma vez terminada a decapagem. As escavações recentes confirmaram a importância do mobiliário funerário: esqueleto das Arene Candide na Itália, acompanhado de quatro «bastões de comando», adultos e crianças de Soungir, na Rússia, acompanhados de centenas de contas de colar de marfim de mamute.

O rigor que apesar de tudo está a ser introduzido nas investigações abre a perspectiva de elucidar, para o Paleolítico superior, médio e talvez antigo, o problema

do equipamento das sepulturas, já que este não é mais do que uma questão de técnica de investigação. É com pesar que pensamos no muito com que poderiam contribuir os planos, apesar de sumários, e um registo fotográfico, mesmo imperfeito, das sepulturas de La Ferrassie, de Krapina ou de Predmost...

Balanço provisório sobre o culto das ossadas e as práticas mortuárias

A soma dos factos positivos revela-se muito frágil, mas não é nula. No Musteriense, os ossos cravados em pilhas de esferóides; no Paleolítico superior, as fossas de ossadas de animais da Europa oriental, os ossos de mamute pintados e as cabeças de auroques ou de bisontes, constituem um primeiro conjunto de factos difíceis de interpretar mas que entreabrem uma pequena fresta sobre práticas talvez só levemente tingidas de religião.

Os dentes de animais preparados para suspensão conhecidos somente no Paleolítico superior, ultrapassavam provavelmente as simples preocupações estéticas tendo possivelmente um valor simbólico, a par do seu valor de adorno. É tudo o que se pode dizer sobre o culto das ossadas de animais, sem exceder abusivamente os factos. A vasta máquina do culto do urso das cavernas deve ser inteiramente revista.

No que diz respeito às ossadas humanas, apenas existem dois dentes-pingentes, um bocado de mandíbula com o mesmo uso, o crânio do Mas-d'Azil com os seus olhos postiços e as taças cranianas. Estes documentos, todos do Paleolítico superior, têm um valor fortemente positivo a favor de um interesse religioso associado aos despojos humanos. O crânio musteriense do monte Circeo é o único documento da sua época a fornecer um crânio que foi objecto de manipulações especiais.

O canibalismo ritual é indemonstrável para qualquer época do Paleolítico. Os documentos sugerem apenas que muitos homens eram deixados sem sepultura e devorados, uns pelos seus semelhantes, outros pelos animais.

O enterramento, eventualmente com deposição, está praticamente confirmado para o Paleolítico médio. No Paleolítico superior, a sepultura encontra-se assegurada e também o uso do ocre, apesar de com menos precisão, conservando o morto o seu adorno pessoal.

Era aqui que deveria ter lugar o longo capítulo de comparações etnográficas que figura classicamente nas

obras consagradas à religião pré-histórica. O leitor dispensá-lo-á, uma vez que não se pretende aqui debitar páginas cheias de presente para colorir o passado, mas sim permanecer no plano dos factos arqueológicos: esta religião, à semelhança dos seus fiéis, não passa de um esqueleto.

Capítulo III

OBJECTOS E RITOS

O ser inteligente que imaginamos no início deste livro, desembarcando de um outro universo e tentando compreender os terrestres, sem com eles poder comunicar, estaria na mesma posição que o autor em face deste capítulo. Os nossos predecessores introduziram a ordem no «bric-à-brac» arquelógico ao explicar os objectos ou vestígios, através de exemplos etnográficos. Desde o momento em que um bocado de armação de rena se transforma em «bastão de comando», tudo se torna claro, e logo veneráveis anciãos se levantam da bruma para retomar a chefia das hordas de caçadores. Desde o momento em que algumas pégadas de crianças na argila de uma gruta se tornam o testemunho de um rito de «iniciação», podemos abrir um capítulo «iniciação» e ressuscitar adolescentes aterrorizados, escutando o ressoar dos tambores sob as abóbadas húmidas, onde um feiticeiro cornudo pinta éguas grávidas para fazer multiplicar os rebanhos. Se renunciarmos a este processo cómodo de compreender os Paleolíticos, não nos resta mais do que um pedaço de galho de rena e algumas pégadas, em face de mil caminhos de explicação abertos, mas todos eles marcados com o traço branco do sentido proibido.

O sentido adoptado neste livro não consiste em classificar pensamentos e actos (os únicos que explicam a religião), mas sim em agrupar os documentos por categorias, porque uns são crânios, outros esqueletos, colorantes, fósseis, esferas ou pégadas. É como descrever uma peça de teatro, fazendo o inventário do vestiário, incluindo a vassoura e o machado do bombeiro. Não nos acusarão de disso não termos tido consciência; a religião paleolítica é um vestiário arruinado e é útil que se elabore uma lista crítica, para oferecer talvez a outros a tentação de escrever novas peças.

Os colorantes

Já muito se disse sobre o papel dos colorantes e sobretudo do ocre, no Paleolítico superior: matéria-prima das pinturas parietais, considera-se também que serviu para colorir as sepulturas e os corpos dos vivos, simbolizando de um modo geral o sangue e, conseqüentemente, a vida, particularmente a do morto. Estas deduções são bastante aceitáveis e, à excepção das pinturas corporais, baseadas em constatações especificamente arqueológicas. Serviram por vezes de base a construções fantásticas, mas, apesar de tudo, o *dossier* dos colorantes não chegou a ser devidamente explorado.

A par com os fósseis, o ocre é o primeiro testemunho que temos de uma tradição anterior ao Paleolítico superior, que perdurou durante toda a extensão deste último. É com efeito por volta do fim do Musteriense que encontramos os primeiros fragmentos, sem que seja acessível qualquer explicação sobre o seu uso, já que não se conhecem nesta época, nem pinturas neanderthalenses nem sepulturas com ocre.

Desde o início do Paleolítico superior que os homens souberam procurar e preparar, queimando-os, os ocres ferruginosos de diferentes tons, desde o amarelo ao violeta. É por esta altura, e até ao Madalenense, que se encontra o ocre em pó, em paus, em pequenas placas, o bióxido de manganês em pó ou em blocos raspados. A maior parte das camadas do Paleolítico superior estão impregnadas de ocre, até ao ponto de serem por vezes violetas, e é incontestável que, tirando o seu emprego para pintar as cavernas e polvilhar os mortos, o ocre era uma substância de uso corrente. Neste ponto, limita-se o conhecimento objectivo, porque infelizmente faltam pormenores sobre o seu emprego ordinário. Se pensarmos que os homens pintavam o corpo de vermelho, tingiam as peles, coloriam as azagaias e os utensílios correntes, punham ocre em toda a parte, poderemos compreender que o solo dos seus *habitats* tenha acabado por tomar uma cor avermelhada. Em Pincevent, no Seine-et-Marne, onde numerosos recintos de tendas foram descobertos, a intensidade de coloração com ocre parece estar na razão directa da intensidade ou duração da ocupação, o que leva a pensar que o ocre desempenhava um papel permanente, quer nas técnicas, quer na religião, e provavelmente nas duas ao mesmo tempo. Na pintura parietal, não sobressai com clareza que o ocre

esteja afecto de uma forma mais especial, por exemplo, às feridas dos animais, ou signos do grupo α ou do grupo β , (ver p. 93), ou que os signos acoplados $\alpha\beta$ sejam um vermelho e outro preto. Todos os casos se acham, sem frequências bem nítidas. As bolas de ocre amassadas com lascas de sílex, encontradas em Arcy-sur-Cure (ver p. 77), sublinham um emprego particular do ocre sem lhe esclarecer o sentido. Conhecem-se pinceladas de ocre sobre largas superfícies (algumas alcovas em cavernas, como em Gargas, um tecto inteiro, como em Saint-Marcel, no Indre). Nas sepulturas, o ocre espalhado sobre o corpo tinha certamente um significado; em Grimaldi, na sepultura dos «negróides», o único sujeito colorido é o indivíduo masculino, e isso pode ter correspondido tanto a uma distinção de sexo como a qualquer outra causa accidental, conhecendo-se em todo o caso, sepulturas femininas com ocre. Quando apenas o crânio se apresenta colorido, isto demonstra simplesmente que a cabeça recebeu o pouco ocre disponível, mas isso pode ter correspondido a um sentido preciso do ocre nas suas relações com o dispositivo cefálico. O único caso muito curioso é o da sepultura do Cavillon, em Grimaldi: um sulco de 18 cm de comprimento cheio de ocre partia do nariz e da boca virada para o exterior. Daí até assimilar o ocre ao sopro da vida ou ao verbo vai apenas um passo, e isso é tanto mais tentador quanto na arte Madalenense numerosos animais apresentam traços que lhes partem do focinho e são interpretados como a figuração da respiração. Pela sua cor, o principal símbolo paleolítico deve ter sido assimilado ao sangue e à vida, mas é muito difícil acrescentar mais alguma coisa.

Os fósseis e as conchas

No Musteriense, o número de manifestações susceptíveis de se associarem à religião é muito restrito e, até à data, a inumação, os montes de esferóides e a presença do ocre, constituem os únicos factos positivos. Na gruta da Hiena, em Arcy-sur-Cure, no mesmo nível de *habitat* que os montes de esferóides, correspondendo ao Musteriense já muito avançado, descobrimos uma pequena deposição constituída por dois grandes fósseis, um gasterópode e um polipeiro esferóide, e dois blocos de pirite de ferro em forma de esferas aglomeradas (fig. 5, A, B, C). A situação destes objectos e a sua proveniência, impõem que tenham sido trazidos voluntaria-

mente. Pelo menos de que tenhamos conhecimento, estas peças constituem portanto o primeiro testemunho do interesse manifestado pelo homem por formas insólitas, representa de algum modo a introdução longínqua à arte figurativa, sendo além disso, a primeira manifestação de um sentimento assaz misterioso em presença de formas descobertas na natureza, particularmente daquelas que saíram do seio da rocha ou da terra.

Este sentimento, que surge com o homem de Neanderthal, atravessa todas as épocas humanas. Está constantemente ligado a ideias terapêuticas ou mágicas, em sentido lato, e far-se-ia todo um livro com o inventário dos fósseis que, em todas as regiões do mundo, guarnecem a bolsa do *xaman* ou a botica do farmacêutico. A Idade Média e o Renascimento vêem entre nós o interesse pelas formas fósseis tingir-se de preocupações que no século XVIII se tornam científicas, sem nada perder das ligações com os estados profundos do psiquismo; o pré-historiador é, em definitivo, o herdeiro directo da curiosidade do musteriense. Ter-se-ia formulado, em relação a este último, uma super-estrutura religiosa? É praticamente certo que o sentimento estético despontava através da atenção manifestada por formas extraordinárias, e é muito provável que este sentimento não se encontrasse claramente dissociado de símbolos de uma e de outra natureza, que não podemos analisar retrospectivamente, e que dizem respeito ao domínio do religioso.

Duma forma mais ou menos constante, encontram-se fósseis e conchas desde o início do Paleolítico superior, do Atlântico aos confins do Ural. Trata-se tanto de fósseis da era primária ou secundária (fig. 5, D), como a trilobita de Arcy-sur-Cure ou as pequenas amonitas encontradas um pouco por toda a parte, como de conchas terciárias ou conchas marinhas contemporâneas do Paleolítico. A distinção entre estas últimas e os fósseis é por vezes difícil. Sabemos que os homens do Paleolítico superior procuravam as conchas marinhas ao longo das costas e que sabiam substituí-las por fósseis extraídos dos sedimentos terciários, de forma que se encontram conchas marinhas mesmo muito longe do mar. Seria interessante averiguar até que ponto as conchas circulavam, porque teríamos assim uma ideia da amplitude das deslocamentos humanos. Julgou-se, por vezes, poder identificar peças provenientes de lugares muito distantes, como a trilobita de Arcy, que seria originária da Boémia, ou uma concha das grutas de Grimaldi, que apenas existiria no oceano Índico. Deve considerar-se com muita prudência este tipo de façanhas comerciais ou migratórias; as trilobitas de Autun encontram-se apenas a 100 km de Arcy-sur-Cure e as conchas das estações ter-

ciárias exploradas pelos homens pré-históricos, denotam, nas nossas regiões, um clima mais quente que o clima actual, de forma que os Paleolíticos puderam trazer para os seus *habitats* conchas que, já nessa época, apenas existiam no oceano Índico.

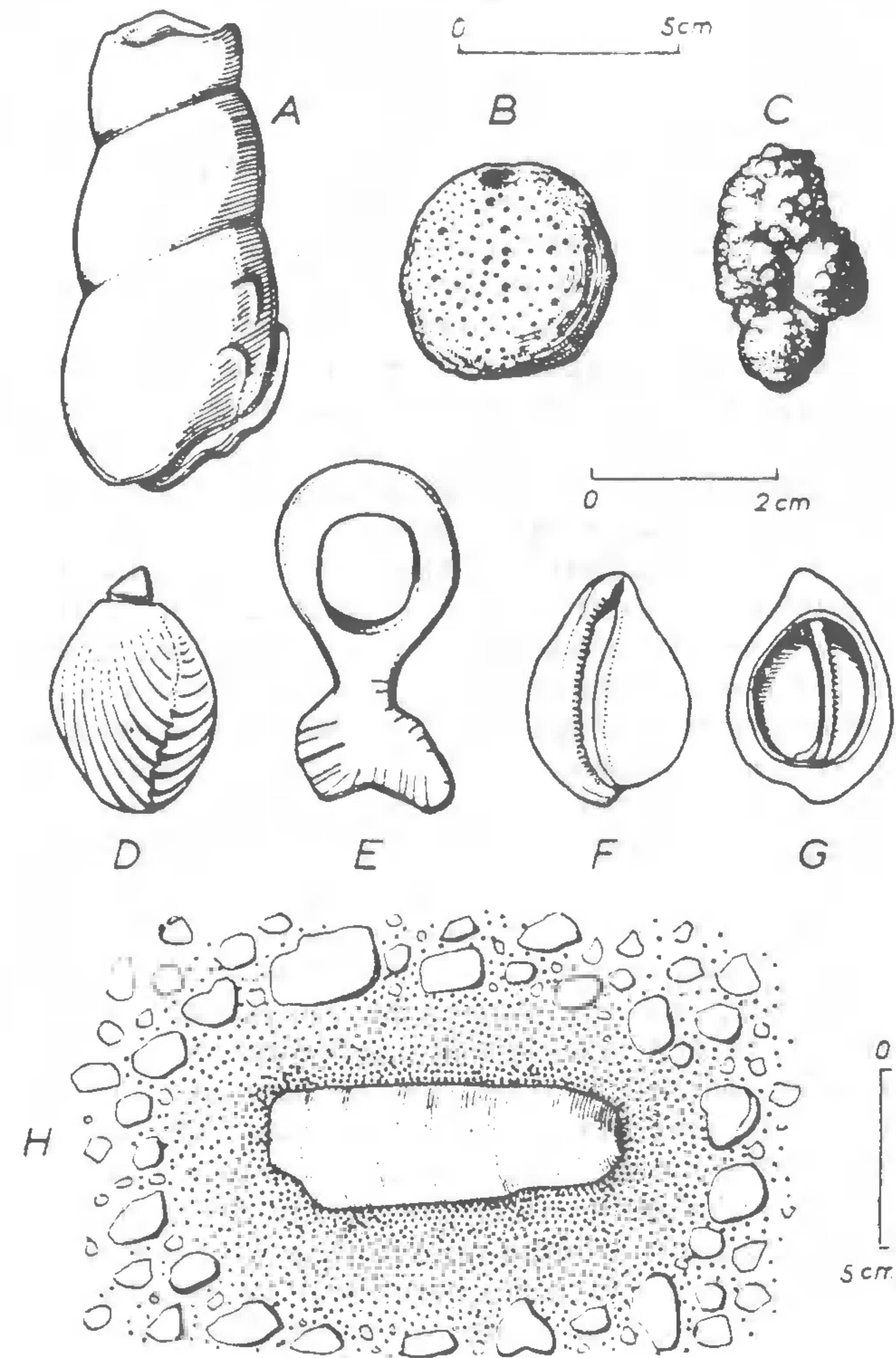


Fig. 5 — Arcy-sur-Cure (Yonne).

A — Molusco do calcário da era secundária.

B — Polipeiro com a mesma origem.

C — Bloco de pirite.

D — Rinconela afeiçãoada para suspensão (*Chatelperronense*).

E — Pingente aurinhacense.

F - G — *Cyprea gravettense*.

H — Lâmina depositada numa camada de ocre (*Chatelperronense*).

Pode fazer-se uma ideia da proveniência das conchas de um certo número de sítios; os Madalenenses das Ardenas belgas iam mesmo abastecer-se até à Champagne, enquanto que os Gravettenses de Arcy-sur-Cure, subiam pelo menos até à zona de Sens à procura de conchas fósseis; considera-se que das conchas provenientes da Dordonha, uma parte, a das espécies contemporâneas, veio do Oceano, tendo a parte fóssil vindo de Poitou ou da Touraine; no Mas-d'Azil, situado aproximadamente a meio caminho entre o Oceano e o Mediterrâneo, as conchas parecem ser originárias de cada uma destas direcções. Em conclusão, na maioria dos casos, o abastecimento parece ter-se verificado num raio de 100 a 200 km, o que corresponde bem aos dados actuais sobre a existência de grupos regionais relativamente estáveis no interior da grande unidade cultural que constituía o Ocidente paleolítico.

Esta constatação torna ainda mais impressionante a unidade das tradições que fazia com que se procurassem os fósseis numa região em que os seus correspondentes vivos não existiam. Sabemos, através de numerosos achados, que as conchas constituíam elementos de adorno, fixas no penteado ou em colares e anéis, colocados nos braços ou nas pernas. Possuímos poucas indicações sobre o sentido que lhes era atribuído, para lá do seu valor estético e da sua raridade. Um grande número é constituído por conchas de *littorina* ou de espécies com forma mais ou menos esferóide, que podem ter evocado os caninos de veado. Existe, em todo o caso, uma grande semelhança na forma entre os caninos de veado, as *littorinas* e numerosas contas de osso ou de marfim que podem ter sido imitações de uns e de outros. Existem igualmente numerosos exemplares de *cypreas* ou *cauris*, fósseis ou contemporâneas dos Paleolíticos (fig. 5 F-G); no que diz respeito à *cyprea*, parece bastante provável que lhe tivessem atribuído o sentido, que permanecerá comum até aos nossos dias, de símbolo sexual feminino. Isto é tanto mais verosímil quanto, como veremos mais adiante, as representações femininas estilizadas da arte parietal e certos pingentes de osso, evocam o mesmo símbolo, numa forma muito próxima.

A excepção das *cypreas*, é ilusório procurar o sentido exacto das conchas, mas a sua associação vulgar a pingentes de material ósseo, mais facilmente decifráveis, implica um valor religioso no sentido mais lato do termo.

Ritos

Os vestígios de operações rituais em locais de *habitat* não são numerosos, sendo os das cavernas tratados no capítulo seguinte. Já foi feita alusão aos montes de esferóides de El Guettar e de Arcy-sur-Cure, que sugerem, desde o Musteriense, o arranjo de estruturas de carácter não técnico. A interpretação destas estruturas permanece absolutamente hipotética.

No Paleolítico superior podemos citar o mosaico rectangular de pequenos seixos que o Dr. Peyrony descobriu sobre um nível solutrense no Fourneau-du-Diable, na Dordonha, e também na Bélgica um mosaico de várias dezenas de estruturas internas de conchas fósseis de *ceritas* que foi descoberto por Dupont sobre um nível do Paleolítico superior. Estes documentos vêm ao encontro da descoberta, na Rússia, de um conjunto de pedras figurando vagamente uma cabeça de cavalo. Estes factos, entre os raros que chegaram a ser observados e registados, provam que o solo dos *habitats* serviu de cenário a operações de carácter ritual. Vimos mais acima que a intensidade de coloração do solo com ocre vermelho poderia dever-se ao seu emprego mais ou menos frequente nos actos domésticos, cujo carácter religioso é provável. No entanto, as observações nos locais de *habitat* em gruta são difíceis: ocupações sucessivas e numerosas obliteraram os vestígios. Apesar disso acontece por vezes ser possível efectuarem-se observações precisas em níveis de coloração diferente.

Em Arcy-sur-Cure, entre o nível VII, aurinhacense, e o nível IX, chatelperronense, ambos vermelhos de ocre em camada, interpõe-se um nível VIII espesso, de argila amarela, que se constituiu de forma bastante rápida. Na espessura desta camada encontramos numerosas bolas de ocre vermelho do tamanho de um punho fechado, contendo objectos. Uma continha uma grande lâmina de sílex (fig. 5, H) e uma outra um fragmento de osso de perna de rena, cravado verticalmente; as outras contêm fragmentos de sílex amassados com o ocre, tendo-se conservado intactas à excepção de uma cujo conteúdo consistia em meia centena de lascas de desperdício e utensílios fora de uso. O sentido destas deposições, à semelhança da maior parte dos factos não técnicos, escapa-nos; se apenas tivéssemos encontrado a lâmina grande, teríamos visto nela uma oferenda, mas um pedaço de osso de rena e restos de talhe vieram

felizmente mostrar-nos que uma explicação demasiado evidente é muitas vezes errónea. Resta-nos o abandono sobre o solo, em diversos pontos do *habitat*, de bolas de ocre contendo osso ou sílex sem corresponderem a nada de sensível.

Todos estes documentos provam até que ponto é grande a distância entre aquilo que forneceram cem anos de escavações frequentemente desordenadas, e o que os autores puderam afirmar sobre a religião do homem pré-histórico. Adquiriu-se materialmente a certeza de operações religiosas e de um conjunto de crenças, mas esta certeza não pode ser convertida em noções precisas sobre o pensamento religioso, sem correr o risco de constituir um verdadeiro folclore científico.

O que resta é assustadoramente pobre. Esta indigência permanece, por um lado, culpa de métodos de escavações que ainda hoje são muito incipientes; ter-se-ia visto muito mais se se tivesse observado mais pacientemente e renunciado a uma concepção de escavação inspirada pelos primeiros geólogos, e altamente justificada para eles, mas ruínosa quando se trata de estudar os vestígios da vida humana. Por outro lado, a pobreza documental está também ligada à natureza dos documentos, muito ambíguos quando não se apoiam em observações irrepreensíveis.

Finalmente, dar-mo-nos por muito satisfeitos por ter aprendido que o homem de Neanderthal tinha comportamentos que excediam o beber e o alimentar-se, que amontoava bolas, colecionava fósseis e ocre, enterrava uma parte dos seus mortos e devorava talvez a outra. Este conhecimento é infinitamente precioso se pensarmos que não é de nós próprios que se trata, mas sim da forma de homem que nos precedeu.

Para nós, que entrámos na história com o Paleolítico superior, muitas certezas seriam de esperar, já que alguns *habitats* foram encontrados quase intactos. Existem muito poucos factos inatacáveis. Os fósseis continuam a sua carreira na categoria de objectos de adorno com conteúdo simbólico; o ocre torna-se o acessório quotidiano de acções que permanecem mais ou menos obscuras; os mortos são inumados no ocre, que é utilizado em deposições enigmáticas de osso e sílex; aparecem por vezes mosaicos curiosos e grandes ossos com incisões ou pinturas são conservados no *habitat*. Todos estes testemunhos não chegam para formar a ossatura de uma explicação coerente, mas trazem-nos a certeza de um pensamento religioso complexo. Seria fácil preencher vazios com a ajuda de bocados de etnografia, mas isso

não seria mais do que juntar a hipótese à certeza, e o homem pré-histórico não ganha em vestir-se de hipóteses.

Na terceira parte, será possível avançar bastante mais longe. Com efeito, a partir do Paleolítico superior, uma nova etapa se abre à humanidade: a da figuração gráfica. O homem do cavalo e do bisonte deixou-nos milhares de figuras que são, senão textos, pelo menos vestígios de uma literatura oral que pode ser tratada como tal. Mas ainda aqui, vale mais que o leitor a aborde sem demasiadas ilusões; se queremos dar a palavra ao Paleolítico, teremos de renunciar a fazê-lo falar uma algaraviada artificial, constituída por palavras australianas, esquimós ou bantus, pronunciadas à europeia. Entregue à sua própria expressão, ele pode perder loquacidade, mas torna-se mais inteligível e, o que não nos espanta, mais inteligente.

A ARTE RELIGIOSA

Os primeiros objectos de arte paleolítica foram descobertos há cento e trinta anos, simultaneamente na França e na Suíça. A primeira gruta ornamentada descoberta foi a gruta de Chabot, na Ardèche (1878), seguida de perto pela de Altamira, em Espanha (1879). A partir de 1895, a arte pré-histórica foi aceite nas suas duas formas, mobiliária e parietal, e, a partir de 1900, o abade Breuil assegurou-lhe uma divulgação que prosseguiu até à sua morte, em 1961. Desde o fim do século XIX que se sustentou o carácter religioso da arte pré-histórica; foram sobretudo razões ideológicas próprias da época que dividiram tanto os partidários do homem pré-histórico sem religião, praticando a «arte pela arte», como os que defendiam que os Paleolíticos praticavam uma «arte mágica», à semelhança dos primitivos actuais. A este nível, o comparativismo etnográfico justificava-se plenamente, porque ainda não explicava o facto paleolítico por um facto escolhido numa qualquer tribo recente, expondo uma característica fundamental da humanidade, inseparável tanto da técnica como da linguagem, que é a origem comum da religião e da arte.

A discussão fica evidentemente mal alicerçada se se pretender separar o artista, que apenas criaria formas, do homem religioso, que só representaria deuses. Mesmo nas obras menos figurativas e mais desprovidas de sentido religioso, o artista é criador de uma mensagem; exerce através das formas uma função simbolizadora que penetra mais longe do que a música e a linguagem. Esta mensagem refere-se à necessidade, ao mesmo tempo física e psíquica, de assegurar a apropriação do universo pelo indivíduo ou grupo social, de realizar a inserção do homem através do aparelho sim-

bólico, no campo movediço e aleatório que o envolve. Vários milénios de racionalismo levaram a Europa a fazer cortes nas formas de apreender a ordem universal através da mística, da magia, do dogma, do direito, da ciência, das técnicas e da filosofia. No estado em que se encontrava o Paleolítico, se é verdade que a sede de uma compreensão do conhecido e do misterioso existiam nele como existem em nós, ele não podia, no entanto, exprimir-se numa sistemática idêntica à nossa; conhecido e misterioso exprimiam-se num único sistema, diferente, mas tão aceitável como o da filosofia grega ou o da física dos átomos, representando para o homem de então a chave da segurança operatória em todos os domínios da vida e da morte. De há trinta anos para cá, a etnologia tem vindo a rejeitar pouco a pouco o aparelho teórico que fazia do primitivo um Europeu mentalmente inacabado e a redescobrir um pensamento coerente, humano, através das manifestações parcelares que serviram de suporte às velhas teorias sobre a mentalidade primitiva. Por que é que então, quando se trata do homem pré-histórico, se vão procurar ainda ao gabinete de curiosidades os andraxes que o «travestiam» em «Australiano-para-sociólogo-do-século-XIX»? Já há cinquenta anos atrás era estranho que se tivesse partido da ideia de que a religião pré-histórica, sendo rudimentar, devia ser constituída por tudo aquilo que se considera como o mais inferior na religiosidade actual: práticas de feitiçaria, caçadas imitadas, danças de iniciação, cenas de acasalamento, toda uma profusão de práticas apanhadas ao acaso nas narrativas de viajantes dos antípodas, ofensivas para os próprios Pigmeus ou Fueginos, por terem sido tendenciosamente escolhidas na ignorância do cimento que as torna solidárias de uma certa imagem do mundo. Porque motivo havemos de negar que o homem do Paleolítico superior praticou tudo o que se quiser de rituais mágicos, se não existem provas para afirmá-lo ou negá-lo? Imaginemos um Madalenense, grande feiticeiro da sua pequena tribo que, depois de ter coberto uma placa de xisto com uma mistura de sangue de cavalo e de sebo de bisonte, tivesse gravado uma imagem destes dois animais. Soprá-lhe-ia em cima, grunhindo e relinchando, colocando-a depois no fundo do abrigo, sobre uma pele de raposa, enfeitada com algumas flores da estação. Vestido com os despojos de uma cabrito-montês, dançaria, balindo, até finalmente plantar no solo uma azagaia simbólica para reter os rebanhos durante toda uma campanha de caça. Bela mani-

festação de magia cinegética que, infelizmente, não se pôde fixar em película, já que *nada* deste episódio mágico deixou rasto. Gestos, *peles*, encantamentos, dança, tudo desapareceu e apenas resta uma placa de xisto gravada, a qual bem gostaríamos que provasse que houve uma operação religiosa. Ela prova-o indiscutivelmente, mas se se lhe aplica uma sugestão descritiva, fica-se apenas em presença de um velhote mascarado, que gesticula no fundo de uma gruta. Contudo, aquilo que se conservou, a placa gravada, é talvez mais do que um simples acessório. Os objectos religiosos dos primitivos actuais ligam-se sempre a um sistema de pensamento coerente e, definitivamente, elevado, mesmo se a sua lógica nos parece absurda.

O nosso exemplo familiar do viajante sideral, servir-nos-á uma vez mais: se ele assistisse ao desenrolar de uma missa sem nada conhecer do cristianismo, levaria para o seu planeta uma narrativa que com certeza não faria a edificação dos intelectuais do lugar; repararia que os cristãos se entregam a sequências de gestos muito singulares, curiosamente estereotipados, sem significação aparente, para terminarem numa operação de magia imitativa, provavelmente destinada a assegurar o crescimento do trigo, ao comerem o simulacro de um pão. Mais vale renunciar a falar de religião pré-histórica se é para seguir um processo semelhante. Mas vamos mais longe. Imaginemos o nosso ser sideral examinando uma igreja e constatando que existem várias mesas semelhantes em diferentes locais, objectos representando um homem ferido pregado numa cruz, e o mesmo homem representado numa série de quadros ao longo das paredes, em diferentes atitudes com diferentes personagens. Que ligação estabeleceria entre a refeição simulada e o homem torturado? Faltando-lhe a cadeia de conceitos indispensável, a imagem que assegura a inserção do cristão no universo natural e sobrenatural, que outra ideia poderia fazer de nós além de esqueletos? Suponhamos que é paciente: examinaria vinte, cem igrejas, e acabaria por se aperceber que os testemunhos materiais correspondem a um sistema coerente, que os edifícios têm uma orientação, que as suas partes são constantes, que as cruzes e os quadros correspondem a um tema bem determinado. Jamais conseguiria reconstituir o pensamento cristão e o Evangelho, mas chegaria a afirmar que existe qualquer coisa de simbolicamente elevado por detrás dos documentos incompreensíveis. Chegaria sem dúvida a uma reconstrução espantosamente falsa da religião dos cristãos, mas constataria que essas pessoas possuem uma cosmogonia muito estruturada e ideias muito elaboradas sobre a alternância da vida e da morte.

Foi o método que seguimos, renunciando a tudo o que se encontra nos primitivos tentando fazer um inventário de tudo o que os Paleolíticos deixaram de imagens visíveis: não saber se dançavam com cornos, mas sim tentar descobrir a que correspondia a generalidade das suas ideias, baseando-nos naquilo que podia deixar tes-

temunhos figurados. A imagem assim construída é muito diferente daquela a que meio século de publicações nos tinha acostumado, certamente tão espantosamente falsa como a do viajante sideral sobre os cristãos, e o homem de Cro-Magnon encolheria os ombros ao ler estas páginas. Ela deve no entanto conter uma parcela de uma certa verdade, porque, ao mesmo tempo que concluíamos o nosso primeiro trabalho de prospecção, a senhora Laming-Emperaire chegava, por caminhos muito diferentes, aos mesmos resultados sobre uma parte importante, referente às associações de animais.

A arte móvel paleolítica encontra-se atestada por centenas de obras, das quais uma parte está relativamente bem datada, por ter sido descoberta em camadas de terreno com utensílios e armas datáveis. A arte móvel é pois o fio mais seguro para estabelecer a sucessão cronológica dos estilos; esta é muito importante para se tentar compreender a eventual evolução dos conceitos. Por outro lado, os objectos encontram-se muitas vezes desprovidos de qualquer contexto topográfico e torna-se difícil discernir as eventuais relações com um pensamento responsável pela sua ordenação.

A arte parietal encontra-se na sua maioria desprovida de processos directos de datação. Nas grutas, pelo contrário, as figuras encontram-se no local em que o homem as colocou. Depois de ter registado num plano todas as figuras de uma centena de grutas e abrigos sob rocha, procurou-se uma imagem de síntese, através de meios estatísticos e mecanográficos. A semelhança do viajante espacial, esta imagem deveria parecer-nos incoerente se se tratasse apenas de figuras lançadas ao acaso sobre as paredes; devia corresponder a uma ordem se deixasse transparecer uma distribuição intencional no espaço. A imagem apresenta-se coerente até ao pormenor e suficientemente precisa para esclarecer, por sua vez, uma parte importante da arte móvel; mas é uma imagem sem legenda, sem dúvida tão afastada da realidade como a que o visitante de um outro universo teria podido obter do cristianismo.

Repartição da arte paleolítica

A arte paleolítica encontra-se presente numa área mundial relativamente restrita. Se abstrairmos a região do lago Baikal, onde os documentos são aliás muito semelhantes aos do Ocidente, principia no Ural e esten-

de-se até ao Atlântico. A arte móvel cobre a área mais vasta: Espanha, França, Itália, Grã-Bretanha, Bélgica, Suíça, Alemanha, Austria, Checoslováquia, Ucrânia e a Rússia até ao Don. A arte parietal é mais restrita, englobando apenas a Espanha, a França e a Itália do Sul, tendo-se no entanto descoberto, em 1961, uma gruta com pinturas paleolíticas no Ural.

A distribuição deste conjunto não é igual em densidade e varia consoante os períodos. O núcleo mais denso, tanto para a arte móvel como para a arte parietal, cobre as Astúrias, os Cantábricos, o País basco, os Pirinéus e o sudoeste da França, do Maciço Central ao Atlântico até à altura do Loire. Mais a norte, os documentos rareiam. Na Bélgica, na Alemanha, na Suíça, e nos Alpes ou no Jura, encontram-se sobretudo testemunhos do Madalenense recente, que acompanham o último recuo dos grandes glaciares. No vale do Ródano e na Itália, os locais são até à data pouco numerosos. Para Este, pelo contrário, apesar da ausência de grutas, os povoados de ar livre deixaram uma arte móvel muito abundante.

Veremos mais adiante a extraordinária unidade do conteúdo figurativo; o sentido aparente das representações não parece ter variado de 30 000 a C. a 9000 a. C., permanecendo o mesmo nas Astúrias e nas margens do Don. A continuidade das representações no tempo e no espaço poderia passar por um efeito do determinismo: num nível cultural equivalente, as manifestações que aparecem são semelhantes. Se o determinismo pode explicar a adopção e a persistência, não explica a origem de um sistema tão complicado como o das representações associadas; uma difusão por contacto deve ter levado a extensão da simbólica figurativa até aos confins. Esta hipótese encontra-se de resto reforçada por factos como a transformação progressiva, de Este para Oeste, do Don ao Atlântico, das proporções e dos pormenores corporais das estatuetas femininas (v. p. 111). A Europa de então constituía já uma mancha cultural muito vasta, variada nos seus detalhes, mas homogénea no seu todo. O facto de se encontrar imbuída de um sistema de referências simbólicas, testemunha esta unidade relativa, mas não significa de modo nenhum que todos os grupos que a adoptaram lhe tenham introduzido o mesmo conteúdo ideológico, porque os mesmos símbolos gráficos podem aplicar-se aos conteúdos sociais, religiosos ou morais mais diversos.

O estudo das obras nos locais em que a sua densidade é suficiente revela que as unidades regionais permaneceram sólidas e estáveis ao longo dos séculos. Entre

o Solutrense e o Madalenense recente, as Astúrias, os Cantábricos, os Pirinéus centrais, o Quercy e a Dordonha exibem uma individualidade de estilo absolutamente surpreendente; o vale do Ródano parece ter também constituído uma entidade geográfica persistente e enganar-nos-íamos redondamente se imaginássemos os povos pré-históricos a percorrerem precipitadamente os vastos espaços do Atlântico ao Ural, num movimento agitado: o mundo Paleolítico não parece ter sido muito diferente do mundo histórico.

Cronologia dos estilos

Embora sem relação aparente com o objecto deste livro, a arte pré-histórica revela-se importante para a compreensão do pensamento religioso. É de facto essencial saber se Lascaux é constituída por figuras sobrepostas, do Aurinhacense ao Madalenense, se o conjunto é de um mesmo período, ou ainda se, por exemplo, a decoração das diferentes salas de uma mesma gruta corresponde a épocas sucessivas e, conseqüentemente, à intenção de situar as figuras, não ao acaso, mas num universo subterrâneo bem delimitado. Veremos mais adiante como as perspectivas cronológicas são as únicas que permitem afirmar que a arte paleolítica começa no abstracto e tende para um realismo cada vez mais acentuado, e que os signos do Madalenense só são decifráveis dentro de uma sucessão de formas que vem desde o Aurinhacense. Na realidade, a cronologia das figuras e a estatística topográfica permanecem inseparáveis ao longo do trabalho que conduziu às actuais conclusões.

Período pré-figurativo — O Musteriense evoluído (aprox. — 50 000) conheceu o ocre e a recolha de fósseis, mas não há notícia para este período de nenhuma obra figurativa. O Chatelperronense (aprox. — 35 000) inaugura os objectos de adorno, mas desconhece-se ainda qualquer figura explícita. Pelo contrário, encontram-se numerosos ossos e pequenas placas de pedra com incisões regularmente espaçadas: o ocre é muito abundante e é possível que, um dia se venham a encontrar figuras.

Período primitivo (estilos I e II) — O Aurinhacense (aprox. — 30 000) forneceu indiscutíveis figuras gravadas ou pintadas sobre placas de calcário (Dordonha: La Ferrassie, abrigo Cellier; Baixos Pirinéus: Isturitz). São representações muito abstractas e desajeitadas, representando cabeças ou partes dianteiras de animais, geralmente inidentificáveis, misturadas com representações genitais.

O estilo II destaca-se lentamente do estilo I no decorrer do Gravettense e do Solutrense antigo (aprox. — 25 000 a — 20 000). Estes dois períodos da Europa ocidental correspondem, a Este, a culturas muito diferentes. As figuras de animais estão construídas de modo muito uni-

PERÍODO	ESTILO	CAVALOS	FIG. HUMANAS	SIGNOS
MADALENENSE RECENTE 10.000	IV RECENTE			
MADALENENSE MÉDIO 13.000	ANTIGO			
MADALENENSE ANTIGO 15.000	II ANTIGO			
SOLUTRENSE 20.000	II			
GRAVETTENSE 25.000	I			
AURINHACENSE 30.000	I			
CHATEL-PERRONENSE 35.000	PRÉ-FIGURATIVO			

Fig. 6 — Cronologia dos períodos e dos estilos do Paleolítico superior.

forme, sobre uma curva cervico-dorsal muito sinuosa, à qual se prendem detalhes frequentemente muito sumários, que caracterizam o bisonte, o cavalo, o mamute, o cabrito-montês, etc. As figuras humanas seguem uma estilização muito próxima: a parte central do corpo é enorme em relação à cabeça e às extremidades, o que fez nascer a ideia de mulheres paleolíticas particularmente esteatopíguas. As mais antigas figuras parietais são deste período (Gironde: Pair-non-Pair; Altos Pirinéus: Gargas).

Período arcaico (estilo III) — O Solutrense vê o estilo II amadurecer e dar lugar, no Solutrense recente (Charente: Roc-de-Sers; Dordonha: Fournau-du-Diable) ao estilo III (aprox. — 20 000 a — 15 000). O domínio técnico é então perfeito e as pinturas, esculturas, ou gravuras, são de uma qualidade de execução extraordinária. O cânon permanece, no entanto, próximo do estilo II e as figuras animais mantêm um corpo

enorme e uma cabeça e extremidade pequenas. As proporções muito especiais do estilo III levaram a que se considerasse muitas vezes que as figuras representavam «animais grávidos», hipótese na maior parte das vezes impossível de verificar, e francamente divertida nos casos em que os animais exibem caracteres indiscutivelmente masculinos. As obras parietais são bastante numerosas e contam vários sítios de primeira grandeza (Dordonha: Lascaux; Cantábricos: La Pasiega). Os signos do estilo III e as formas animais revelam uma evolução nítida entre o princípio e o fim (signos quadrangulares, seguidos de signos em chaveta).

Período Clássico (estilo IV antigo) — No Madalenense (aprox. —15 000 a —10 000) a transformação alcança um realismo de formas já muito desenvolvido; os animais encontram-se integrados em proporções próximas das reais e o seu enchimento envolve uma multidão de detalhes de pelagem e de modelado muito bem codificados. As figuras permanecem no entanto como que suspensas, com os membros pendurados, e só nos finais do período é que as extremidades parecem repousar sobre um solo. As estatuetas e as figuras parietais revelam uma transformação na figura humana, muitas vezes reduzida ao meio do corpo, sem cabeça, sem peito e sem braços, e representada de perfil. As cavernas ornamentadas atingem o seu máximo de extensão geográfica, e a maior parte dos grandes sítios pertence a esta época. (Vienne: Angles-sur-L'Anglin; Dordonha: Font-de Gaume, Cap-Blanc, Les Combarelles; Ariège: Niaux, Les Trois-Frères, Montespan; Cantábricos: Altamira, El Castillo).

Período tardio (estilo IV recente) — No Madalenense recente (aprox. —10 000), as grutas cessam progressivamente de ser ornamentadas e a arte torna-se essencialmente móvel. As figuras perderam os últimos vestígios dos estilos antigos e os animais encontram-se integrados num realismo onde a exactitude de formas e de movimento é impressionante. A arte móvel estende-se então até à Grã-Bretanha, à Bélgica e à Suíça. Por volta de 9000 um declínio bastante brusco assinala o fim do Paleolítico superior, dissolvendo-se os raros documentos do Madalenense final na imperícia e no esquematismo.

Deste modo, a arte paleolítica, ligada durante toda a sua duração ao mesmo fundo simbólico, segue uma curva evolutiva coerente, comparável à de outras artes conhecidas durante longos períodos. Do estudo cronológico ressalta ainda um outro aspecto que explica certas anomalias que haviam chamado a atenção dos autores: no que diz respeito à sua localização no tempo, a densidade da arte parietal e da arte móvel diferem muito. Em relação à arte parietal, os estilos I, II e III reúnem em 20 000 anos não mais que 20% das obras, agrupando-se os outros 80% nos 3 ou 4000 anos do estilo IV, de forma que as obras de arte móvel são antes de tudo madalenenses e, na sua maioria, recentes. A arte parietal, por sua vez, corresponde à seguinte repartição: estilo I: 0%, estilo II: 15%, estilo III: 27%, estilo IV antigo: 54%, estilo IV recente: 4%, aparecendo pois como essencialmente solutrense ou madalenense antigo e médio, e desa-

parecendo no momento do apogeu da arte móvel. Este facto explica uma anomalia constatada: a rena é rara nas figuras parietais e muito frequente na arte móvel, porque o grande arrefecimento que se verifica no final do Madalenense médio coincide com as últimas grutas ornamentadas (Combarelles, Trois-Frères) e com o aumento da importância da rena.

Ao considerar-se a situação dos grupos de figuras nas grutas, constata-se um outro facto bastante marcante: não foi detectada, sobre paredes, nenhuma figura razoavelmente atribuível ao estilo I, e tudo quanto possuímos apresenta-se sobre blocos encontrados em *habitats* perto da claridade. É possível que tenham existido mas a erosão parece tê-las destruído. As figuras do estilo II são igualmente móveis mas encontram-se também em algumas paredes da zona de entrada de algumas grutas (Gironde: Pair-non-Pair; Dordonha: La Grèze; Gard: gruta Chabot) ou na penumbra (Altos Pirinéus: Gargas). O estilo III situa-se na zona de claridade (Charente: Roc-de-Sers), na zona de entrada e de primeira penumbra, avançando até uma profundidade de algumas dezenas de metros, o que implicava uma iluminação prolongada (Lascaux; Lot: Pech-Merle; Cantábricos: Covalanas, La Pasiega). O estilo IV antigo está presente desde a entrada até mais de um quilómetro de profundidade em grutas de acesso por vezes muito difícil (Yonne: Arcy-sur-Cure; Dordonha: Rouffignac; Baixos Pirinéus: Etcheberriko; Ariège: Montespan, Les Trois-Frères). De novo, o estilo IV recente apenas se conhece com certeza na zona da entrada (Dordonha: Teyjat; Lot: Saint-Eulalie). Há portanto uma verdadeira invasão progressiva dos fundos, que se prolonga até ao início do estilo IV recente (aparição da rena), cessando no momento em que a arte móvel tem ainda 2 ou 3000 anos de carreira a prosseguir.

A duração de frequência das grutas ornamentadas é importante sob o ponto de vista religioso. Muitas delas são de um só período, como Lascaux, que se desenrola ao longo das duas fases de estilo III e apenas apresenta vestígios do estilo IV antigo. Algumas tiveram uma frequência muito longa, como Altamira ou Font-de-Gaume, que cobrem todo o estilo III e o estilo IV. Um bom número de grutas profundas parece terem sido decoradas de uma só vez, e nunca mais terem sido frequentadas, como é o caso das galerias profundas de Montespan, Arcy-sur-Cure, Etcheberriko, ou Niaux. No seu conjunto, as grutas ornamentadas não se afastam das caracterís-

ticas de «monumentos», o que quer dizer que não se trata de agregados anárquicos de figuras de todas as épocas lançadas ao acaso sobre as paredes, mas, à semelhança de monumentos de outras culturas, conjuntos de testemunhos estilísticos, ajustados de maneira mais ou menos estreita, mas coerente no tempo. Este é facto importante para a pesquisa de uma definição da sua função.

Os temas na arte parietal e móvel

Tomada na sua totalidade, a arte paleolítica abraça três categorias de temas: os animais, os seres humanos e os signos. Na lista das proporções aqui fornecida, teve-se em conta para a arte móvel ou parietal a presença de um tema em cada conjunto e não o número dos indivíduos figurados (um painel inteiro de bisontes é contado como um «tema-bisonte») o que dá uma população estatística de cerca de 1800 casos (1794) assim repartidos:

Cavalo 24	} 54%	Urso 3	Camelo	} Menos de 1% ou duvidoso
Signos 15		Peixe 3	Saiga	
Bisonte 15		Mulher 2,5	Boi almiscarado	
Cabrito-montês 7	Felino 2	Lobo		
Rena 6,5	Pássaro 1	Hiena		
Auroque 5	Mamute 1	Monstros		
Veado-corça 4,5	Rinoceronte 1	Serpente		
Homem 4				

Uma vez que este quadro inclui a arte móvel e a arte parietal, não pode deixar de considerar-se o aumento tardio da rena, que é inferior a 1% nas grutas e igual a 15% nos objectos móveis. A mesma correcção interessa ao peixe, relativamente raro nas grutas, e representado em 7,5% na arte móvel. O que importa no conjunto é 54% dos temas tratados dizerem respeito ao cavalo, ao bisonte e aos signos, intervindo as outras figuras apenas secundariamente. Duas explicações são possíveis: ou o cavalo e o bisonte eram a caça principal e são representados na proporção da sua importância vital; ou existe um tema principal de carácter «mitológico», «bisonte-cavalo-signos». As duas hipóteses são de resto conciliáveis, mas a continuação provará que é a segunda que tem mais hipóteses de ser justificada. Ela não satisfaz à primeira vista, porque ainda falta explicar a presença dos outros temas, e em particular do homem e da mulher.

Os signos (fig. 7)

Falta sobretudo explicar os signos, muito numerosos e presentes em todas as cavernas. Viu-se neles armadilhas, cabanas, cabanas-armadilhas para espíritos, armas, escudos, baseando-se em vagas semelhanças de formas e em coincidências etnográficas. Dois caminhos levaram-nos a adoptar uma determinação muito diferente. O primeiro foi a estatística topográfica. Veremos mais à frente

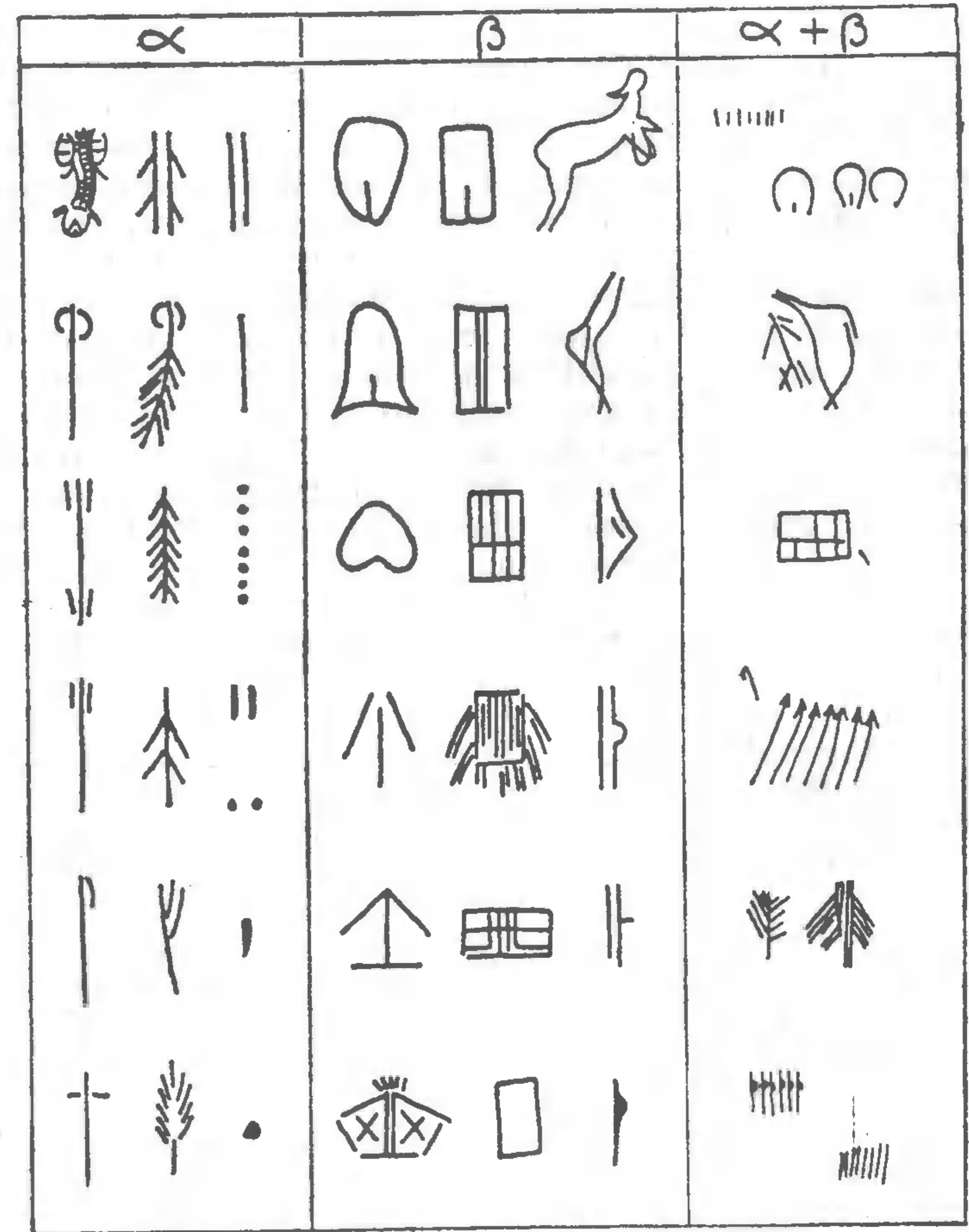


Fig. 7
À esquerda e ao centro: Variantes de signos masculinos e femininos.
À direita: pares de signos.

que nas grutas os signos se repartem em dois grupos: o grupo α que comporta os signos alongados (traços, bastonetes, linhas de pontos) e o grupo β que comporta os signos cheios (ovais, triângulos, rectângulos, chavetas, etc.). A repartição topográfica traz-nos a certeza de uma diferença apercebida pelos Paleolíticos. O segundo caminho é cronológico: no estilo I (fig. 6) encontramos animais misturados com figuras vulvares e fálicas realistas, enquanto que no estilo II o mesmo conjunto de animais está acompanhado de ovais ainda identificáveis e de linhas de pontos ou de traços; no estilo III antigo são figuras quadrangulares, traços e signos ramificados que acompanham os animais; no estilo III recente, os signos cheios «em chaveta» e os mesmos traços, pontos ou signos ramificados. No estilo IV antigo são os signos «claviformes», traços e pontos; no estilo IV recente, de novo as ovais, as representações vulvares muito simplificadas e os traços. Estas considerações bastariam por si só para estabelecer a hipótese de que os signos são símbolos de carácter sexual masculino e feminino, se os próprios Paleolíticos não tivessem deixado transparecer, de tempos a tempos, o sentido que davam a estas figuras. O exemplo mais claro é-nos fornecido por duas peças do estilo IV antigo: uma da Dordonha (La Madeleine), e a outra de Ariège (Bassat), que representam o mesmo tema do urso, do falo e da vulva, tratado num dos casos de maneira cruamente realista e no outro sob uma forma puramente abstracta (fig. 15, H, I, p. 132).

Que as formas mais abstractas conservaram o seu sentido inicial, está demonstrado nas cavidades onde apenas existem signos abstractos (Lascaux ou Niaux...) enquanto que em outras o mesmo papel é desempenhado por figuras realistas (Gouy, Seine-Maritime; Arcy-sur-Cure, Yonne; Pergouset, Lot; Tito Bustillo, Astúrias...) Os signos seriam pois símbolos sexuados, mesmo admitindo que em certas regiões e em certas épocas, o sentido anatómico se tenha podido diluir. Apesar do que alguns autores julgaram ver, a arte paleolítica (ao contrário de artes rupestres mais recentes) nunca mostrou até à data nenhuma cena de cópula, quer humana, quer animal. Podemos mesmo constatar que uma grande maioria das figuras de animais são assexuadas, mesmo se a forma da armação ou dos cornos, a postura do pescoço ou a linha dorsal traduzem muito fielmente a presença de animais machos ou fêmeas: os caracteres sexuais primários aparecem discretamente ou são deliberadamente

omitidos. As representações de homens, pelo contrário, mostram em número sensivelmente igual, os caracteres itifálicos ou a simples figuração do sexo. É perfeitamente característico que depois do estilo I, os símbolos femininos adoptem formas tão pouco realistas como os «escudos» de Lascaux, e que desde o estilo I os símbolos masculinos sejam reduzidos a bastonetes ou a linhas de pontos. Os Paleolíticos não perderam em nenhuma altura o sentido dos signos simbólicos, já que vemos de quando em quando ressurgirem as interpretações realistas; a sua evolução foi, entretanto, a de todos os grupos humanos em que o dualismo, qualquer que seja o sentido que lhe esteja subjacente, se exprime por símbolos da sexualidade humana, realista ou velada. Existem evidentemente razões para se pensar que estas representações estavam relacionadas com a fecundidade, o que não deixa de ser banal. O que é certo é que os signos, à semelhança de muitos animais, encontram-se aos pares e não acoplados. Um grande número de conjuntos centrais nas grutas, comportam a presença de signos, quer espalhados por entre as figuras animais, quer reunidos num divertículo. Este facto, contra qualquer expectativa, escapou completamente a três quartos de século de considerações sobre a arte e a religião das cavernas.

As figuras parietais

Os números fornecidos nas páginas que se seguem provêm da elaboração de 72 grutas ornamentadas, escolhidas por se encontrarem suficientemente bem conservadas para serem lisíveis, entre as 125 conhecidas. Foram todas estudadas no local, tendo sido as suas figuras localizadas em planos. As 2500 figuras recenseadas correspondem a mais de 1200 situações sobre as paredes. Os dados fornecidos pelas figuras e pela sua situação, foram analisados como se segue:

Os animais foram divididos em quatro classes, por ordem de importância numérica: A: cavalo; B: 1. bisonte, 2. auroque; C: 1. veado, 2. mamute, 3. cabrito-montês, 4. rena; D: 1. urso, 2. felino, 3. rinoceronte.

As figuras masculinas e femininas e os signos, cheios ou delgados, constituem as classes α e β . Para os signos marcando o início e o fim das figuras num determinado número de grutas, reserva-se uma classe especial γ (aqui foram assimilados os signos α).

Nas cavernas, as figuras animais ou os signos dão lugar a uma integração topográfica bastante complexa: entre os painéis isolados, os divertículos e os estreitamentos ou cotovelos, constata-se uma distribuição que não é puramente aleatória. Podem definir-se três tipos de situações (fig. 8):

I: Nos painéis, de dimensões e proporções variáveis, constituídos pelas partes relativamente planas e libertadas das paredes. Distinguem-se aí a parte central (Ia) e a periferia (Ib).

II: A entrada dos divertículos (IIa), ou no interior dos mesmos (IIb), e nos fundos (IIc).

III: Nos espaços separando os painéis e mais particularmente no primeiro ponto onde aparecem as figuras (IIIa), nos estreitamentos ou cotovelos (IIIb) e no último ponto atingido pela decoração (IIIc).

Ao conjugar-mos estes diferentes dados para o total das cavidades conhecidas, obtemos uma imagem coerente e significativa da organização da ornamentação das grutas:

Percentagem das situações parietais

	Ia	Ib IIb IIc	IIa IIIa	IIIb	IIIc
Cavalo	56	26	4	8	5
Bisonte	87	9		2	1
Auroque	89	11			
Signos β	26	64		5	2
Signos α (γ)	17	45	11	12	12
Cabrito-montês	8	61	10	13	8
Veado	1	47	20	18	13
Corça	4	68	14	12	2
Mamute	12	59	10	13	3
Rena	20	47	6	24	3
Urso	15	50		15	20
Rinoceronte		64		9	27
Felino	20	53		13	13
Peixe	11	33	33		22

Constata-se que o cavalo está localizado no centro e na periferia dos conjuntos, que os bovídeos ocupam, em cerca de 90%, as partes desimpedidas e centrais, e que 80% dos signos β se encontram nos painéis, (sobretudo na sua periferia) e nos divertículos. Os temas da classe C (cabrito-montês, veado e corça, mamute e rena) registam percentagens fracas em posição central e apresentam todos um máximo característico em situações periféricas. Todos eles oferecem 13 a 24% de situações de trajecto

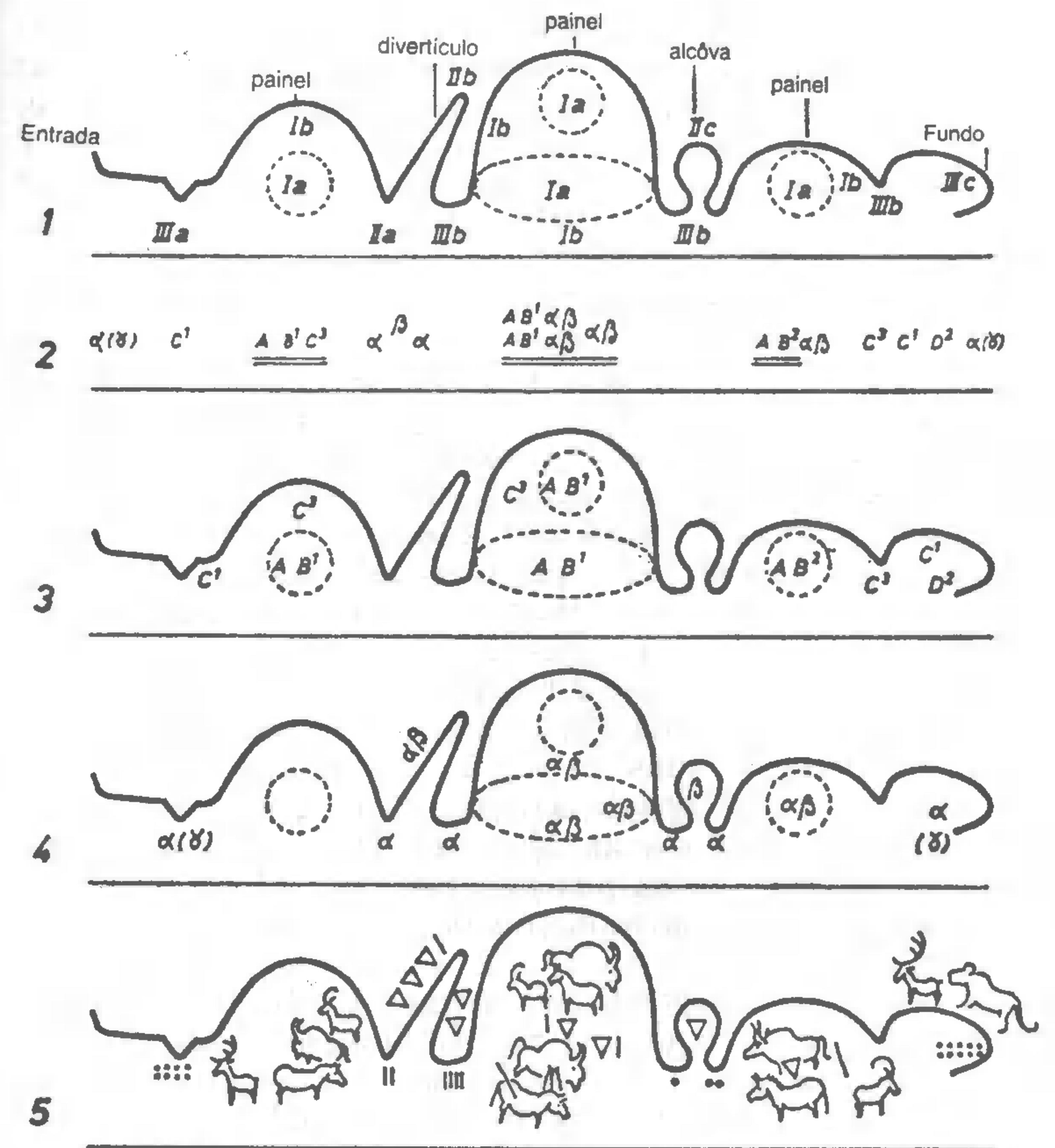


Fig. 8 — Esquema topográfico das associações de figuras parietais.
 1 — Situações possíveis das figuras.
 2 — Fórmula figurativa de um conjunto com três associações cavalo-bisonte (B^1) e uma associação cavalo-auroque (B^2) — veado-cabrito-felino.
 3 — Integração topográfica dos animais.
 4 — Integração topográfica dos signos.
 5 — Reconstituição estatística da decoração parietal.

e o veado desempenha um papel como animal de fundo. As figuras de classe D (urso, rinoceronte, felino e peixe), em virtude do número reduzido de situações conhecidas (menos de 20 para cada espécie), têm apenas um valor relativo; a sua distribuição corresponde a uma posição marginal e, juntamente com o veado, fornecem as percentagens mais elevadas de animais de fundo.

Se é difícil interpretar o sentido da distribuição espacial das figuras parietais, a constância dessa distribui-

ção, pelo contrário, não oferece qualquer dúvida. É evidente que o bisonte ou o auroque desempenham o papel de actores principais nas associações, e, em mais de 70 grutas estudadas, só não estão presentes em três. Verificou-se também que na esmagadora maioria dos casos (+ de 90%), eles se situam nas melhores superfícies decoradas. Parece igualmente evidente que o cavalo se encontra sempre presente em contacto com os bóvidos, ou na mesma associação que eles, o que leva a que os dois animais sejam encarados como os protagonistas ou os antagonistas principais do dispositivo figurativo. A repartição dos signos α e β testemunha ao mesmo tempo uma grande semelhança com a do cavalo e do bisonte (90% dos signos β estão em situação I a e b, II b e IIc) e uma localização preferencial nos divertículos, onde por vezes se encontram associados a numerosos exemplares (Cognac, La Pasiega...).

A situação do mamute é bastante obscura, porque não está presente em todas as grutas; pertence aparentemente ao grupo C, mas na região das Eyzies (Les Combarelles, Bernifal, Font-de-Gaume, Rouffignac), invade de tal modo os painéis centrais, que se torna por vezes difícil estabelecer a sua posição. Em Pech-Merle, no Lot, ele é nitidamente um tema de periferia, como aliás no Ardèche.

Os temas dos grupos C e D apenas se diferenciam pelo aumento da sua frequência nos fundos. O abade Breuil registou várias vezes que o felino, o rinoceronte e o homem, eram frequentes nos fundos. Ressalta com efeito que estes três temas, aos quais se pode juntar o urso, ocupam mais frequentemente os fundos do que os animais do grupo C (à excepção do veado), registando no entanto o seu máximo de frequência em posição marginal nas associações centrais. Os cabritos-monteses e as corças são nitidamente animais de periferia (61 a 68%). O homem regista o máximo de presenças nos fundos (57%), e é nesta situação que se encontram as suas representações mais impressionantes (Trois-Frères, Gabillou, Lascaux...).

Chegámos ao ponto em que o viajante espacial começaria a perceber que as igrejas terrenas estão espacialmente organizadas segundo um sistema que reflecte uma certa ordem metafísica. Os signos α e os animais A encontram-se no centro com os signos β e os animais B (sendo por vezes os signos substituídos por mulheres e homens). Os signos α e os animais C e D, assim como a maioria

dos homens, ocupam os intervalos e alguns parecem preferir os fundos. Algumas anomalias da estatística topográfica permitem guarnecer um pouco este esqueleto. Trata-se de animais feridos, de mãos impressas em negativo e da presença de signos α na proximidade de acidentes de trajecto.

As «feridas» são o maior argumento a favor da magia de enfeitiçamento. Os Paleolíticos teriam ferido a imagem dos animais para assegurar o sucesso da caçada. Um primeiro facto parece ter escapado à atenção: os animais feridos, representam, na arte parietal, 4% das representações animais. Os Paleolíticos teriam assim ou abandonado o seu projecto de caça em 96% dos casos, o que é absurdo, ou então teriam figurado apenas um animal ferido para todo um conjunto, o que nos situa muito longe do enfeitiçamento ingénuo do caçador entrando na gruta para alimentar a sua «dispensa» e pintando rapidamente um bisonte, atingido de morte. Isto afasta também a hipótese de figuras feitas à medida das necessidades.

O que é impressionante, é que as feridas aparecem em um ou dois animais por painel, nos conjuntos em que não existem signos, encontrando-se na maioria dos casos, acoplados a um signo do grupo α . É por exemplo o caso do cavalo «das sete flechas» de Lascaux, que apresenta feridas sangrando sobre o flanco e um pequeno signo curvo no pescoço (fig. 7), ou do bisonte de argila de Niaux, que ostenta três feridas sobre o flanco e dois bastonetes no pescoço (fig. 9, B); é ainda o caso da vaca ferida do fresco negro de Pech-Merle, que faz parêlha com um touro cujo flanco tem duas filas de traços.

Parece pois que, na realidade, o signo feminino e a ferida tenham sido símbolos permutáveis, como acontece sobre o pequeno bisonte gravado de Bernifal (fig. 9, C), cujo ombro ostenta um signo oval acompanhado de dois pequenos bastonetes, signo esse que é indiferentemente identificável como uma vulva ou como uma ferida.

«As mãos» são um outro tema muito explorado. Os Paleolíticos teriam aplicado a sua mão, geralmente a esquerda, com a palma contra a parede, para a delinear com ocre vermelho ou bióxido de manganésio. Na gruta de Gargas, contam-se mais de uma centena dessas mãos, das quais um grande número parece apresentar a mutilação de um ou mais dedos. Estas mutilações, graças a alguns exemplos etnográficos de viúvas que cortam as falanges por ocasião da perda do esposo, entraram

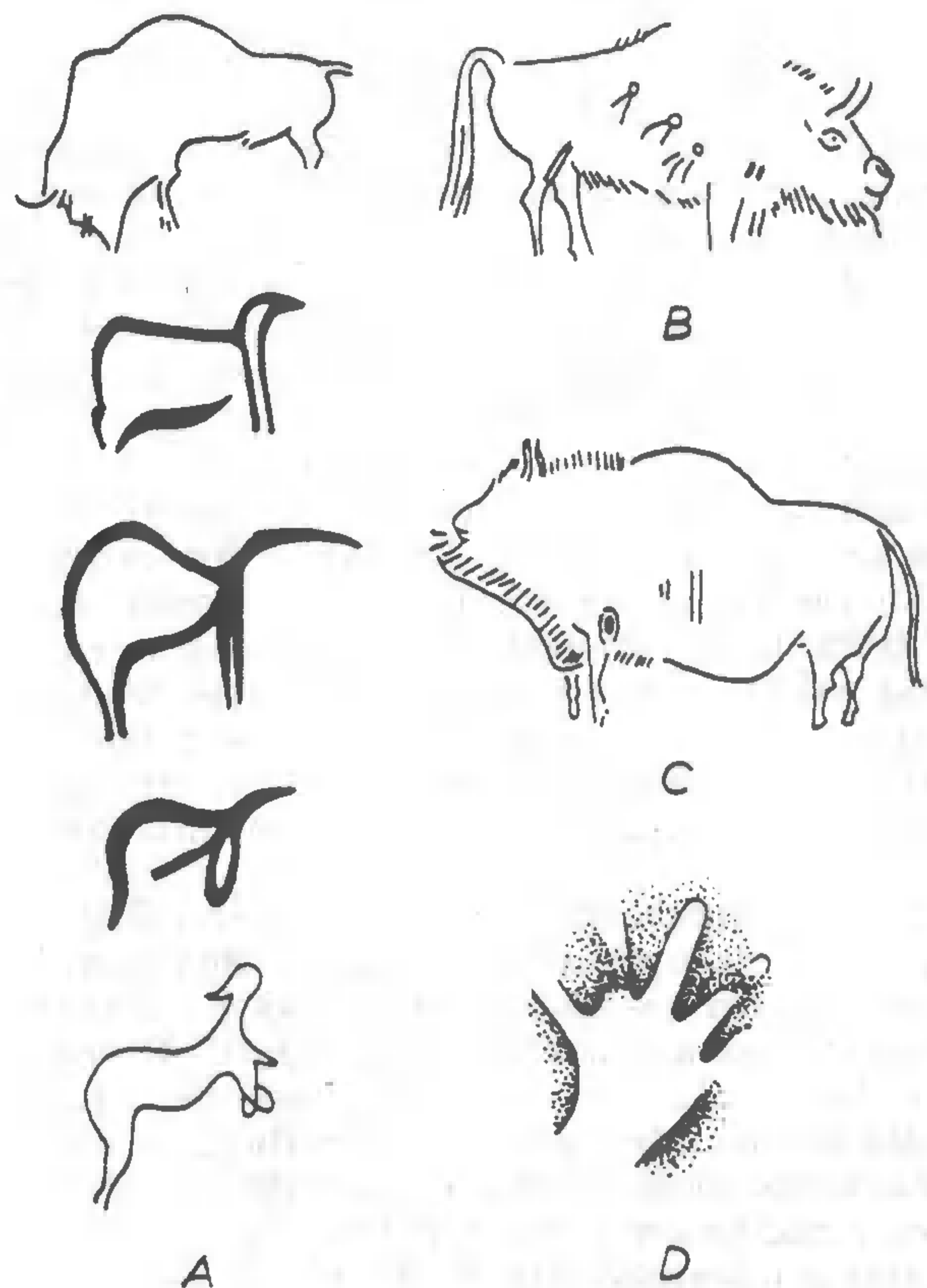


Fig. 9

- A — Pech-Merle: Traçados de mulheres e de bisontes.
 B — Niaux: Bisonte marcado com feridas e bastonetes.
 C — Bernifal (Dordonha): Bisonte com vulvas e bastonetes.
 D — Gargas: mãos com dedos retocados.

para a literatura pré-histórica como um curioso hábito paleolítico. As mãos em negativo podem ter sido feitas aplicando as costas da mão à parede e não a palma. No caso de Gargas, verifica-se ainda que as «mutilações» apenas dizem respeito àqueles dedos que podem facilmente ser dobrados isoladamente ou em grupo, tratando-se provavelmente de um código de caçadores. Com efeito, as diferentes formas de mutilação registam as mesmas variações numéricas que as figuras animais das

grutas clássicas¹. As mãos de Gargas e de uma outra gruta vizinha (Tibiran), são de resto as únicas a figurar em número significativo e a ostentar mutilações, apresentando as outras cavidades mãos completas, isoladas ou em pequenos grupos (El Castillo, Pech-Merle, Font-de-Gaume...). Outros factos curiosos: as mãos são geralmente pequenas, femininas e até infantis. Encontram-se nas situações em que os signos β revelam o seu máximo de frequência, quer estes estejam presentes, quer não. É ainda mais interessante verificar que as mãos podem estar acompanhadas de signos α (Pech-Merle). O número de situações com mãos é muito pequeno (20) para que tenhamos a certeza, mas parece efectivamente que no caso de Gargas e de Tibiran, elas são substitutos simbólicos de animais, enquanto que noutros lugares, nomeadamente em Pech-Merle, elas puderam substituir-se aos signos β .

Podemos talvez avançar um pouco mais. O grupo α , em posição central (I), acompanha as vulvas, as feridas e as mãos. Em posição excêntrica (III), corresponde na maioria dos casos ao primeiro estreitamento da caverna, aos sucessivos estrangulamentos, aos últimos meandros do fundo da gruta; encontramos-lo nas proximidades das fendas ou dos divertículos, por vezes cheios de símbolos do grupo β . Podemos interrogar-nos sobre se a forma destes acidentes topográficos não teria, aos olhos dos Paleolíticos, um sentido feminino e se o grupo α , nestas situações, não seria complementar da própria gruta.

Interpretada à luz dos simples resultados da análise topográfica, a gruta aparece portanto como um mundo verdadeiramente organizado. Não nos apercebemos do sistema simbólico até ao pormenor, mas sentimos que ele se apoia em representações cujo encadeamento pressupõe um pensamento que transcende largamente a ideia de que dele se fazia. A mesma constatação se teria de resto efectuado se os teóricos do comparativismo, em vez de medirem o pensamento australiano com uma bitola europeia, tivessem recebido, por um momento apenas, a capacidade de raciocinar como um australiano.

¹ A. LEROI-GOURHAN, «Les mains de Gargas, Essai pour une étude d'ensemble», *Bull. de la Soc. Préhistorique française*, t. LXIV, n.º 1, 1967, pp. 107-122.

A análise temática do santuário

Será possível animar um pouco a mensagem deixada pelo homem das cavernas, sem lhe introduzir elementos modernos? Depois de adquirida a certeza de uma organização de conjunto, podemos tentar uma análise dos temas tratados, em cada categoria topográfica, e procurar os índices da sua relação com o todo. Desta pesquisa pode esperar-se um certo enriquecimento, mas primeiro é preciso não esquecer que ela não pode levar à descrição de factos precisos (que se perderam ao mesmo tempo que a palavra dos seus actores) e considerar que apenas dispomos de 1200 situações e de um pouco menos de 3000 figuras; a segurança estatística funciona de maneira desigual, e certos temas comportam um número mínimo de casos.

O acoplamento

O acoplamento dos signos não oferece nenhuma dúvida; normalmente, em situação I, um signo β está acompanhado de um signo α , que o completa; é esta regra do acoplamento que permite considerar as feridas e as mãos como equivalentes a signos do grupo β . Um outro acoplamento aparece constantemente, composto por animais e revelando um facto muito importante: a um animal do grupo B (bisonte ou auroque) opõe-se praticamente sempre o cavalo (231 situações I para o cavalo e 236 situações I para o bisonte e o auroque, ou seja, 70% da totalidade das situações I, compreendendo também os animais em posição de periferia). O tema central da arte paleolítica é portanto, indiscutivelmente, um tema binário, associando o cavalo ao bisonte ou ao boi selvagem. Este tema animalista é reforçado pelos signos, que ocupam a mesma posição (I) ou uma situação análoga (II), seguindo também um tema binário, cuja origem explícita está na representação de símbolos masculinos e femininos. Estamos muito longe da representação «naïve» da caça enfeitada ou da simulação grosseira de um processo de fecundação.

A associação B+A aparece muitas vezes sob uma forma simples (bisonte+cavalo), mas, nas grutas em que as figuras são numerosas, apercebemo-nos de que estão representados pares de pares: bisontes machos e fêmeas, opostos a éguas e garanhões. Se, por falta de indicação dos caracteres sexuais primários, se torna difícil distinguir os garanhões das éguas, essa dúvida desaparece em relação aos auroques,

aos cervídeos e aos cabritos, que apresentam caracteres secundários bem marcados. Na Rotunda de Lascaux, um friso de vacas rodeadas de uma nuvem de pequenos cavalos, faz frente a um friso de touros afrontando um único cavalo; a alguns metros dali, no divertículo, uma vaca cercada de pequenos cavalos e fazendo frente a um signo feminino, desafia um grande touro preto que, sobre a outra parede, defronta um cavalo e um signo masculino ramificado. Os exemplos são suficientemente numerosos, tanto na Itália do Sul como em França ou em Espanha, para que nos possamos aperceber de que o tema completo correspondia à seguinte fórmula: B fêmea - B macho + A fêmea = A macho. Ainda aqui o pensamento se revela como muito elaborado.

A relação entre o grupo α - β e o grupo A-B é difícil de definir claramente; poderia contudo constituir a chave da simbólica paleolítica. Precisamente por ser o centro do sistema é que nos parece imprudente tentar forçar a fechadura com uma qualquer gazua etnográfica. Deve também evitar criar-se relações estatísticas aparentes mas sem significado, e simplificar ao extremo um pensamento que se exerceu ao longo de vinte mil anos, através de povos muito diferentes. Os Aurinhacenses das Astúrias possuíam sem dúvida conceitos tão diferentes dos Madalenenses da Morávia, como os habitantes da Calábria medieval podiam ter do Cristianismo, em comparação com os Dinamarqueses do século XX, utilizando, no entanto, uns e outros os mesmos esquemas fundamentais.

A situação espacial dos signos em relação aos animais é extremamente variável; podem encontrar-se sobre as figuras animais, em volta ou separados, ou agrupados em conjunto no divertículo mais próximo, de tal forma que a topografia não nos fornece elementos para determinar o seu encadeamento.

A natureza exacta das relações entre os signos e os animais ainda não é muito clara, mas a sua existência é flagrante. Com efeito, torna-se impossível imaginar que os signos e os animais tenham correspondido a dois sistemas religiosos diferentes, sucessivos ou simultâneos: a distribuição geográfica uniforme das duas séries simbólicas, a sua evolução sincrónica, a estrutura espacial das associações e a sua presença nos objectos móveis, impõem a sua inserção num sistema simbólico único. Podem formular-se diversas hipóteses sobre os laços existentes entre signos α - β e animais A-B e até mesmo sobre a eventual assimilação dos signos α ao cavalo e dos signos β ao bisonte ou vice-versa. Em Altamira, por exemplo, o grande tecto pintado, comporta numerosos bisontes e signos β , mas apenas dois cavalos e dois

signos ramificados. Um osso gravado de Isturitz tem numa face dois bisontes, ostentando na outra face duas mulheres igualmente assinaladas com o mesmo signo. Ainda mais curioso é o pequeno conjunto do divertículo das mulheres-bisontes em Pech-Merle, com os seus traçados em que as representações do bisonte e da mulher passam por toda uma série de figuras intermediárias. (fig. 9, A). De qualquer forma, não convém misturar demasiado a constatação e a explicação: o exame dos animais das classes C e D mostrará, aliás, que o sistema figurativo ultrapassa de longe a explicação binária.

As dominantes animais

O cavalo encontra-se presente por toda a parte no tempo e no espaço paleolítico; os animais do grupo B não são sempre os mesmos e existem «santuários do bisonte» e «santuários do auroque». Para este facto, mais do que as razões geográficas ou climatéricas, parece ter sobretudo concorrido a evolução cronológica. No estilo II conhecemos apenas grutas de auroques nos grandes santuários conservados (Pair-non-Pair, La Mouthe I, Gargas). No estilo III os santuários de auroques são relativamente raros (Lascaux, Le Fourneau-du-Diable, no Sudoeste); são mais numerosos nos Cantábricos e nas Astúrias e são exclusivos no vale do Ródano. No estilo IV, à excepção de Teyjat na Dordonha, que é muito tardio, encontramos-os somente em Espanha e Itália.

O bisonte está ausente, como animal B dominante, dos estilos II e III, sendo ao contrário o animal praticamente exclusivo do Loire e dos Pirinéus, no estilo IV. Poderíamos para este último caso, pensar que este facto se deve ao afastamento de um dos animais, mas não é isso que se verifica, já que, curiosamente, diversas grutas com auroques do estilo III, como Lascaux, ou Gargas, contêm pelo menos uma composição com bisontes, separada das outras, e várias grutas do estilo IV, como Les Combarelles, Font-de-Gaume, Niaux e Altamira, comportam pelo menos uma composição da qual o auroque é o centro.

Estas variantes não são fruto do acaso. Em Lascaux, o bisonte suplementar reaparece quatro vezes, nas extremidades de cada um dos grandes conjuntos de auroques e em Niaux, onde o estilo é absolutamente homogéneo, o auroque aparece duas vezes, bem isolado do resto; em Ebbou, no Ardèche, o conjunto do estilo III é consa-

grado ao auroque, mas os visitantes madalenenses gravaram dois bisontes do estilo IV, um na extremidade de cada uma das duas associações principais: tudo isto está longe de concorrer para a simplificação do esquema geral e, mais uma vez, se tivéssemos que fazer o mesmo estudo em santuários cristãos ou budistas, desconhecendo completamente o seu conteúdo religioso, não conseguiríamos provavelmente obter um quadro mais claro, apesar de, como aqui, as variantes demonstrarem a flexibilidade e a riqueza das representações mentais.

Parelha fundamental, pares de pares e finalmente desdobramento do grupo B em bisonte dominante-auroque complementar, auroque dominante-bisonte complementar, constituem apesar de tudo combinações convergentes. Existe ainda uma outra que apenas aparece nas grutas com figuras muito numerosas e composições múltiplas, como Lascaux, Rouffignac, Niaux, Les Trois-Frères: as proporções dos indivíduos de cada espécie variam de uma maneira que deve ser significativa. Em Rouffignac, por exemplo, no grande tecto pintado, a densidade de bisontes, de cavalos, de mamutes e de cabritos-monteses varia de uma zona para outra, apesar de a combinação fundamental se repetir por toda a parte. Em Niaux, o número relativo de bovídeos e de cavalos varia de um painel para outro e em Lascaux, como nos Trois-Frères, acontece a mesma coisa.

O «terceiro animal»

As coisas apresentam-se inexplicáveis, mas bastante simples até agora, altura em que se vai fazer entrar em jogo um terceiro animal. Com efeito, a parelha fundamental é normalmente complicada com a presença de um animal do grupo C, que é normalmente uma cabrito-montês ou um mamute e por vezes o veado ou a corça (Espanha). Este animal é representado à margem, ou, na maioria dos casos, mais pequeno: é o caso da corça de tecto de Altamira, dos cabritos-monteses d'Angles-sur-l'Anglin, do Cap-Blanc, de Ebbou, da Niaux (fig. 10, B), de Pair-non-Pair, dos veados de Lascaux, de La Pasiega e Pindal, dos mamutes de Font-de-Gaume, das Combarelles, de Rouffignac ou de Pech-Merle (fig. 10, A).

As combinações variam de uma gruta para a outra mas permanecem sempre coerentes. No painel 3 de Niaux, por exemplo, sobressaiem um bisonte grande acompanhado de um cavalo pequeno, um cavalo, grande tendo ao lado um bisonte pequeno e um pequeno cabrito-montês, e um

grande cabrito-montês por cima de um bisonte e de um cavalo mais pequenos. Nos conjuntos gravados de Rouffignac, o bisonte e o cavalo estão reduzidos cada um a uma figura e uma verdadeira mancha de mamutes que os engloba. Em Pech-Merle, a primeira parte do fresco negro representa um grande auroque-cavalo, escoltado por dois mamutes e, depois, um grupo bisonte-cavalo rodeado por uma meia-dúzia de mamutes (fig. 10, A), desaparecendo depois o cavalo para a esquerda e repetindo-se cinco vezes o grupo bisonte-mamute.

É preciso acrescentar que por vezes a situação ainda se complica mais com a presença de um quarto ou um quinto animal, na periferia da composição: rinoceronte, veado ou felino, segundo os casos, mas isso já diz res-

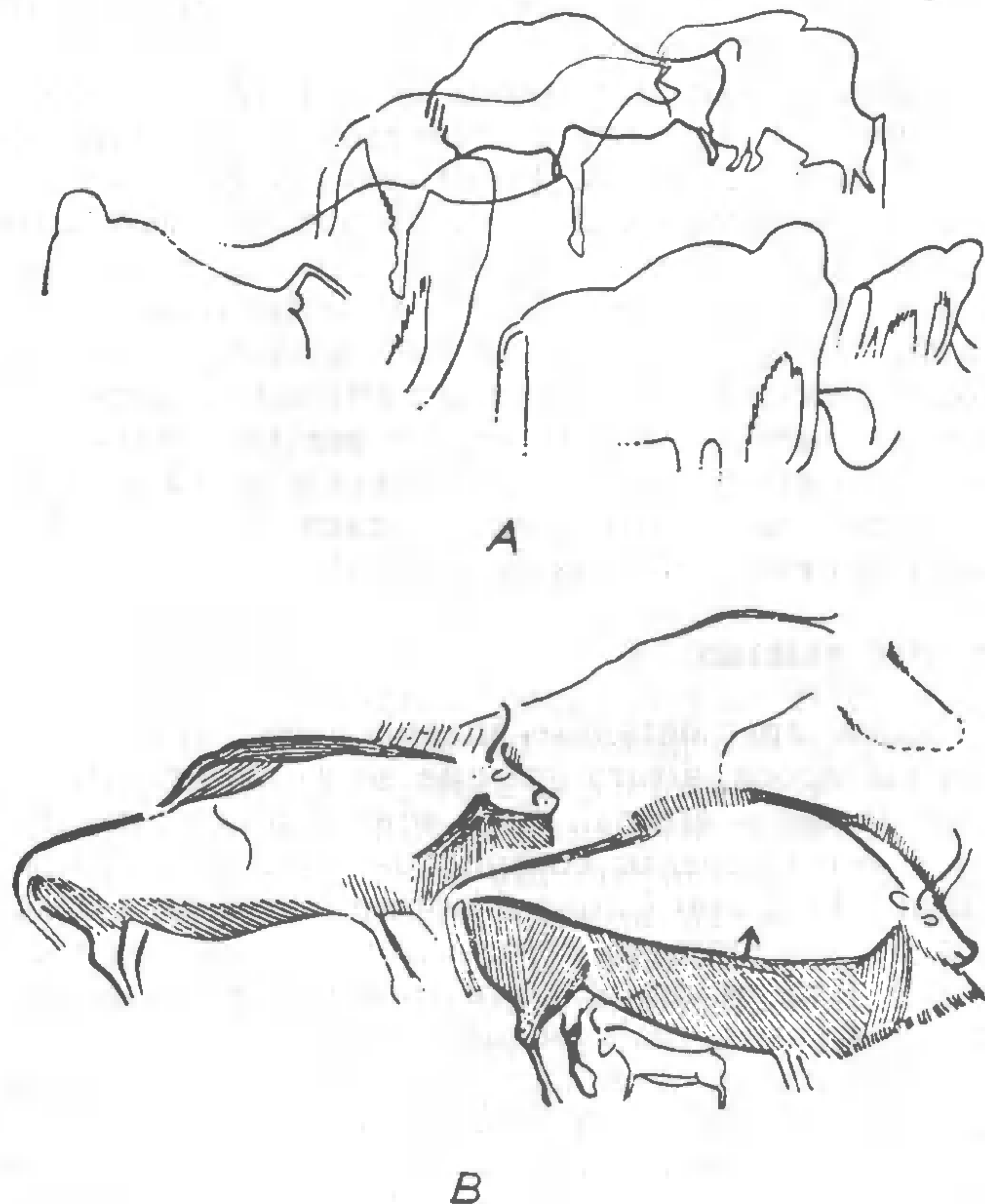


Fig. 10

A — Pech-Merle (Lot): Ao centro, casal de bisontes e cavalo sobrepostos, rodeados de mamutes.

B — Niaux (Ariège): Casal de bisontes, cavalo e cabrito-montês (ferida no ombro do bisonte da direita).

peito à primeira regra topográfica da situação dos temas C e D, que se encontram na orla ou nos acidentes de trajecto. A associação fundamental (A-B), sobre um painel, pode compreender, em toda a sua zona periférica, representações das classes C ou D. Numa gruta constituída em corredor ou oferecendo um trajecto de sala a sala, a associação A-B pode repetir-se até mais de dez vezes, comportando as zonas de passagem, somente animais de classe C ou D (veado, cabrito-montês, felino...) O santuário teórico, aparece-nos assim como uma sequência de associações cavalo-bovívoro e de signos emparelhados, ligados uns aos outros por figuras acidentais (p. 95). Em certos casos, os temas secundários (mamute, cervídeos) multiplicam-se a ponto de submergir o duo fundamental.

A realidade das grutas ultrapassa de longe as teorias da pré-história clássica, mas é uma realidade de algarismos, sem palavras, não dispoendo de nenhum mito para mostrar e de nenhum rito para descrever. Vemos simplesmente que, numa gruta como Lascaux, os auroques estão no centro das salas com os cavalos (A+B) e os signos ($\alpha+\beta$), e que esta combinação se repete na Rotunda, no Divertículo, na Passagem, na Nave e no Gabinete dos Felinos. Constatamos que as proporções variam e que no Gabinete dos Felinos o casal A+B não é mais do que uma reminiscência difusamente expressa nas figuras do grupo C e D. Vemos também à entrada e no fundo de cada troço veados e cabritos-monteses e os leões ou rinocerontes nos fundos. Vemos finalmente linhas de pontos e signos ramificados dominar juntamente com os grupos C e D. É tudo o que em matéria de linguagem comum, as grutas fornecem. Se nem sempre é fácil isolar os elementos, pelo menos encontramos a sua sintaxe, idêntica, sobre toda a área de difusão da arte parietal. (fig. 11).

Os temas raros

Alguns temas não chegam a atingir o limiar estatístico, mas o seu carácter torna-os tão impressionantes, que é necessário, pelo menos, mencioná-los.

Em muitos casos, como no poço de Lascaux, vemos o homem ser perseguido ou atacado pelo bisonte (Lascaux, Villais, Roc-de-Sers, osso gravado de Laugerie-Basse), atacado pelo urso, ou ferido por azagaias (Pech-Merle, Cognac).

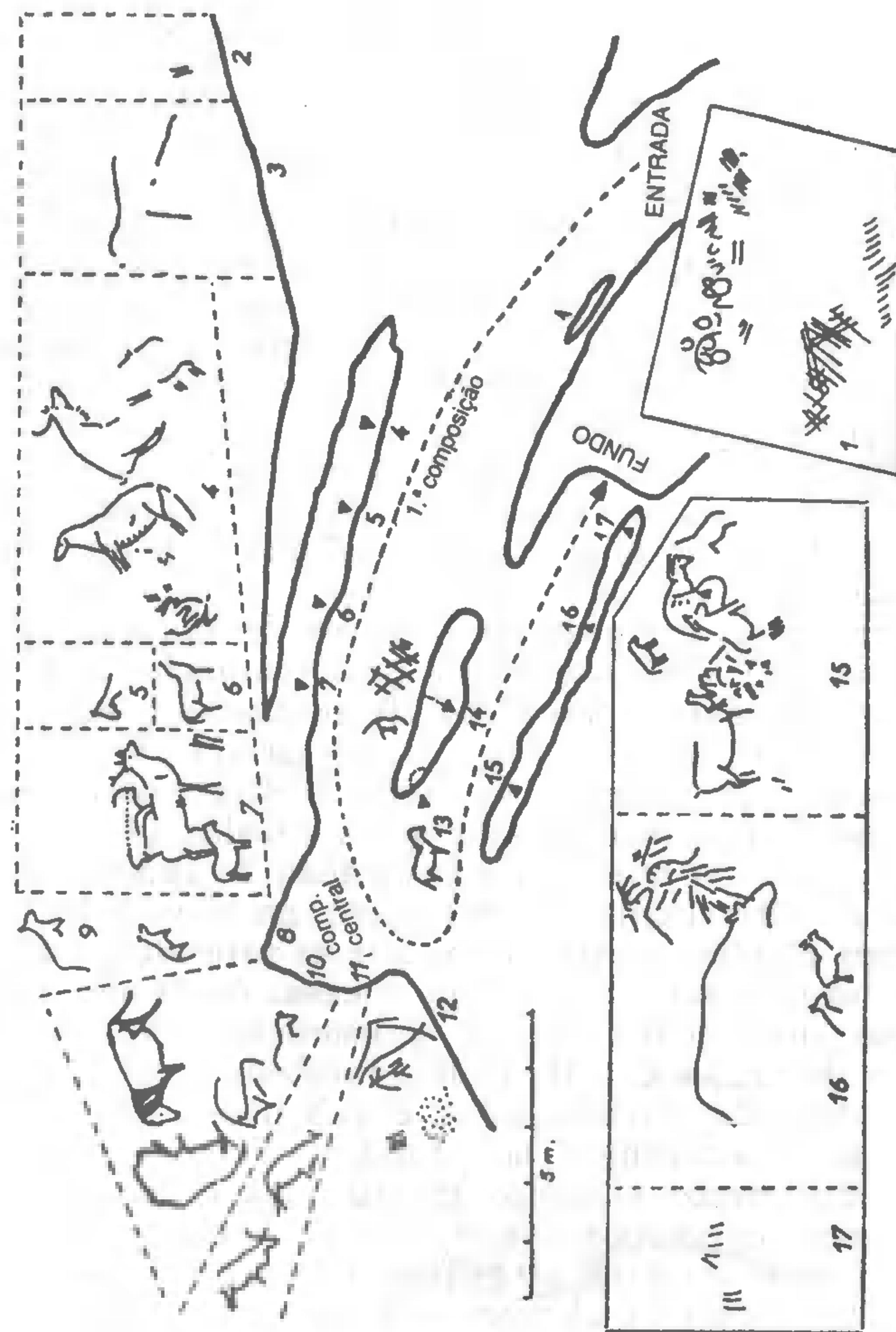


Fig. 11 — Plano e figuras da gruta de Las Monedas (Espanha).

- | | |
|--|---|
| 10-11 — Composição cavalo-bisonte-cabrito montês-rena. | 17 — Signos de fundo. |
| 12 — Signos acoplados. | 7 — Cabrito montês-rena, de passagem. |
| 2 — Signos de entrada. | 16 — Cabrito montês-rena-urso-signos ramificados, de fundo. |
| 1, 14, 15 — «Graffitis» e contornos inacabados. | |

Encontram-se também homens «mascarados», como o «feiticeiro» dos Trois-Frères, com rosto de pássaro, orelhas e armação de rena, corpo e cauda de cavalo, sexo

colocado como o de um felino, patas traseiras de urso ou de felino e pés de homem. Quer se trate, como foi dito, de um feiticeiro dançando ou do «deus» da gruta, é uma associação de símbolos do grupo A, C e D (homem, pássaro, rena, cavalo e felino) colocado num alvéolo profundo, na parte mais profunda do santuário, e, conseqüentemente na sua localização normal. No Gabillou o último grupo da gruta é constituído por um homem com cabeça de bisonte, ligado por um traço a dois signos vulvares, o que, sob uma outra forma, vem ao encontro da ideia do mais viril colocado no mais feminino da cavidade.

É bastante frequente encontrarem-se animais verticais ou invertidos, tendo-se visto nisso o testemunho de uma prática de caça por precipitação. O que é singular é o facto dos bisontes serem a maioria a figurar verticalmente (32 casos em 60) e os cavalos os únicos a aparecerem em posição invertida (6 casos em 7).

É muito curioso que se encontrem animais sem cabeça em Lascaux, em Niaux, em Altamira, em Bedeilhac, na Sicília (Addaura), na Rússia (Kostienki). Em todos os casos, salvo em Kostienki, em que se trata de uma estatueta, encontram-se no fundo ou na periferia de um painel. É um pormenor em si mesmo pouco explicável, não permitindo a sua raridade um esclarecimento através da multiplicação das verificações. O mesmo acontece com o urso com rabo de bisonte dos Trois-Frères, ou com o urso com cauda de felino de Rouffignac; demonstram apenas que um contexto denso existia por detrás das figuras.

A mesma reflexão é aplicável aos «monstros» das grutas. Em Pech-Merle, existe um grupo dito, não se sabe porquê, dos «antílopes»; três ou quatro corpos inchados, cujas patas não têm contorno preciso, ostentam minúsculas cabeças de caprídeos. Em Gabillou, vê-se uma «girafa», espécie de brontossauro com contornos incertos. Em Lascaux, existe o famoso «licorne», sobre o qual já muito se escreveu; os seus chifres não são mais do que a cauda de uma vaca que o precede, mas o próprio animal persiste na sua estranheza. Em Pergouset (Lot), um grupo composto por um homem cuja cabeça se encontra substituída por uma cauda e por traçados de criaturas fantásticas com contornos amibóides, ocupa uma parede em frente de uma associação clássica cavalo-bisonte-corça. Os monstros, seres imaginários ou animais raros conhecidos através da tradição oral, estão

actualmente limitados a algumas grutas entre a Dordonha e o Lot.

Como resultado da exploração estatística das grutas, fica pouca coisa a acrescentar àquilo que sobre elas já se avançou. Isso não significa que os Paleolíticos percorressem piedosamente os corredores decorados com bisontes e cavalos, cantando castos cânticos sobre a alternância dos princípios masculino e feminino. Seria em vão exorcisar as éguas grávidas, os touros enfeitados, as armadilhas para espíritos, e os feiticeiros dançando perante adolescentes aterrorizados, se fosse para os substituir por outras fantasias; pelo contrário, da análise minuciosa da ornamentação resulta uma verdadeira reabilitação do selvagem predecessor do pré-historiador, pondo em relevo um sistema figurativo coerente e rico, de uma viva flexibilidade, que multiplica as variantes sem alterar o fundo. A partir dos factos actualmente conhecidos, não é certamente possível reconstituir o contexto sem exceder os fragmentos que chegaram até nós; e tratar-se-á de provar que o pré-historiador tem imaginação ou de constatar que o seu predecessor selvagem possuía um sistema de raciocínio solidamente construído?

A arte móvel

Uma vez que a arte parietal forneceu a ossatura de um sistema figurativo coerente, poder-se-á talvez fazer um retorno à arte móvel, a fim de verificar se as mesmas regras são capazes de lhe dar algum sentido, permitindo assim um controlo da validade das constatações feitas sobre a arte parietal.

É preciso lembrar primeiro que 80% da arte móvel pertence ao estilo IV. Encontram-se poucos sítios com obras de arte anteriores ao Madalenense, estando quase todas situadas no oeste da Europa. Em relação aos 20% anteriores ao Madalenense, a proporção das plaquinhas gravadas e das estatuetas é superior a 90%. Por outras palavras, quase todos os objectos utilitários ou de adorno que conhecemos com representações, são madalenenses e do estilo IV antigo ou recente. Tendo em conta a abundância dos santuários do estilo IV antigo, esta circunstância coloca o controlo em boas condições estatísticas.

A partir do primeiro exame, a arte móvel divide-se em duas grandes categorias quanto à matéria-suporte:

as plaquinhas e estatuetas, por um lado, e os objectos de uso eventualmente técnico ou de adorno, por outro.

As plaquinhas

Os mais velhos documentos gráficos são gravuras sobre plaquinhas de pedra ou fragmentos de osso. Vimos que, desde o Chatelperronense, por volta de 35 000, aparecem incisões dispersas, feixes ou filas regulares. As primeiras figuras situam-se no Aurinhacense e representam já animais muito simplificados, acompanhados por vulvas e por séries de pontos ou de bastonetes. A arte sobre paredes só se desenvolve depois, na entrada das grutas e sob os abrigos, ou porque efectivamente os Aurinhacenses ignoraram a arte parietal, ou porque as suas obras, situadas na zona exposta à erosão, desapareceram. *A priori*, não existe portanto nenhuma diferença entre as primeiras placas e os conjuntos parietais, a não ser o facto de que a inserção simbólica das figuras numa gruta que era ela própria provavelmente compreendida como simbolicamente feminina, parece produzir-se secundariamente.

Com o decorrer do tempo as placas e plaquinhas gravadas ou pintadas, prosseguem a sua carreira, pouco numerosas até ao Madalenense médio, muito abundantes no estilo IV antigo, durante o máximo de densidade da arte parietal, reinando por fim exclusivamente depois do abandono das cavidades profundas. Considerando, como veremos, que as placas seguem exactamente o mesmo sistema figurativo das grutas, observamos que a sua existência está sujeita a várias linhas de variação. Em certas regiões em que as grutas são inexistentes ou sem decoração, elas podem ter existido; no Madalenense recente substituíem-nas seguramente, mas quando, como na Dordonha ou nos Pirinéus, elas abundam nos mesmos lugares que os santuários subterrâneos, devem ter constituído um depósito paralelo. O conteúdo figurativo das plaquinhas de pedra e de osso, à semelhança das estatuetas, é igual ao das cavernas decoradas. O quadro da página seguinte mostra claramente o paralelismo entre arte parietal e arte móvel de carácter não técnico.

Constata-se simplesmente uma inversão das proporções para a rena, o que já foi explicado acima: a rena torna-se muito abundante na arte, na altura em que as grutas são abandonadas. As proporções do homem e da mulher são explicadas pela raridade das personagens na

	Paredes	Estatuetas e plaquinhas
	%	%
Cavalo	25	13
Bisonte	17	11
Cabrito-montês	6,5	5,2
Signo feminino	6,3	0,8
Auroque	5,8	4
Signo ramificado	4	3
Homem	3,8	5,4
Rena	3	18
Ferida	1,5	1,7
Mulher	0,5	10,3
Diversos	25,9	27,4

(Percentagem para 1577 casos)

arte parietal e pelo facto das estatuetas femininas fornecerem uma contribuição estatística muito considerável. É bastante impressionante constatar que os signos β estão ausentes da arte móvel, na mesma altura em que abundam nas grutas enquanto as representações realistas seguem um ritmo inverso.

Podemos pois presumir que as plaquinhas e as estatuetas constituíam os elementos de pequenos santuários, da mesma natureza que as cavernas. A melhor prova seria evidentemente encontrar um no seu lugar; isso deve ter-se verificado mais do que uma vez, mas quando se pensa que não existe nenhum plano de situação das plaquinhas para nenhum *habitat*, salvo em La Colombière, no Ain, só nos resta baixar a cabeça em silêncio e pensar em Laugerie-Haute, Laugerie-Basse, Isturitz, Labastide, Limeuil, Badegoule, e nas dezenas e dezenas de documentos de Audry, Gourdan, Mas-d'Azil, e de outros locais que ainda hoje morrem sem controlo.

A demonstração apenas pode portanto servir-se dos próprios objectos e de alguns casos mais claros. Um número elevado de plaquinhas comporta elementos do «par» clássico: bisonte-cavalo ou auroque-cavalo gravados na mesma face ou em faces opostas, aparecendo ainda em muitas o terceiro animal (fig. 12, D-G). Um dos melhores exemplos é a grande placa gravada da cova de Chaleux, na Bélgica, em que o anverso representa um grande auroque e um pequeno veado e o reverso um grande cavalo e dois pequenos cabritos-monteses. Um

outro caso notável é o da grande paleta de osso de Pekarna, na Morávia, em que uma face representa um bisonte e um cabrito-montês, e a outra três cavalos (fig. 12, C). Na maioria das vezes, no entanto, as figuras encontram-se isoladas (fig. 12, A-B), ou formam associações incompletas e parece bastante provável que eram dispostas agrupadas numa determinada ordem. La Colombière, no Ain, teve, em 1913, a sorte de ver as suas plaquinhas registadas num plano pelos investigadores J. Pissot e L. Mayet, plano esse que foi completado por H. Movius quando em 1948 descobriu um novo seixo gravado.

Os documentos formam dois grupos situados nos dois extremos do abrigo sob rocha; o da esquerda comporta oito seixos formando um conjunto bisonte (dito «boi almiscarado») — cavalo, cabrito, rena, rinoceronte, felino, urso, ou seja, o mesmo conjunto que nos Trois-Frères, nos Pirinéus, na mesma época. A este grupo vem acrescentar-se um osso gravado representando uma rena, um urso e um homem, todos temas do grupo C-D, que podia encontrar-se na extremidade ou no fundo da associação. O grupo da direita, a 12 metros de distância, comporta apenas um seixo representando todos os animais da lista precedente, à excepção do bisonte que talvez tenha desaparecido (o do grupo da esquerda foi encontrado partido em dois fragmentos, encontrando-se um deles a 5 metros de distância). Compreende ainda um osso gravado que, à semelhança do grupo precedente, comporta uma rena; este osso foi descoberto *metido na única fenda* do enorme abrigo.

No Fourneau-du-Diable, na Dordonha, D. Peyrony mostrou que os blocos esculpidos estavam dispostos no fundo do abrigo, protegidos por uma espécie de barreira e em Laugerie-Haute constatou factos sensivelmente semelhantes. No Mas-d'Azil, na galeria Breuil, encontrou-se um seixo gravado representando um cavalo, providencialmente fixo ao solo, depois do Madalenense: encontra-se colocado exactamente por baixo de um pequeno bisonte gravado na parede.

As estatuetas

No tocante às estatuetas, a informação é pouco mais brilhante. É no entanto preciso reconhecer que, enquanto as placas, bastante pesadas, e insignificantes quando voltadas ao contrário, devem ter conservado muitas vezes a sua posição inicial, as estatuetas devem ter sofrido grandes deslocações. A ausência de planos é quase tão completa para umas como para outras. Os sítios franceses forneceram relativamente poucas, à excepção de Isturitz em que o grés mole foi abundantemente utilizado, mas

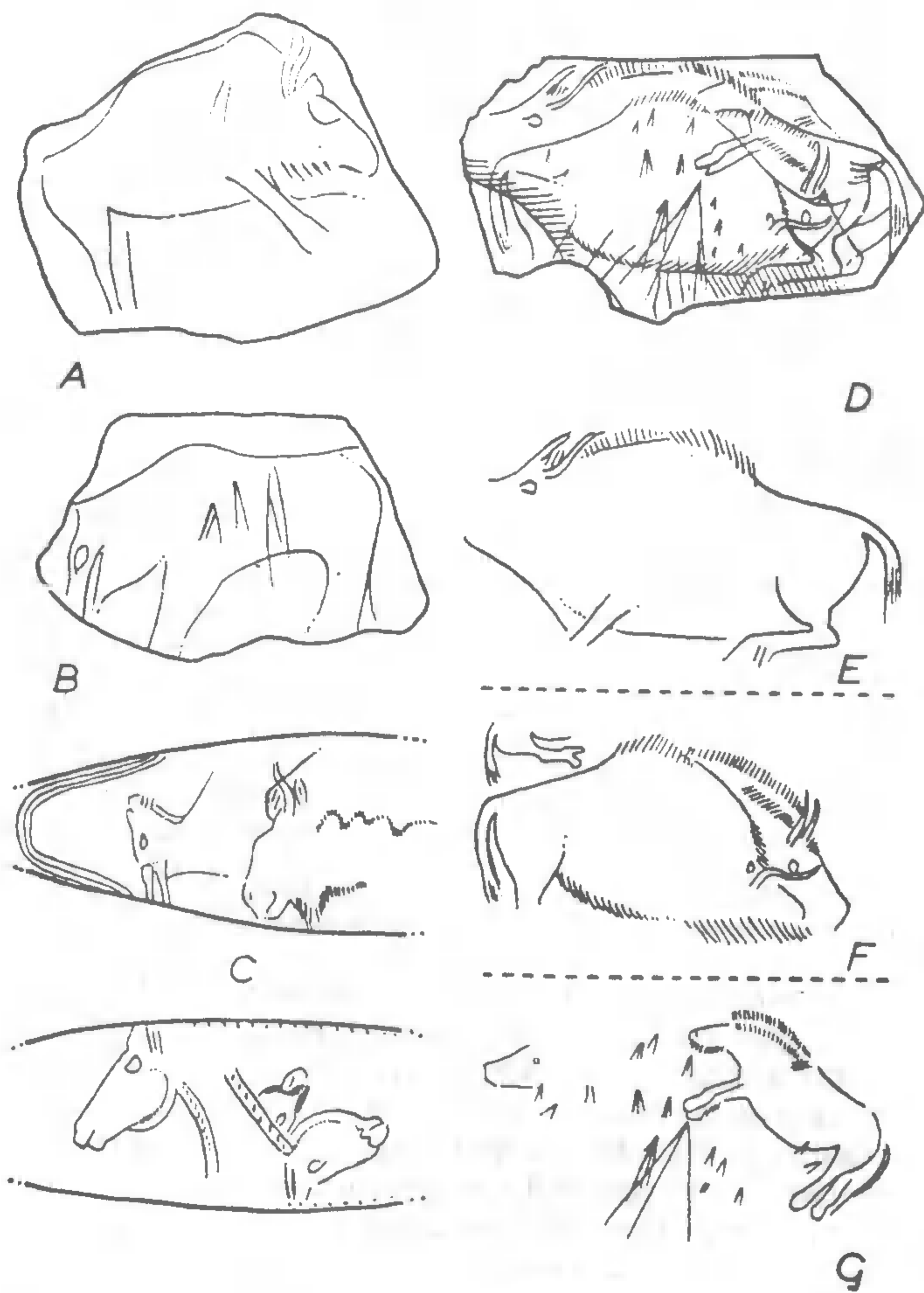


Fig. 12

- A — Isturitz (Baixos-Pirinéus): *Bisonte em baixo-relevo.*
 B — Le Portel (Ariège): *Urso gravado.*
 C — Pekarna (Checoslováquia): *paleta de osso gravada.*
 D — Isturitz: *plaquinha gravada, conjunto de figuras.*
 E — *Bisonte voltado para a esquerda.*
 F — *Bisontes voltados para a direita.*
 G — *Cavalo, 3.º animal e signos feridas.*

os sítios morávios e soviéticos forneceram centenas. Parece provável que nestas regiões, em que as habitações eram constituídas por tendas implantadas no *loess*, as estatuetas tenham substituído simultaneamente as pla-

quinhas e as grutas. Não é fácil estabelecer um inventário, já que a maior parte dos animais, excluídos algumas raras obras-primas, são extremamente vagos. Alguns detalhes hoje desaparecidos e a sua posição nas associações permitiam sem dúvida reconhecê-las. De qualquer forma, em Dolni Vestonice, em Pavlov (na Morávia), em Kostienki, Anosovka e Avdevo (na URSS), a lista das espécies representadas contém seguramente a mulher, o bisonte, o homem, o cavalo, o cabrito-montês, o mamute, o urso, o felino e o rinoceronte, ou seja, os mesmos actores principais que entre nós.

Em Gönnersdorf, na Renânia, achou-se um grande número de plaquinhas no lajeamento de um *habitat* madalenense: até à data ainda não foi reconhecida nenhuma associação, mas as escavações ainda não terminaram.

Uma vez adquirida a certeza da existência de pequenos santuários «portáteis», falta-nos ainda esclarecer as suas relações com os grandes santuários subterrâneos. Existiram com certeza em *habitats*, e outros, como em Labastide, onde foram descobertos longe da claridade, à entrada do santuário parietal.

As estatuetas de animais não excitaram muito a atenção dos teóricos, existindo pelo contrário uma literatura abundante sobre as estatuetas femininas, tendo-se por vezes a impressão de uma certa perda do sentido crítico por parte de investigadores normalmente comedidos; o nome de *Vénus* atribuído às estatuetas é aliás sintomático, e quando lemos as teorias sobre as formas das *Vénus aurinhacenses*, esteatopíguas, ou outras, mais débeis, sobre a *Vénus impúdica* de Laugerie-Basse quando vemos que tipo de demonstrações levaram os antropólogos a comparar a superioridade da *Vénus de Lespugue* sobre a *Vénus hottentote*, quando atentamos em tudo o que se disse das éguas grávidas e das «fêmeas cobertas por machos com cio», por autores que estavam longe de ser laicos na matéria, lamentamos o tempo em que os Solutrenses exprimiam por símbolos velados uma realidade biológica sobre a qual tinham com certeza ideias perfeitamente normais.

As figuras femininas do estilo II e III correspondem tanto à verdade anatómica como as mulheres de Picasso servem de modelo para definir o tipo antropológico da francesa moderna. O seu enorme valor plástico vem-lhes precisamente do facto de corresponderem à elaboração representativa da sua época, entre o Gravettense e o Solutrense, quando os animais eram evocados por uma curva cervico-dorsal, à qual se

prendiam alguns detalhes menos cuidados nas extremidades. Por outro lado, é evidente que o cânon figurativo foi modelado e remodelado ao longo de séculos de cópias sucessivas; basta comparar os detalhes das estatuetas de Kostienki, de Willendorf e de Lespugue, para nos apercebermos de que se trata do mesmo arquétipo, mas que a admirável figura de Lespugue é feita de volumes de tal forma reformulados que, vistos sob o ângulo da verdade anatômica se tornam absurdos. O que se disse sobre as deusas da Fecundidade é estritamente banal e não explica nada: considerar a fecundidade como um fenómeno desejável é apanágio de todas as religiões ou quase, e fazer da mulher o seu símbolo não tem nada de particularmente original. Comparar as figuras paleolíticas a estatuetas mesopotâmicas ou da Nicarágua, tende apenas a demonstrar a existência de mulheres em três pontos do espaço terrestre. Na realidade nada sabemos sobre o sentido profundo dado pelos Paleolíticos às suas «Vénus», que também poderiam muito bem ser «Junos» ou «Prosérpinas».

O que parece evidente é que existiam também figuras de homens, completas ou reduzidas ao rosto, como em Laussel, em Brassempouy, ou em numerosos sítios madalenenses. É pois provável que, pelo menos em parte, as estatuetas formassem pares, o que está de acordo com a regra dos signos. Esta possibilidade leva-nos a dizer algumas palavras sobre «hermafroditas». Aqui, mais uma vez, é necessário ser prudente. Não é impossível que os Paleolíticos tenham representado em justaposição um e outro sexos e temos disso um exemplo explícito na plaquinha do urso de La Madeleine (fig. 15, H). Trata-se neste caso de uma representação de símbolos acoplados e não de uma figura hermafrodita. É até possível que, por uma espécie de trocadilho plástico, determinadas figuras muito esquemáticas possam ter representado uma mulher, vista num determinado sentido, e uma figura fálica noutro. Na verdade, torna-se difícil de aceitar como saudavelmente pensadas pelos Paleolíticos, todas as fantasias nascidas à volta de alguns vagos objectos de pedra.

Objectos de carácter eventualmente utilitário

Entre os objectos de arte móvel, existe toda uma série considerada com carácter talvez «ritual», mas apesar de tudo prático. É o caso de bastões perfurados, propulsores, espátulas, polidores, percutores, punções, lâmpadas, varinhas semi-cilíndricas, azagaias, arpões pequenos e grandes, cuja decoração nunca foi objecto de um estudo de conjunto, mas apenas de trabalhos relativos a alguns objectos ou a determinado tipo de decoração. Os nomes técnicos que lhes foram atribuídos são de pura comodidade, por vezes de estrita fantasia.

Parece que o fundo figurativo destes objectos é semelhante aos das grutas ou das plaquinhas e estatuetas, registando no entanto particularidades que merecem ser examinadas. A lista das espécies animais é um pouco mais longa; encontram-se, individualmente, os antílopes europeus (camurça e saíga) e aparece também por vezes o lobo e a serpente, todos eles animais raros ou inexistentes na arte parietal.

O que é característico destes objectos é que, juntamente com figuras muito elaboradas, comparáveis àquilo que de melhor existe na arte parietal, aparecem numerosas figuras esquemáticas, geometrizadas ao ponto de passarem por verdadeiras redundâncias decorativas. A análise comparativa conduz à sua ligação com temas realistas e o abade Breuil demonstrou que neles se encontram os cervídeos, os cavalos, os bisontes e os peixes que formam os fundos da arte utilitária madalenense. A análise estatística permite avançar um pouco mais e constatar que a decoração esquemática afecta principalmente as peças cuja reprodução em numerosos exemplares era motivada pela sua precaridade, como as azagaias e os arpões, facilmente destruídos durante o uso. Vemos assim que, independentemente das variações próprias de cada categoria, o equipamento utilitário pode dividir-se em objectos de uso prolongado com decoração elaborada e objectos de duração precária, com decoração esquemática.

Bastões perfurados — Os bastões perfurados constituem a categoria mais importante. A sua decoração, frequentemente muito rica, impressionou desde sempre os investigadores que, antigamente, lhe deram o nome de «bastões de comando», através de um raciocínio absolutamente gratuito, já que nenhum argumento racional permitiria assegurar as bases de uma tal hipótese. Foram depois comparados a um objecto esquimó da mesma forma que serve de alavanca para endireitar a quente os galhos cortados da armação da rena. Esta hipótese parece mais bem fundamentada.

A decoração dos bastões perfurados é extremamente curiosa. Para cinquenta peças em estado de conservação, foram as seguintes as proporções dos diferentes temas:

- em 16 casos, o cabo é faliforme sem ambiguidade possível;
- em 30 casos, o cabo está decorado (independentemente da forma masculina da extremidade), com símbolos dos grupos A, C ou D: cavalo, cabrito-montês, veado, corça rena, mamute, felino, urso, homem, peixe, serpente, pássaro, e signo ramificado.

- Os sete casos de bisontes estão localizados na área do orifício, na base do cabo ou na extremidade distal. Em numerosos casos, esta termina por duas expansões incisivas que são a esquematização de um casal de bisontes, de que existe um exemplar completo em La Madeleine (fig. 13, A, B, D).

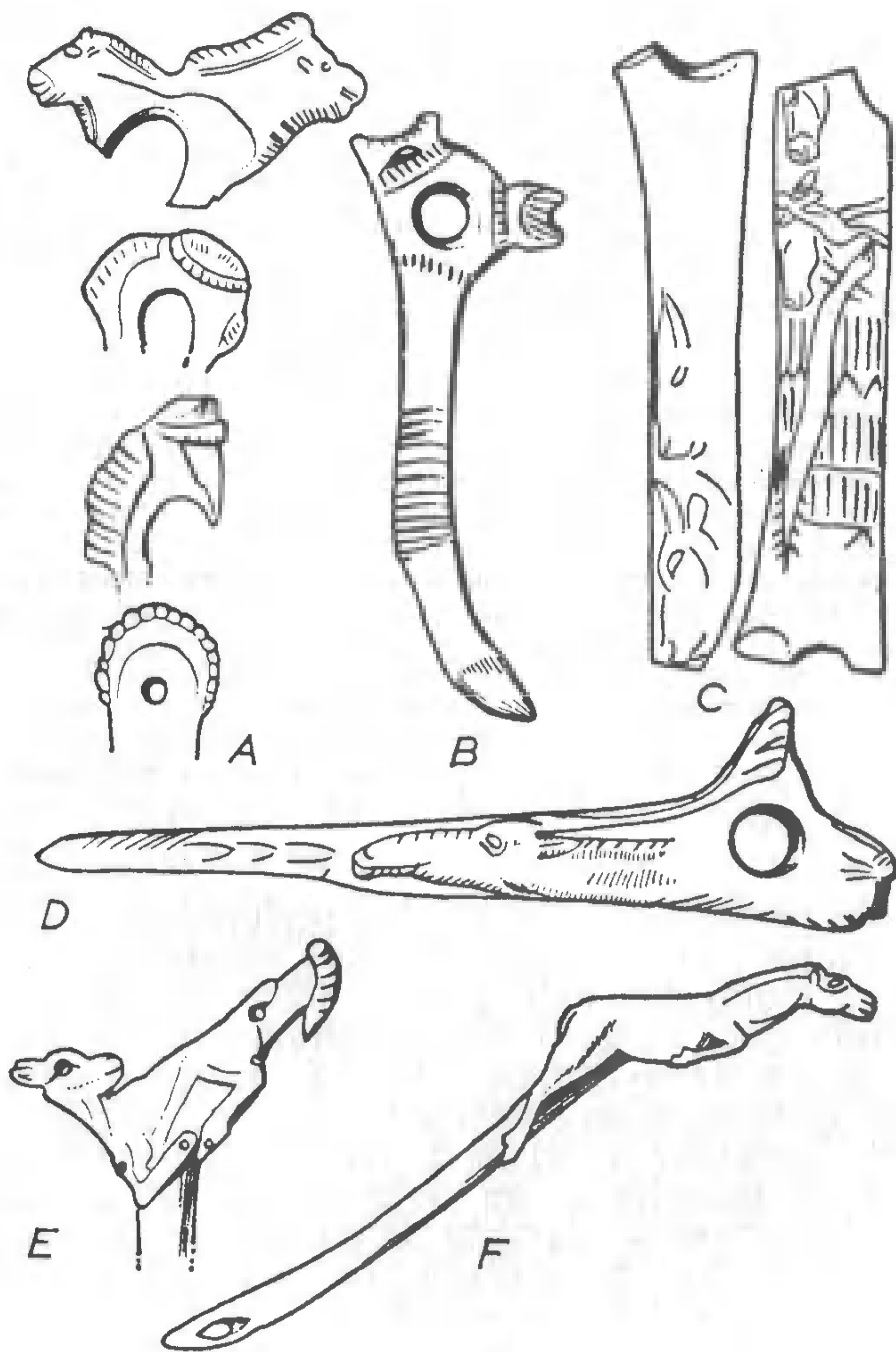


Fig. 13 — Bastões perfurados.

A — Casal de bisontes.

B — Bisontes estilizados e cabo com extremidade falóide.

C — Anverso: homem, serpentes, cavalos; reverso: bisontes.

D — Rena e bisonte.

A e C — La Madeleine.

B e D — Laugerie-Basse. — Propulsores.

E — Bedeilhac (Ariège).

F — Bruniquel (Tarn-e-Garona).

O único cabo ambivalente que se conhece é o de um bastão de La Madeleine, cujo anverso representa um grupo homem-cavalo-serpente-signos ramificados, e o reverso duas cabeças de bisontes (fig. 13, C).

Parece assim mais que provável que o bastão perfurado representa as mesmas associações simbólicas que a arte das paredes: cabo faliforme decorado com um animal dos grupos A, C ou D + orifício próximo de representações do grupo B. É possível que este objecto tenha tido um uso puramente simbólico, mas também pode acontecer que a operação de manufactura da azagaia tenha sido entendido como um acto em que o ciclo de correspondência homem-mulher, cavalo-bisonte, azagaia-ferida, desempenhava um papel esencial. Está em todo o caso provado que o bastão perfurado era um objecto muito importante e integrado naquilo que há de mais íntimo na simbólica paleolítica.

O *propulsor* é um objecto com ou sem gancho, que passa por ter servido para lançar a azagaia, à semelhança do que se conhece através de exemplos etnográficos. Este uso é, sem mais comentários, provável. O que é evidente é que o talhe do galho de rena na qual está esculpido se esforçou bastante bem por respeitar as partes que seriam submetidas às violências da flexão, se a pressão se exercesse na área do gancho. Duma maneira geral, é representado um único animal e a distribuição não acusa selecção. Em 30 peças (limite inferior da validade estatística), contam-se:

Cavalo	9 (fig. 13, F)	Rena	3	Felino	1
Cabrito-montês	6 (fig. 13, E)	Bisonte	3	Mamute	1
Peixe	4	Pássaro	2	Homem	1

Um dos melhores propulsores, o «cabritinho» do Mas-d'Azil, representa um jovem cabrito-montês, com a cabeça voltada (por razões técnicas de resistência da haste de rena), cauda levantada sobre uma espécie de chouriço, terminada por dois pássaros formando um gancho. Apesar deste tipo de propulsor oferecer diversas variantes (fig. 13, E), o tema figurativo é obscuro. Duma maneira geral, a escatologia encontra-se ausente da arte paleolítica e apenas conheço dois exemplos em que é evocada a urina. Trata-se de um felino do Gabinete de Lascaux, soltando um jacto, prática corrente do macho marcando o seu território, e os famosos «bisontes saltando» de Altamira, que representam certamente machos rebolando-se na areia previamente «regada» para irem em seguida marcar as árvores e os rochedos. Estas práticas estão de acordo com o simbolismo geral das grutas, permanecendo por agora indecifrável o cabrito-montês do Mas-d'Azil.

Quer tenham sido ou não propulsores, os objectos com gancho comportam-se como uma parte das plaquinhas ou das estatuetas, apresentando uma distribuição

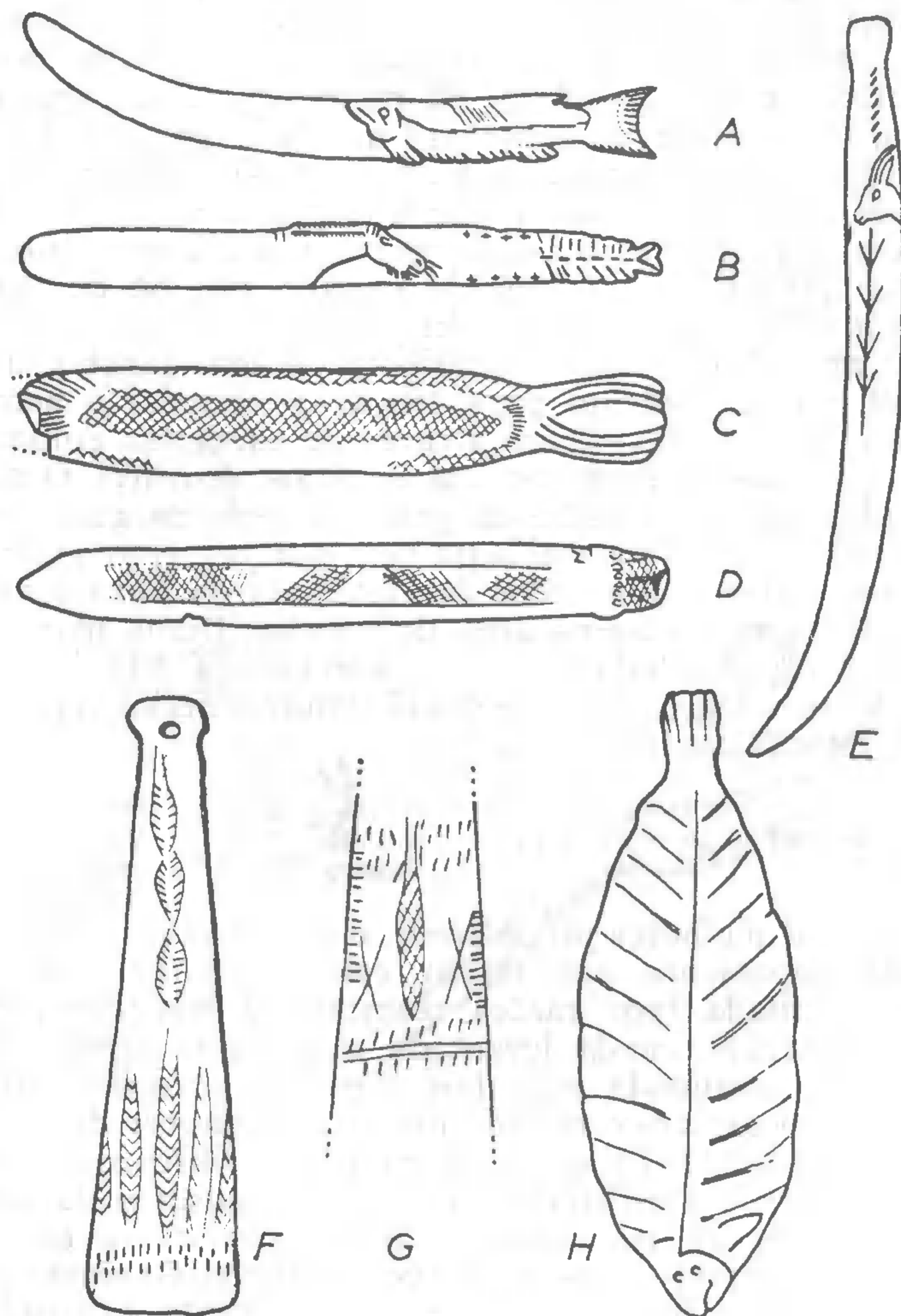


Fig. 14 — Espátulas.
 A — Salmão, Les Eyzies.
 B — Salmão-cavalo, Laugerie-Basse.
 C — El Pendo (Espanha).
 D — Laugerie-Basse.
 E — Cabrito-montês e signos, Isturitz.
 F-G — Pingentes de «peixes», Laugerie-Basse e Marsoulas.
 H — Pingente representando um linguado, Lespugue.

numérica bastante próxima. Supõe-se portanto que, ou eram empregues isoladamente em modalidades difíceis de imaginar a partir da base documental actual, ou faziam parte de associações simbólicas.

Os outros objectos furtam-se a um estudo crítico, seguindo o processo aqui adoptado, seja porque são demasiado escassos, seja porque a sua decoração esquemática exigiria uma análise que ultrapassa os limites deste trabalho; apenas poderemos pois mencioná-los.

Os objectos denominados *espátulas* são linguetas de osso, em geral curvas, cuja parte proximal se encontra talhada em cauda de salmonídeo. A superfície pode estar gravada com temas que, de entre os exemplos conhecidos (uma vintena), pertencem todos ao grupo A, C, ou D: salmão, cavalo, homem, cabrito-montês, rena e signo com barbelas (fig. 14, A a E).

Os *percutores* são geralmente pontas de azagaias partidas e reaproveitadas para um trabalho de pressão. A sua decoração é a mesma das azagaias de origem. As *navettes* eram provavelmente pinças para manter um utensílio de sílex. A sua decoração é curiosa, constituída por uma oval prolongada por um bastonete, o que corresponde provavelmente a dois signos acoplados. As *candeias* decoradas são raras, representando a de La Mouthe (fig. 15, A) um cabrito-montês na face inferior (encontraram-se muitas sobre o solo, com a face inferior para cima); a de Lascaux (fig. 15, B), com pega, tem sobre esta dois signos do grupo α idênticos àqueles que se encontram um pouco por toda a parte na gruta.

As variantes semi-cilíndricas são lâminas com uma face plana, talhadas na superfície mais dura dos galhos de rena, e que eram coladas, face a face, segundo a mesma técnica que o bambu refendido. A sua decoração prova que não se tratava de uma categoria de objectos, mas sim de testemunhos de um processo técnico: umas ostentam uma decoração elaborada à base de animais ou símbolos sexuais acoplados (fig. 15, H) e outras uma decoração esquemática como a das azagaias.

As *azagaias* são decoradas esquematicamente e são muitas vezes indecifráveis. Os temas legíveis são todos do grupo A, C ou D, ou α : numerosos cavalos, peixes e signos ramificados, veado, corça e rinoceronte. O mesmo acontece com os *arpões*, onde dominam o peixe e o signo ramificado. Esta orientação de decoração poderia confirmar a assimilação da azagaia a um símbolo viril;

vimos que na arte parietal a ferida é muito provavelmente um símbolo feminino. Os *arpéus* («foènes») são pequenos objectos ramificados cuja extremidade estava atada a um espigão de encaixe. Desconhece-se o seu

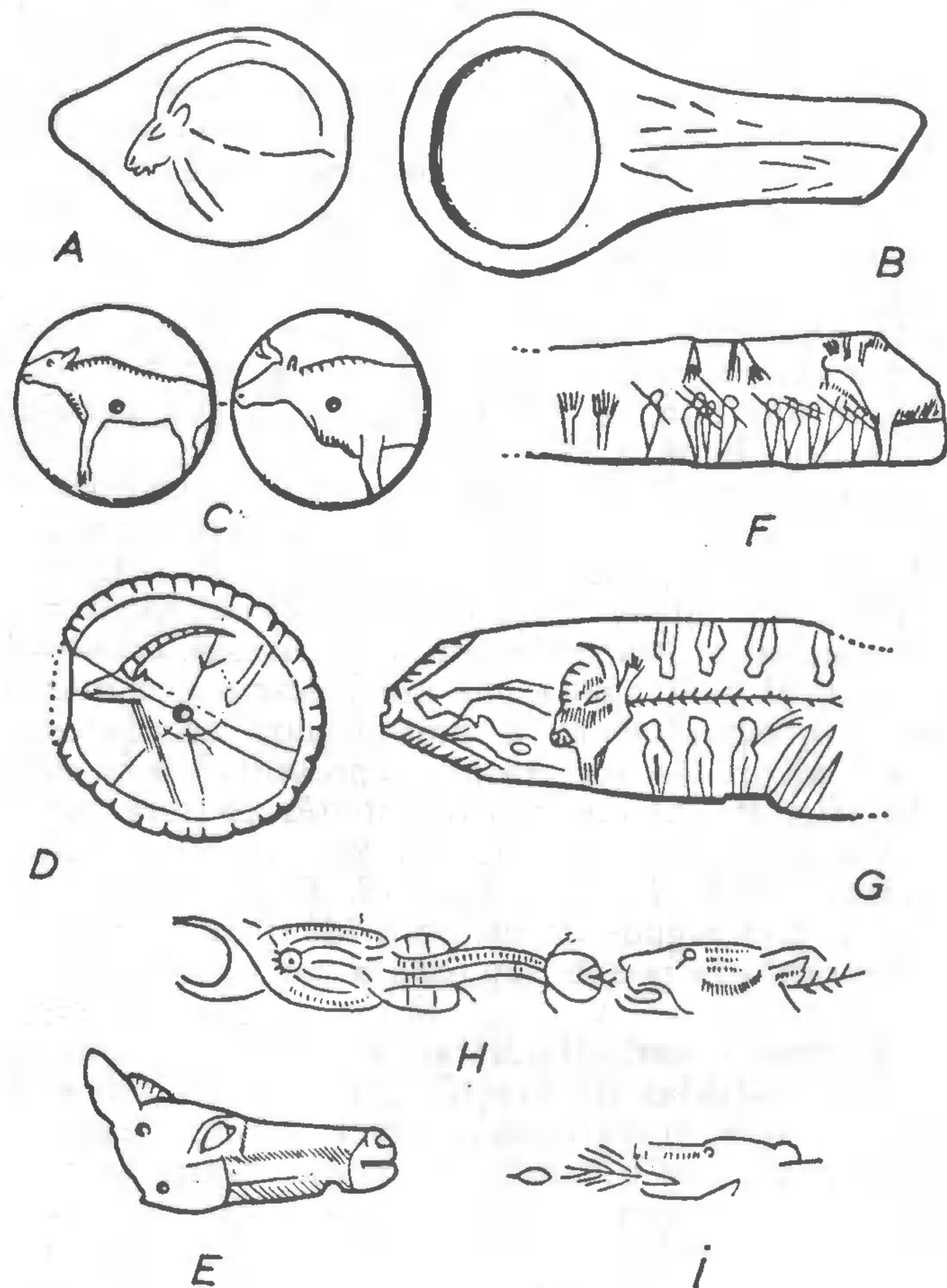


Fig. 15 — Candeias.
 A — La Mouthe.
 B — Lascaux — Rodelas.
 C — Laugerie-Basse.
 D — Bruniquel.
 E — Silhueta recortada, Isturiz.
 F e G — Plaquinhas representando homens e um bisonte. Les Eyzies e Raymondén.
 H — Urso e símbolos sexuais realistas, La Madeleine.
 I — Urso e símbolos sexuais abstractos, Massat.

emprego e o seu simbolismo é duvidoso; a única certeza mecânica que podemos ter é a de que não eram seguramente arpéus.

Os objectos de suspensão

Esta categoria engloba todos os objectos tendo um ou mais orifícios de suspensão; alguns são provavelmente pingentes, permanecendo hipotético o uso de outros, como as rodelas e as silhuetas recortadas.

As *rodelas* são círculos do tamanho de uma moeda, talhados numa omoplata e perfurados ao centro.

A sua decoração geral é constituída por incisões radiais formando um rebordo no contorno. Apresentam em geral em uma ou ambas as faces figuras pertencentes indiferentemente ao grupo A, B, C ou D: cavalo, vaca com vitelo (fig. 15, C), cabrito-montês (fig. 15, D), camelo, rena, mamute ou homem atacado pelo urso. A existência de decoração em ambas as faces exclui a hipótese de aplicações ou de botões, e a posição central do orifício não ofereceria equilíbrio se se tratasse de pingentes. Se enfiássemos todas as que se conhecem (cerca de trinta) num cordão central, forneceria um sistema figurativo completo, mas nunca ninguém registou a sua descoberta em grupo.

As *silhuetas recortadas* são cabeças de animais talhadas num osso hióide e perfurados com dois orifícios de fixação. Representam na sua maioria cavalos, dos quais alguns se contam entre as obras-primas madalenenses (fig. 15, E). Em Labastide foi descoberto um conjunto único constituído por dezoito cabritos-monteses e uma cabeça de bisonte. Parece portanto que, à semelhança das rodelas, as descobertas isoladas não significam forçosamente que os objectos não estivessem agrupados em associações simbólicas. A sua lista figurativa (cavalo, bisonte, cabrito-montês), corresponde ao tema central da arte parietal da sua época (estilo IV antigo).

Os *pingentes* correspondem a duas grandes categorias, ambas munidas de um orifício para suspensão numa das extremidades. Uns são ovais, em pedra ou material ósseo, contornados por um rebordo de incisões ou de dentes (fig. 16, F), com um centro decorado geometricamente (fig. 16, G, H) ou tendo, como em Isturitz, signos em pata de ganso, que tanto podem representar feridas como vulvas.

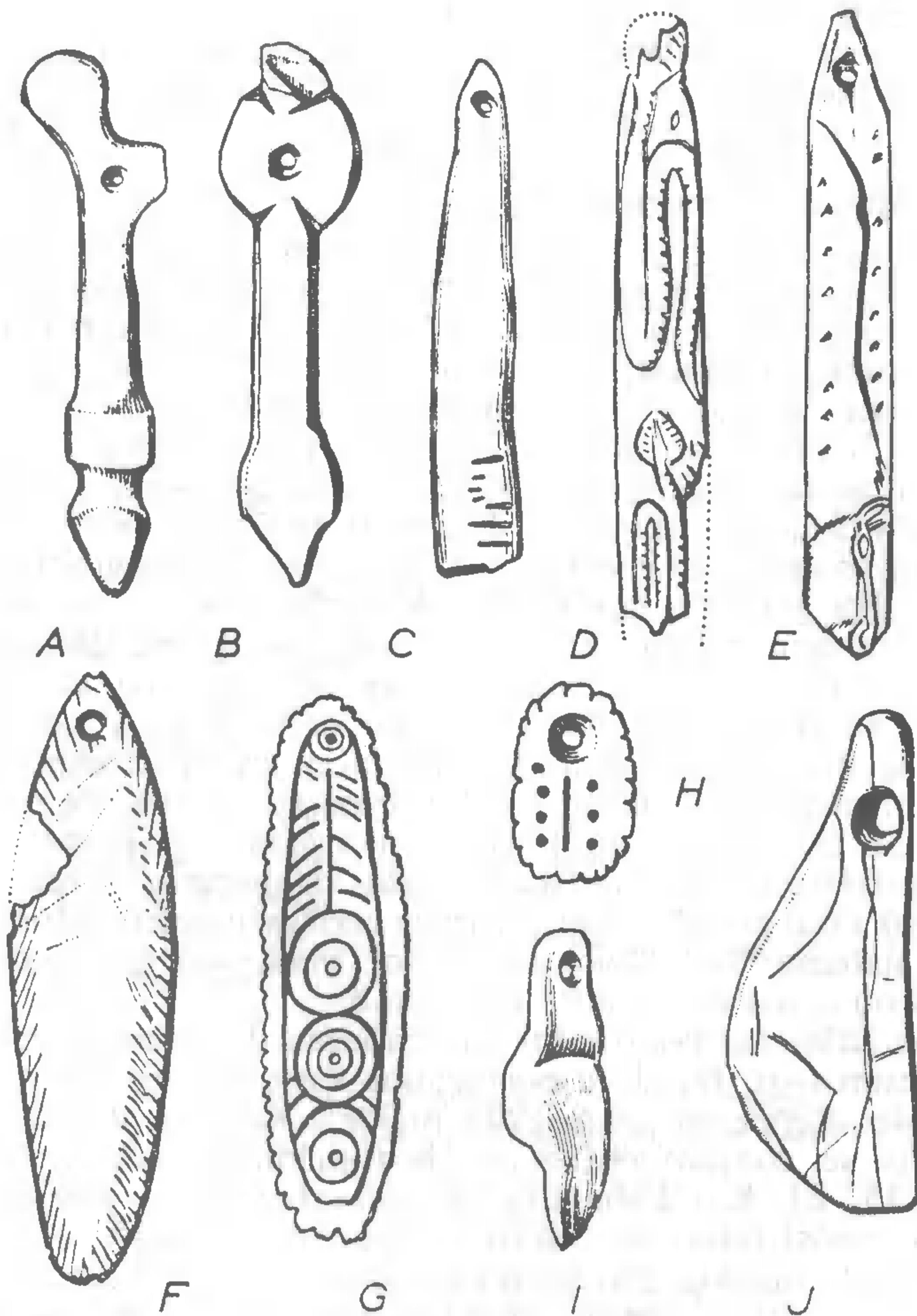


Fig. 16 — Pingentes alongados.
 A — S. Marcel.
 B — Isturitz.
 C — Ponta de azagaia, Isturitz.
 D — Serpentes, Lespugue.
 E — Cavalos, Isturitz. — Pingentes ovais.
 F — Isturitz.
 G — S. Marcel.
 H — Laugerie-Basse. — Pingentes femininos.
 I — Peterfels.
 J — Saut-duPerron.

Certos pingentes da Europa central representam mulheres de perfil (fig. 16, I) na estilização habitual do

Madalenense, existindo também em Saut-du-Perron (Loire), um pingente de pedra sobre o qual se encontra igualmente gravada uma mulher de perfil, no espírito do estilo IV (fig. 16, J). A semelhança do que acontece em Saint-Marcel ou em Isturitz, os pingentes alongados (fig. 16, A, B) podem ter os contornos de um falo; outros têm gravados cavalos, peixes ou serpentes (fig. 16, D-E); dois dentes de urso de Duruthy, nas Landes, têm um uma foca e o outro um salmão. Estes objectos parecem portanto relacionar-se com temas viris. Muitos deles são simples pontas de azagaias partidas e reaproveitadas para suspensão (fig. 16, C), facto que se mostra muito coerente se tivermos em conta o que se entrevê do simbolismo da azagaia.

Parece pois terem existido pingentes machos e pingentes fêmeas. Torna-se mais difícil dizer qual era a sua função, uma vez que não foi encontrado nenhum, referente a qualquer um dos sexos, sobre um esqueleto quer de homem quer de mulher. O estado de dispersão dos vestígios sobre os níveis paleolíticos e sobretudo a ausência de observações rigorosas, não permitem fornecer uma resposta. Conhece-se um único documento, numa região situada fora do Paleolítico europeu, embora na mesma época e num ambiente idêntico. Em Mal'ta, na Sibéria, perto do lago Baikal, o pré-historiador russo Gerasimov desenterrou vários recintos de tendas, nas quais a utensilagem feminina e as estatuetas de mulheres se encontravam separadas de cada lado do *habitat*. É pelo menos possível que tivesse existido igualmente uma divisão de adornos entre os sexos na Europa, durante o Paleolítico superior.

Em conclusão, os dentes de animais, as conchas e os pingentes em material ósseo ou em pedra, constituem uma categoria importante de objectos, cujo sentido religioso parece não oferecer dúvidas, mas cujo valor exacto permanece bastante hipotético. Frequentemente encontram-se misturados com os adornos encontrados no local, mas a sua explicação apenas seria possível se se dispusesse de materiais mais seguros. De qualquer forma, os caninos de veado, no que diz respeito aos dentes, as *cypres* no que toca às conchas, e os pingentes ovais ou alongados dentro dos objectos de suspensão, parecem relacionar-se claramente com os símbolos de carácter feminino e masculino.

Os ritos

Seria apaixonante falar dos ritos paleolíticos. Mais uma vez tememos decepcionar o leitor pelo carácter esquemático e iconoclasta da nossa informação. Nada sabemos

dos ritos paleolíticos, nem nos *habitats* nem nas grutas, o que é saudavelmente normal, uma vez que nem os gestos nem as palavras se fossilizam. Possuímos alguns indícios que podem ser interpretados de variadíssimas formas, com uma hipótese mínima de se escolher a correcta.

Encontram-se por vezes nas grutas deposições de objectos como os sílices encontrados acidentalmente em Isturitz (gruta de baixo), em Labastide, em Arcy (espetados na parede de argila), bocados ou amontoados de ocre, como em Etcheberriko Kharbia (Baixos-Pirinéus), em Cougnac (Lot), em Lascaux, e candeias ou placas que serviram talvez para fixar archotes, como em Lascaux; objectos dissimulados em recantos como em Farincourt (Alto-Marne) em Labastide (Altos-Pirinéus) e em Portel (Ariège). Estas deposições podem ter-se registado por esquecimento, pelo desejo de proteger objectos preciosos, ou talvez mesmo como oferenda «ritual».

Evocaram-se frequentemente como provas de ritos de iniciação as pegadas (calcanhares juvenis) visíveis sobre uma placa de lama concrecionada no Tuc-d'Audoubert (Ariège), na sala dos célebres bisontes de argila. Os adolescentes aí conduzidos para serem iniciados, teriam saído às arreguas, sobre os calcanhares.

Há a certeza de que as crianças penetraram nas grutas, tendo deixado as suas marcas em Pech-Merle, em Niaux e em Aldène (Hérault). Tanto em Niaux como em Pech-Merle e no Tuc-d'Audoubert, estas marcas juvenis estão situadas fora dos trajectos pisados pelos adultos, nas poças ou nas partes húmidas. Mais do que um rito de iniciação, estaríamos tentados a ver uma prova da liberdade de espírito com que as crianças circulavam nas grutas; caso contrário, teríamos que considerar como «iniciadas» todas as crianças que, nos dias de chuva, chapinham, com os pés ou com os calcanhares, nas poças dos jardins públicos.

Podemos excluir das provas de ritos os «feiticeiros mascarados e dançantes», por se encontrarem no lugar que lhes cabe no cortejo simbólico das grutas; a sua posição inclinada para a frente traduz talvez uma atitude real, mas não demonstra um processo ritual.

Os animais de argila e a «caçada» de Montespan constituem os exemplos mais surpreendentes. O urso sem cabeça teria sido encontrado com um crânio de ursinho entre as patas da frente (infelizmente nenhum documento foi elaborado aquando ou pouco depois da descoberta), tendo por cima uma pele fresca com a cabeça aderente; teria sido massacrado em efígie, a golpes de azagaia. O esquema é coerente e verosímil e apenas se lamenta

que a superfície de argila, então intacta, não tenha sido estudada mais de perto. O que se encontra já provado, e se revela suficientemente, é que um animal sem cabeça, um urso, foi atingido por um determinado número de golpes dados de perto (o tecto é muito baixo). É o décimo animal conhecido no fundo de uma gruta. Está ferido como os ursos gravados dos Trois-Frères e é acéfalo como os dois ursos pintados no tecto da gruta de Ekain, em Guipuzcoa. Um dos dois encontrava-se de resto ferido num ombro. Numa galeria separada, tão baixa que é necessário rastejar até lá, encontra-se uma «caçada» em que se observa, ao longo de vários metros: os admiráveis quartos dianteiros de um cavalo acompanhados de uma nuvem de orifícios e de dois traços verticais, o esboço de um cavalo assinalado com alguns traços verticais e alguns orifícios, tendo igualmente ao lado uma nuvem de orifícios, um terceiro animal com uma nuvem de orifícios que lhe cobre o corpo, ultrapassando-o largamente para a frente; e, finalmente, uma série de traços verticais. O estado de conservação é tal que se pode estudar a direcção de todos os impactos: trata-se não de uma caçada simulada, mas de um conjunto simbólico (em relação evidente com a caça) executado deitado sobre o lado, arrastando-se progressivamente e executando simultaneamente os animais, os pontos e os bastonetes. Podemos falar de rito de execução para todo o conjunto, uma vez que a execução possuía certamente um cunho de religiosidade muito mais forte do que se pensou, sendo no entanto impossível de colocar em face destes documentos uma horda uivante massacrando os seus modelos a golpes de azagaia. Tem-se a certeza da existência de ritos, e até mesmo, se se quiser, de ritos «selvagens», mas os documentos fornecem unicamente a prova da constituição de um plano. Este plano era extraordinariamente respeitado, apesar de tudo o que sobre isso se possa ter dito; salvo raras excepções, as imagens tardias não sobrecarregaram as precedentes, tendo sido executadas em superfícies disponíveis, e a maioria das sobreposições são contemporâneas e deliberadas. Quando os Madalenenses descobriram o conjunto do estilo III de Ebbou, no Ardèche, não rabiscaram bisontes sobre auroques, executando-os nos espaços livres. Em La Pasiega e no monte Castillo em geral, vemos os Paleolíticos transportar de sala em sala e de gruta em gruta os seus conjuntos mais recentes. Em Altamira podem seguir-se pelo menos três séries sucessivas, que se encontram não empi-

lhadas umas sobre as outras, mas sim imbricadas até ao fundo da gruta. Em Lascaux não só não se degradaram os grandes conjuntos, como foram restaurados, pelo menos por duas vezes, no caso da ábside. Imbuídos da necessidade de fazer dos Paleolíticos sombras primitivas, construiu-se toda uma série de lendas roubadas a documentos australianos ou papuas, filtrados eles próprios pelo pensamento de ocidentais, que imaginam de forma bastante pobre uma qualidade de homem que não esteja moldada pelos nossos requintes intelectuais. Pelo contrário, aquilo que chama a atenção nas cavernas, é a dignidade da decoração que os Paleolíticos moldaram nos movimentos da pedra e as inúmeras provas do respeito que tinham pelas obras diferindo nesse aspecto dos inúmeros signatários ulteriores.

Muitos dos santuários só foram visitados raramente, se não mesmo uma única vez. Os mais abertos, pelo contrário, apresentam vestígios de uma frequência intensa. Esta exprime-se à margem da decoração fundamental, em superfícies isoladas, em blocos, nas partes inferiores dos frescos, por acção da fricção, pelo polimento das colunas estalagmíticas e por numerosas figuras inacabadas, simples raspadelas em feixes ou em tiras, contornos cervico-dorsais de cavalos ou de bisontes, que deixam a mesma impressão dos «graffiti» votivos das paredes dos templos ou das catedrais. Altamira, Les Combarelles, Las Monedas, La Mouthe, vinte santuários possuem estas representações: em Lascaux elas povoam às centenas a ábside que já se encontrava degradada no fim da vida do santuário e que serviu de escape a estas marcas de frequência.

Se é possível falar de ritos, é pois por reflexão, como o viajante sideral que constatasse que o dedo maior do pé da estátua de S. Pedro está usado por fricção e que inúmeras assinaturas cobrem o seu pedestal e as paredes em volta. É muito pouco para se poder reconstituir os faustos do ritual católico e é praticamente tudo de que dispomos para reconstituir o desenrolar das cerimónias madalenenses.

Capítulo V

A RELIGIÃO NO PALEOLÍTICO

Depois da enumeração comentada dos materiais, que é que resta da religiosidade dos Paleolíticos? Antes do *homo sapiens*, ou seja, antes de 30 ou 40 000, não há nada que lhes resista ao exame. Os documentos adaptam-se mal ao papel que lhes querem fazer representar e os crânios de Sinantropos, as mandíbulas e os ursos das cavernas são orientáveis para múltiplas explicações, estranhas à prática religiosa. No que diz respeito ao urso, por que é que seria justamente o único mamífero susceptível de desarrumar intensamente os esqueletos dos seus congéneres, aquele que deixaria vestígios que se prestam a um culto? No meio de todos estes documentos ambíguos, subsistem poucos factos indiscutíveis e são muito tardios. O homem de Neanderthal, já no final da sua existência, deixou testemunhos do enterramento dos seus mortos, um ou dois crânios depositados em grutas, algum ocre, alguns fósseis, pilhas de esferóides, e algumas cúpulas gravadas em blocos de pedra. É o suficiente para se admitir que, por detrás das órbitas proeminentes dos Paleantropos se passava já qualquer coisa que iria adquirir, com o decorrer do tempo, uma grande importância; é muito pouco mesmo para se fazer o esboço de um comportamento religioso. O facto do extraordinário ter sido apercebido explicitamente, estabelece uma forte suspeita em favor da concepção de um sobrenatural, mas não provavelmente no sentido em que nós o temos vindo a conceber desde há alguns milénios.

▼ A religiosidade não é só feita de religião, englobando em bloco um cortejo de factos fisiológicos e psicológicos que criam um campo emocional no qual a explicação racional não ocupa o primeiro lugar. É abusivo tentar aplicar os resultados arqui-seculares do pensamento intelectua-

lista de uma minoria erudita, aos homens de um início e de procurar oferendas, sacrifícios ou cultos, na ausência de documentos irrefutáveis. Inversamente, seria também excessivo não imaginar um princípio para aquilo que é universal nas épocas mais recentes. Factos suficientemente controlados bastam para estabelecer que práticas não orientadas para as técnicas da vida material existiram antes do *homo sapiens*; denominemo-las religiosas, uma vez que testemunhavam um comportamento que ultrapassa a vida vegetativa, mas aguardemos que os especialistas do Paleolítico antigo e médio pesquise melhor a fim de dispormos de materiais talvez mais explícitos.

O Paleolítico superior

Para este período, existem documentos em grande número provando que desde os primeiros momentos o *homo sapiens* (ou o seu imediato predecessor) se comportava como os homens recentes. Estes testemunhos não dizem somente respeito à religião, mas também às técnicas, à habitação, à arte e ao adorno; criam, em contraste com o que os precedeu, uma ambiência intelectual na qual nos reconhecemos sem dificuldade. Dentro do espaço geológico muito curto que separa o homem de Neanderthal do homem do Cro-Magnon, o Musteriense do Aurinhacense propriamente dito, de 60 000 a 30 000 anos antes da nossa era, um passo foi dado: o do simbolismo gráfico. Podemos atribuir aos Paleantropos uma linguagem abstracta, mas só gratuitamente, porque nada nos fornece provas disso, enquanto que, a partir do momento em que o pensamento verbal se associa a expressão gráfica, os testemunhos permanecem. Estão tão próximos de nós que nos reconhecemos neles quase demasiado facilmente e somos tentados a lê-los como se emanassem dos nossos próprios artistas. Era inseridos num processo semelhante que uma parte dos pré-historiadores do fim do século passado, negando a arte religiosa, defendiam a arte pela arte, transformando os Eyzies num Montparnasse paleolítico, em que jovens alunos barbudos esboçavam silhuetas de mamutes e mulheres carnudas, entre duas caçadas ao urso.

Enquanto isso, outros investigadores, não menos sinceros e sem dúvida mais próximos da verdade, filtravam os Australianos e transpunham o resíduo das suas leituras para a arte das grutas, não sem reterem alguma

coisa dos impulsos de desinteresse artístico defendidos pela escola adversa. Ao observarmos as figuras paleolíticas enquanto puros Ocidentais, usando óculos ligeiramente fumados na Austrália, descobrimos um mundo ao mesmo tempo fácil de compreender e discordante, por tudo aquilo a que temos de renunciar a apreender. Foi por se ter pretendido explicar que se chegou a uma imagem extraordinariamente limitada do homem no Paleolítico superior. E o que é mais grave é que, de autor em autor, as hipóteses se foram tornando certezas, podendo ler-se, em obras de divulgação, as mais espantosas afirmações, jamais verificadas, jamais criticadas, bebidas um dia na fonte do provável e arrastadas depois na corrente do indiscutível. O homem pré-histórico, mascarado de bom grado em feiticeiro cornudo, entregava-se nas cavernas a caçadas mimadas, cobrindo as paredes com desenhos de éguas grávidas e bisontes enfeitados, acasalamentos humanos e animais, cabanas, bumeranges, arpões, armadilhas ou cabanas para espíritos. Colocando a sua mão de dedos mutilados sobre a parede, contornava-a a ocre e, a fim de os iniciar nas rudes realidades da vida sobrenatural, arrastava pobres adolescentes sob as abóbadas frias. Aqui está, pouco mais ou menos, o que alimentou a imagem bastante pobre e simplista que se tem da religião das grutas. Outra coisa não poderia ter saído do comparativismo etnográfico, já que se não pode pedir emprestada a metafísica dos Australianos ou dos Boximanes. A simples honestidade e o bom senso teriam bastado para impedir que se aplicasse uma imagem demasiado precisa aos documentos pré-históricos; apenas se podiam recuperar fragmentos dos factos materiais, sem ligação quer entre eles, quer com o fundo intelectual.

Por outro lado, estes retalhos implicavam todo um sistema de explicações pela magia, pelo totemismo e pelo xamanismo, que conferiam um carácter flexível aos materiais discordantes. Torna-se desnecessário insistir demasiado sobre o facto de nenhum dos pré-historiadores que fixaram o aparelho religioso paleolítico, se ter realmente relacionado com os Australianos ou qualquer outro primitivo, a não ser através de outros autores, não tendo nenhum deles aprofundado o problema da magia, a não ser na medida em que ele pudesse explicar uma determinada figura das cavernas.

A magia está sempre dependente de um sistema de explicação do universo e as suas propriedades encontram-se sempre ligadas a este aparelho do qual ela dirige o ritmo e a orientação eficaz, através de operações.

Enquanto as representações de entidades sobrenaturais ou do sistema do mundo são muito numerosas, os testemunhos mágicos são materialmente raríssimos, porque as operações não deixam vestígios. Existem muito mais hipóteses dos Paleolíticos terem representado deuses do que magia, apesar de não podermos afirmar que tenham representado deuses. É muito possível que a magia existisse no Paleolítico, mas não vimos nada que o demonstrasse; nem as figuras, nem a sua organização. Não basta que um signo quadriculado dê a impressão de prender uma cabeça de corça, para que logo nisso se veja o testemunho de uma magia de caça; é preciso primeiro ter em conta que dezenas de outros signos idênticos não encerram nada e influenciam tão pesadamente como eles a balança do julgamento. Do mesmo modo poderíamos afirmar que os inúmeros crucifixos dos cristãos são o testemunho do lamentável hábito que possuem de enfeitiçar os seus inimigos, pendurando na parede uma efígie de homem ferido de morte. Ao pegarmos nos documentos por uma única ponta, e fora de qualquer contexto, arriscamo-nos aos mais singulares mal-entendidos. Vimos também sobre o que é que repousava a magia da fecundidade. Se abstrairmos os acasalamentos que foram completamente inventados a partir de duas ou três figuras indistintas ou a partir de figuras mal interpretadas, como os cavalos de Mouthiers, em Charente, apenas subsistem animais de grandes ventres, dos quais muitos são explicitamente machos.

O totemismo serviu de explicação em numerosos trabalhos. Se por isso entendêssemos uma certa continuidade entre o mundo animal e o mundo humano, não demonstraríamos grande coisa, mas a maior parte das vezes quis-se falar de animais «totens» de tribos ou de clãs, facto que nada vem provar materialmente. A organização topográfica dos símbolos animais, idêntica em toda a Europa e limitada a muito poucas espécies, con-diz bastante mal com a ideia de «totens», a menos que se considere que todas as sociedades paleolíticas, divididas da mesma maneira, comportavam um clã do bisonte, um do cavalo e um do cabrito-montês. Uma tal interpretação não é impossível, mas não está forçosamente implícita nos factos.

No que diz respeito ao xamanismo, haveria razão para pensar que tivessem podido existir curandeiros que recuperavam as almas dos doentes com a ajuda dos espíritos protectores que lhes serviam de guias no mundo

dos mortos; contudo, mesmo que disso estivéssemos convencidos, não saberíamos sobre que documento fundamentar uma primeira tentativa de prova. Aquilo que se julgou encontrar é muito mais sumário e baseia-se numa semelhança muito vaga entre os «feiticeiros cornudos» e o vestuário dos xamanes siberianos; se a coisa tivesse sido mais «exótica» poderia igualmente ter-se dito que os Paleolíticos veneravam o diabo. Houve também quem defendesse a hipótese do xamanismo apoiando-se no facto de se encontrar, perto do homem do poço de Lascaux, aquilo que pode passar por ser a representação de uma estaca tendo por cima um pássaro. Uma vez tendo-se reparado que entre certos Índios do noroeste da América se colocava por vezes a efígie de um pássaro sobre a sepultura do xaman, o homem de Lascaux passou portanto a ser um xaman. A mesma figura serviu de resto a outro autor que avançou tratar-se da representação de um totem. Para nós, a única evidência é a de que o pássaro pertence ao grupo topográfico C-D e que equivale simbolicamente ao homem ou ao rinoceronte que são precisamente os seus vizinhos de parede.

Há um bom número de desculpas para aqueles que, no princípio deste século e no final do outro, tiveram que organizar com todos os elementos, o imenso material que a pré-história de repente lhes revelava. Aperceberam-se com muito bom senso de que os homens do Paleolítico superior pensavam e agiam de um modo muito próximo do nosso, e não possuíam outra via de demonstração se não a de escolher, no mundo vivo mais próximo do dos Paleolíticos, os elementos necessários para ilustrar a sua justa visão. Mas o que é mais extraordinário é que, de há cinquenta anos para cá, este folclore científico, nascido da urgência de uma demonstração, nunca tenha sido submetido a uma revisão, a não ser para lhe trocar um elemento indiano por um elemento *ainua* que se julgou mais adequado.

É evidente, mas quase indemonstrável, que o homem das cavernas conheceu práticas complicadas e provavelmente semelhantes às que existem ainda entre alguns dos últimos primitivos do mundo actual. Podemos moralmente afirmar que não pintava maxilares de mamute para se entreter agradavelmente nos longos serões de inverno, assim como não colocava olhos postiços num crânio de rapariga para meter medo aos amigos que entravam na sua gruta. Podemos mesmo imaginar racionalmente que as paredes mudas das salas decoradas

assistiram a cenas muito pitorescas de encantação e de magia, talvez mesmo a sacrifícios humanos, a actos de canibalismo ritual ou a aproximações hierogâmicas. Nada do que é humanamente concebível nesta ordem de ideias é inverosímil, mas os documentos não podem prová-lo a não ser pelo preço de uma distorsão excessiva.

A religião paleolítica chegou até nós através do seu expoente figurativo e quando reflectimos neste facto vemos que o mesmo acontece com os santuários de todas as outras religiões. Encontra-se aí uma certa imagem da ordem universal, simbolizada por personagens humanos ou animais. Os templos são ao mesmo tempo microcosmos e panteões. Aquilo que de sólido se conhece sobre os Siberianos, os Esquimós, os Australianos ou outros caçadores recentes, também não é de natureza diferente; na ausência de templos, as efígies esculpidas ou pintadas, as associações de figurinhas e as danças, referem-se à indispensável posse de uma imagem do mundo. O homem só pode compreender e dominar através dos símbolos da criação. Uma vez este sistema montado à sua escala, pode agir sobre os acontecimentos futuros. Do Paleolítico somente a decoração chegou até nós, sendo raríssimos os vestígios dos actos e a maior parte das vezes incompreensíveis. Para estudar possuímos apenas um palco vazio e é como se nos pedissem para reconstituir a peça sem a termos visto, a partir de telas pintadas em que estivessem representados um palácio, um lago e uma floresta ao fundo.

Sabemos, com uma razoável certeza, que esta decoração, parietal e móvel, comporta numerosas figuras masculinas e femininas (representadas de forma realista ou por meio de signos), colocadas no centro do dispositivo. São inúmeras as religiões que utilizam as figuras masculinas ou femininas como elemento central e a escolha das explicações é ilimitada. A estas representações acrescenta-se um casal estatístico constituído pelo bisonte e pelo cavalo ou, frequentemente, um casal de bisontes e um casal de cavalos, que parecem representar dois grupos complementares. Um terceiro animal, mamute, veado ou cabrito-montês, intervém muitas vezes. Poderíamos sem dificuldade encontrar esquemas mitológicos em que personagens em combinação binária entram em jogo com um terceiro que, aqui, é muitas vezes também ele representado por um casal. Escapa-nos o elo dinâmico entre os três protagonistas; a mesma fórmula (A - B + C) repetida várias centenas de vezes atesta unicamente a exis-

tência de um sistema de representação estruturado de forma muito sólida.

Os signos α e β e os personagens masculinos ou femininos que eles substituem, estão em relação com os animais e com a gruta, uma vez que se encontram acoplados, à semelhança dos animais, na situação I ou II c. Além disso, os signos α completam frequentemente acidentes naturais (fendas ou alvéolas de contorvo oval), assimiláveis e atributos femininos.

Por outro lado, a equivalência signo feminino-ferida abre uma rede de correspondência extremamente interessante. Que um bisonte possa ostentar indiferentemente sobre o flanco uma vulva ou uma ferida, indica, de maneira implícita mas sensível, o acesso a uma verdadeira metafísica da morte. Torna-se difícil ir mais longe, pelo menos por agora, e apenas podemos compreender, de forma muito confusa, uma parte dos aspectos simbólicos do sistema de representação: a homologia dos signos e do par bisonte-cavalo e a ligação provável entre os símbolos sexuais e os símbolos cinegéticos azagaia-ferida. Pelo contrário, a própria valorização da gruta como símbolo feminino, ressalta muito claramente através de numerosos casos em que as formas naturais foram sublinhadas (nichos pintados de vermelho) ou completadas por signos α . Em muitos casos aparece (em Pech-Merle ou Las Monedas por exemplo) um «terceiro signo γ » que poderia ser o homólogo do terceiro animal¹.

Apercebemos a religião paleolítica através de uma fraca penumbra. A única afirmação que se pode avançar, à excepção de um princípio geral de complementaridade entre duas figuras de valor sexual diferente, é que as representações cobrem um sistema extremamente complexo e rico, muito mais rico e muito mais complexo do que até agora se tinha imaginado. A extraordinária constância do dispositivo simbólico é a prova de que existia uma mitologia, constituída desde muito cedo, uma vez que já no Aurinhacense se atesta o emparelhamento dos animais e dos signos. Faltam-nos ainda elementos para descrever o progressivo enriquecimento e as variações regionais do aparelho mitográfico, mas sabemos que ele atingiu o seu auge entre o fim do Solutrense e o Madalenense médio, entre 15 000 e 12 000. Conjuntos admira-

¹ A. LEROI-GOURHAN, «Les signes pariétaux du Paléolithique supérieur franco-cantabrique», *Simposio internacional de arte rupestre*, Barcelona, 1968, pp. 67-77.

velmente homogêneos, como Le Gabillou, Lascaux, Pech-Merle, Niaux, Montespan ou os Trois-Frères, atestam que nesta época, entre o Loire e os Pirinéus, não só o grupo central se tornou muito denso, com a sua combinação de pares de animais emparelhados por espécies diferentes, como ainda as figuras de homens compostos, os felinos, os rinocerontes e os animais sem cabeça que povoam os fundos, criaram uma retaguarda densa de símbolos vinculados à zona mais íntima do mistério.

Esta extraordinária assembleia ocupa o seu lugar sobre as paredes e permanece muda após o desaparecimento do último Madalenense. Aquilo que se encontrava no conteúdo oral e operatório da religião paleolítica era talvez muito mais variado do que o que transparece através das figuras. Basta que pensemos no tema euroasiático da águia, do leão e do touro que por toda a parte, na Mesopotâmia, na Cítia, no Egipto, na China e nas Índias, cobriu conteúdos mitológicos diferentes e que para nós ainda é o símbolo dos evangelistas. O que sobressai é um esqueleto; não faltará certamente quem queira materializar este fantasma. Pela parte que me toca, recearia trair o homem das cavernas, se aumentasse o testemunho por ele deixado.

BIBLIOGRAFIA

Reduzida a algumas obras de orientação. O leitor encontrará bibliografias desenvolvidas em: P. GRAZIOSI, *L'art dell'antica età della pietra*; A LAMING-EMPERAIRE, *La signification de l'art rupestre paléolithique*; A. LEROI-GOURHAN, *Préhistoire de l'art occidental*.

- BEGOUEN (H.), *Les bases magiques de l'art préhistorique*. Paris, «Scientia», 1939.
- BREUIL (H.), *Quatre cents siècles d'art pariétal*. Montignac, 1952.
- BRÉZILLON (M.), *Dictionnaire de la préhistoire*. Paris, Larousse, 1969.
- GRAZIOSI (P.), *L'art dell'antica età della pietra*. Florence, Sansoni, 1956.
- LAMING-EMPERAIRE (A.), *La signification de l'art rupestre paléolithique*. Paris, 1962.
- LINDNER (K.), *La chasse préhistorique*. Paris 1941.
- LUQUET (G.-H.), *L'art et la religion des hommes fossiles*. Paris, 1926.
- MAINAGE (Th.), *Les religions de la préhistoire*. Paris, 1921.
- MARINGER (J.), *L'homme préhistorique et ses dieux*. Paris, 1958.
- PATTE (E.), *Les hommes préhistoriques et la religion*. Paris, 1960.
- REINACH (S.), *Cultes, mythes et religions*, t. I. Paris, 1905-1923.
- UCKO (P. J.) et ROSENFELD (A.), *L'art paléolithique*. Paris, Hachette, 1967.
- WERNERT (P.), «Religions de la préhistoire», in *Histoire des Religions*, t. I. Paris, Bloud & Gray, 1953.

O leitor que quiser mais pormenores sobre o método poderá consultar os trabalhos seguintes:

- LEROI-GOURHAN (A.), *Documents pour l'art comparé de l'Eurasie septentrionale*. Paris, Editions d'Art et d'Histoire, 1943.
- Étude des vestiges zoologiques, in *La découverte du passé*. Paris, Picard, 1952.
- L'interprétation des vestiges osseux, in *Congrès Préhistorique de France*, XIV^e session. Strasbourg, 1953, Paris, 1955.
- Le sanctuaire de la grotte du cheval à Arcy-sur-Cure (Yonne), in *Mélanges Pittard*. Brive, 1957.
- Préhistoire, in *Histoire de l'art*, I: *Le monde non chrétien*. Paris, Encyclopédie de la Pléiade, 1961.
- *Préhistoire de l'art occidental*. Paris, Mazenod, 1965-1971.

- Réflexions de méthode sur l'art paléolithique, *Bulletin de la Société Préhistorique française*, t. LXIII. Paris, 1966.
- Les signes pariétaux du Paléolithique supérieur franco-cantabrique, in *Simposio internacional de arte rupestre*. Barcelona, 1968.
- *Considérations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique*, Symposium internacional de Arte prehistórico. Santander, 1972.
- *Fouilles de Pincevent. Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien (La section 36)*, VII^e suplemento à *Gallia Préhistoire*. Paris, 1972.
- Observations technologiques sur le rythme statuaire, in *Echanges et communications, Mélanges offerts à Claude Levi-Strauss*. Paris, 1970.

INDICE

O MITO, O RITO E O RESTO, por Victor Gonçalves	9
1. Dificuldade de um percurso	9
2. Leituras	11
3. Religião e comportamento religioso	12
4. Os componentes do mito construído, a crítica do culto das ossadas	14
5. O além-túmulo	15
6. A arte religiosa	17
7. O símbolo, o mito, o rito e o resto	21

AS RELIGIÕES DA PRÉ-HISTÓRIA

INTRODUÇÃO	23
A natureza das fontes	27
I O CULTO DAS OSSADAS	29
Os círculos de ossos	37
Ossos incluídos em grandes amontoados ou em pilhas ...	37
Ossos «decorados»	38
Os troféus	40
O culto do urso	42
II PRÁTICAS MORTUÁRIAS	49
O culto das «mandíbulas»	49
Os crânios isolados	51
Reflexões sobre o culto dos crânios e das maxilas	55
O canibalismo	57
Descarnamento	59
A sepultura	60
O problema das sepulturas paleantropianas	63
As sepulturas do Paleolítico	66
Balanço provisório sobre o culto das ossadas e as práticas mortuárias	68

